

ao que minha vida  
veio...  
alckmar santos

 editora ufsc

Prêmio Salim Miguel 2011  
Romance

ao que minha vida veio...

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Alvaro Toubes Prata*

Vice-Reitor

*Carlos Alberto Justo da Silva*

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

*Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros*

Conselho Editorial

*Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)*

*Alai Garcia Diniz*

*Carlos Eduardo Schmidt Capela*

*Ione Ribeiro Valle*

*João Pedro Assumpção Bastos*

*Luís Carlos Cancellier de Olivo*

*Maria Cristina Marino Calvo*

*Miriam Pillar Grossi*

Prêmio Salim Miguel 2011 – Romance

Comissão Julgadora

*Carlos Eduardo Schmidt Capela (Coordenador)*

*Ana Luíza Andrade*

*Donaldo Schüller*

*Marcelo Tápia*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

[editora@editora.ufsc.br](mailto:editora@editora.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

Alckmar Santos

ao que minha vida veio...

Prêmio Salim Miguel 2011

Romance

© 2011 Alckmar Santos

Coordenação editorial:

*Paulo Roberto da Silva*

Capa:

*Maria Lúcia Iaczkinski*

Editoração:

*Cristiano Tarouco*

Revisão:

*Flavia Vicenzi*

Ficha Catalográfica

(Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

---

S237a Santos, Alckmar

Ao que minha vida veio... / Alckmar Santos. – Florianópolis :  
Ed. da UFSC, 2011.

204 p.

ISBN 978-85-328-0570-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

---



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

aos caipiras:  
Gentil Cintra de Andrade  
Ruth Guimarães  
Guilherme Carvalho da Silva



*Mororó tem segredos do tamanho de abismo, mas que cabem em buraquinhos pequetinhos destamaninhos de fechadura, escapulindo por aí os cujos, para irem, regalados, pintar o faneco no vento, nos ciscos das ruelas e bitesgas, divertindo os cuspes das línguas do povo burburinhoso. Mororó tem o pássaro que visita a escuridão onde moram os agouros. É de se acreditar que tem paredes com ouvidos, transpirando intrigas. Tem matrimônios maculados, ror de mulherzinhas inverecundas qual Vênus violadas, infelicitando Vulcanos ou vice-versa... Tem beco e tem barranco.*

Eugênia Sereno, *O pássaro da escuridão*

*...era um homem apenas encoberto.*

Machado de Assis, *D. Casmurro*, capítulo CXL





# Sumário

Apresentação	
A que vem este romance?	11
Bem lá do alto	13
No rés do chão	23
No rio	34
Calor	42
Na ponte	51
Um enterro	58
Barulho de tapa	69
Febre	78
Por água abaixo	90
De Montese ao Vale do Pó	99
Pelo vento vindo	114
Todo fogo	123
No Rio-de-Janeiro?	134
Muitos morros e montes	147
Ruídos, barulhos, estrondos	178
A Salamandra	189



## Apresentação

# A que vem este romance?

Como seu próprio título (*ao que minha vida veio...*), seguido de reticências, este romance não é uma narrativa direta que logo anuncie a linha de seu enredo e depois vá explicando tudo completamente. A história, ambientada primordialmente no interior de São Paulo, a partir da década de trinta do século passado, e contada pelo neto de Josefo, “contador emérito de histórias sem beiras, de casos de quase soltas causas”, tem uma estruturação aparentada com os causos. Ou seja, é elaborada em uma linguagem saborosa que alonga as frases em torneios e detalhes sobre o que se passou. Como para o narrador é relevante descobrir quem foram seus pais, ao contar sua procura, ele também vai dando um sentido ao seu percurso.

A pergunta básica é exatamente a que faz Juca Capucho ao narrador-personagem: “Então ‘cê quer mais é saber de onde qual progenitura é que é mesma a sua, é não mesmo?!”. O leitor, entretanto, não deve esperar nem que esta nem que todas as outras indagações do percurso tenham respostas cartesianas ou retas, pois o tom que predomina na escrita é sempre o indireto e o furta-cor. Quem conta a história não é um narrador que sabe de tudo, nem alguém que vai lançar luzes claras sobre ela, até porque nada é absolutamente claro para ele.

O enigma a que se refere o título, enigma o qual se pode imaginar que vai ser desvendado à medida que a leitura do texto

avança (e o narrador-personagem se envolve em uma busca de suas origens), na verdade percorre e alimenta o romance todo. De fato, não pode ser resolvido com uma simples resposta, porque não é somente uma procura de pai e mãe, mas também da identidade do narrador.

Como numa história de detetive, em que o leitor só sabe o que o detetive descobre, vamos investigando, junto com o narrador, vestígios do que aconteceu antes da própria existência dele e pistas derivadas de sua vivência com outros personagens, vivência que é reinterpretada sucessivamente. Assim, ao longo da investigação, acompanhamos as mudanças que as revelações operam na mente do narrador, que é afetado pelos resultados de sua própria busca.

Trata-se de um narrador-personagem que se dedica a dar sentido às peças de um quebra-cabeça, tentando formar um todo, procurando configurar pouco a pouco os elementos de sua narrativa e estabelecer relações entre eles, para dar-lhes certa ordem e significado, provenientes da própria perspectiva dele, que, entretanto, é cambiante ao longo da história.

Ao acompanhar os passos do narrador, o leitor pode desfrutar da dor e da delícia de cada momento. Ou seja, é exatamente em virtude do ponto de vista adotado que o leitor se situa em uma posição em que pode chegar ao sentido para o qual as perspectivas do texto vão orientá-lo. Pode, então, viver vicariamente as experiências do narrador e entender como e por que ele altera sua posição no enredo. Como a leitura é sempre o encontro do que o leitor já possui com o que o texto tem a oferecer, também o leitor vai ganhar ao vivenciar estas experiências, trazendo para seu mundo e à sua maneira aquilo que o narrador trouxe para o dele no romance.

Boa leitura!

José Luís Jobim

## Bem lá do alto

Tio Eli... deixou um bilhete: *Viva o amor.*

E pulou do ponto mais alto a que pôde chegar da sapucaieira maior das três que por lá havia. Depois de ter dado e feito, durante a subida, seus dois ou três escorregões no limo verde-encardido dos galhos, que quase anteciparam sua queda no encurtando a altura do salto e dando um esticado assim na vida sua dele ainda por mais um tempo – que daí teria caído ele, Tio, de altura nada de coisa nenhuma condizente com tragédias e gestos desse jaez –. E foi assim que, sem mais escorregar nada não e com bem menos de dificuldade, ele apegou-se um só instantinho àquele e último galho, antes de se despenhar de lá de cima e chegar no ao-chão a bordo de um baque seco cheio de ecos. Que tapa dado em cara de filho e queda de suicida nunca param de ecoar. Ficam atroando ainda depois de terem silenciado as carpideiras todas, e desaparecido tudo quanto é soluço fingido e não, e mesmo sumidos de-vez de-feita os últimos estrídulos da marcha fúnebre tocada que era sempre pela Corporação Musical Mamede de Campos, que acompanhava todo enterro de escoltado e havido por lá.

De meu Tio e de sua queda, atestei que ele se havia despenhado da sapucaieira sem mais palavras dizer e deixar do que aquele curto estrito bilhete, mas estaria incorrendo em erro e omissão, grossos, pois que nada! de ele ter pulado de pirambeira de morro nem de pedra coisa alguma!, mas de árvore, sim! E além

de tudo o mais, o curto bilhete, esse, não foi a única coisa que disse e se disse a respeito desses eventos todos, como se verá com o tempo e com ainda a zelosa paciência de se ir descascando as camadas todas de gentes e de histórias que habitam esses miúdos gestos com que vamos no-sempre nos rascunhando, desde o quando em que nascemos. E se alguns por aqui já se perguntam *Por quê?!*, e outros acrescentam *Como?!*, e ainda alguns atrevem um *De que jeito?!*, o máximo que se pode então e bem dizer é que toda pergunta só ensina muito depois de ser esquecida, mesmo porque o futuro só dá resposta ao que parece nunca ter sido perguntado!

Tirantes os nadas outros minguados sem importância, o máximo que se pode afirmar é que era no ano de 1932, informação com que ninguém daria no tal e dito bilhete *Viva o amor!*, pois que ele não trazia data nem hora, nem local nem circunstâncias nenhuma. Exíguo de meios e de maneiras como era e foi, econômico no cerne seu, mas sempre muito de eloquente nas molduras, meu Tio parece ter decidido que, daí em diante, as pessoas perceberiam sim que bilhete de suicida é de todo tempo e lugar; que, no aliás, bilhete de suicida sempre inaugura nova época e inédito local, refunda o mundo inteiro todo em cima de alguma lacuna, bigue-bangue ao revés que é, e que tal gênero de missiva não precisa e nem deve de ter aparência de ofício encaminhado a alguma repartição coisa-nenhuma. Corria então o ano de 1932, colorido e agitado pelos céleres aeroplanos do governo, federal, que, de quando em vez, traçavam linhazinhas vermelhas e barulhentas no azul ligeiramente algodoal do céu – como ocorre habitualmente nos maios, em Silveiras – e punham em polvorosa completa a molecada, pouco usual que era e ainda estava a algazarras de máquinas, a estrépitos de hélices, e ainda menos afeita a velocidades tão rápidas.

De fato, a coisa mais estapafúrdia que se contava ter sido vista no céu, antes desses aviões, havia aparecido há coisa de mais de vinte anos antes e fora motivo, então, assim de sustos sem conta, quando surgiu, enquanto esteve no se-exibindo e ainda

depois de ter-se ido embora. Lá por volta de 1910, foi isso mesmo!, uma estrela deve de ter-se desgarrado de seu ponto de costumeiro apoio, se aproximado em demasias da existência da gente e deuse o gosto de ficar lambendo as adjacências dessa terra nossa e de todos, cometa que não vendia nada mas de graça dava todo susto e amaravilhamento que se podia cometer e pensar. Quarenta e quatro anos depois, o tropeiro Juca Capucho se lembrava ainda, tim-por-tim, da madrugada fria em que acordou mais cedo que o de-costume, cheio de incômodos pelo colchão escanifrado, de mau capim e de palha ressequenta todo feito, decidiu algum bom-dia engrolado lá p'ra sua mulher, encolhida e imóvel que estava ela no de-embaixo da manta mineira, e foi tratar da burrada da tropa, tendo antes o seu cuidado de engolir um punhado de farinha de milho com leite coalhado, tudo espiritado a café fortalento e recém-saído da chapa de ferro do fogão-alenha. E, então, como acima assim se dizia, Juca Capucho ainda fazia lembrar, nos meados de 1954, do silêncio demais dos bichos todos e, muito mais do desusado, do calado estranhento que se havia pespegado às coisas: nem ripa de telhado estalando, nada de gota despencando de torneira mal fechada e bem pingante, nem tábua de soalho se soltando loquaz e imprópria, nenhuma janela batendo mal-fechada e ainda pior tramelada, nada disso! Era como que uma cumplicidade de mudezas, e Juca Capucho só se deu conta ao se pôr bem no ao-lado da madrinha da tropa para meter os baixeiros por cima e, no que estava jogando a manta do outro lado do lombo do bicho, jogou também um pedaço do olhar para em-cima e deu de vista e de cara com aquela estrela imensa, mas muito maior do que qualquer peça de presépio que o Padre António já havia montado na igreja do Bom-Jesus. E foi só aí que ele percebeu – e nunca não esqueceu jamais tempo algum – que todos os bichos estavam olhando na mesma direção que ele, atarantados por aquela aparição de-súbito: grilos depositando suas pernas e antenas em pedras apenas mal roçadas; vacas suspendendo rumações e deambulações para se desapartarem



de suas espevitações no espreitar de ares e céus; angolinhas já bem acordadas concertando retidões de pescoços e de pernas paradas e de bicos cerrados e sem emitir *tô-fraco* nenhum; cainçalha espalhada no vem-não-vem de vento e remedando roupa já-seca e parada em quarador; alguma coruja ainda pega no antepio de *uhs-uhs* nunca mais ou dantes emitidos; carrapatos se dizendo em filas-índias a estabelecer intermitências marrons entre os verdes das dobras folhidas da carqueja; e mais toda uma tropa de grosas de bichos e animais e alimárias de todo jeito e tipo, tudo concordando no suspenso de céu e vez, pendurando vistas nalgum ponto entre a bolona e o seu adelgamento respectivo que tomava bem mais metade de todo o horizonte que se podia abarcar em única uma olhada, nessa mancha meio alaranjado-zinabre, meio amarelo-terrão, que se encompridava do Morro do Padre até o Alto-da-Volta-Fria. E foi aí que o Juca percebeu que tudo o mais do mundo, as coisas todas e suas existências estavam mesmo combinando silêncio só por mor de melhor ver aquela estrela em toda inteira aparecência! Tomado do mesmo respeito com que se espantava sempre com os olhos merencórios e arroxeados da Virgem, na Procissão do Encontro em Semana Santa, Juca ficou todo sem se mexer, boca quase aberta que denunciaria até falta de esperteza e tino não fosse a presença agigantada do cometa impondo enormidades quase como se deixando tocar mas evitando essa demasia de proximidade em última instância e instante. E, foi tentando voltar de mansinho, que o Capucho deu de tropeçar imprevisto no cocho ainda meio vazio das lavagens e comezainas que a porcalhada havia deixado intacta no relento e esse foi o maior barulho – pancada seca e dorida da canela dele no pau de canela do cocho – que ele disse já ter ouvido em toda a sua existência de-antes e na que viria de-depois em diante. Choro de mundo nascendo ou estouro de Sol rompendo fraldas e rasgando cumes de morrarias – se Sol e morros fossem capazes de se anunciar em alto som –, Juca talvez dissesse que tinha ouvido ali o vagido de nascença do universo e

de suas coisas e de seu tempo... Se é que o Juca algum dia tenha carregado em si essa noção de que mundo nasce e morre, e que só olhar de despedida das gentes pondo os olhos fundos nas mãos que acenam, e cartas de suicida que não voltam atrás é que ficam ganhando eternidades definitivas. E, por não ter à mão noções desse tipo e espécie, não disse nem quase nada pensou, deixou-se ficar apenas atarantado pelo baque surdo da batida e pelos ecos que pareciam sair dela e ir-se agora emendando uns nos outros dando em uma só corrente de barulhos que se faziam um único e que ia se costurando a cada vargem, a todo espigão, às encostas várias que fosse encontrando pela frente, vencesse águas e todo comprimento de mar-oceano até que, cansado de quilômetro e quilômetros, de léguas a perder a vista, se visse pelas costas ao dar volta-do-mundo-inteiro e segurar num só seu assomo de som e de barulho tudo que não podia os olhos alcançarem mas competia à cabeça sonhar! E até temeu súbito que tal barulho pudesse fazer escorregar o cometa de seu lugar lá dele tão possuído e evidente!

Mas, em 1932, o ruído dos aeroplanos era menos respeitoso e se anunciava já antes de a coisa ser vista e sentida. Mas isso era em 1932, ano dos vermelhinhos pondo medo de quase-brinquedo nos rostos das crianças e susto na conversa da gente-grande, ano em que Tio Eli jamegou um *Viva o amor...* e saiu-se com essa história de pulo e pena. Ora, em 1954, Juca Capucho nem mesmo queria se recordar muito mais de nada do Tio nem de nenhum disso, apenas ia pintando de cinza tudo o mais que tinha sabido e conhecido, insistindo cada vez mais no silêncio de só-lembranças como a do cometa, como se sua vida de muita andança e trabalho fosse ficando apenas reduzida àquele dia exatinho, àquela friarenta madrugada que ainda mais se enfriava na luz baça do astro como que pondo sujeição e domínio por sobre os seres viventes e silentes todos. É que quanto mais anos se vive, mais a vida vai ficando presa a um único e certo dia – e isso, que todos ignoram no mais das vezes, que a maior parte de nós morre sem dela nunca tecer a menor mínima desconfiança, essa sapiência se dava fácil e imediata ao

Juca Capucho, naqueles idos de 1954 –. E, exatamente nesse 1954, o então ex-tropeiro nem de longe podia assuntar alguma ligação entre esse desgarre de estrela e a queda solta do Tio. Pois que no certo também o Tio devia de ter visto o estrelão todo inteiro e se espantado seu muito. Senão, nunca é que teria chamado e acordado a casa toda inteira, pondo visgo de ruído em cada recanto, talvez pelo vezo de dar algum responso ao barulho inaugurado pelo Juca Capucho, bem lá longe no perto do Dos-Macacos. Tio Eli entrou quase que de fasto, não querendo não perder a vista daquela coisa inteira instalada no céu acima e adiante. Com a mão por detrás das costas, desceu o trinco da porta da sala e, sempre de ré, adentrou-se na sala de jantar sabendo direitinho e sem obrigação de olhar quantos passos podia dar até não bater quase na primeira cadeira da mesa de jacarandá, imensa de doze lugares folgados e mais uns tantos se apertados. Desviou-se rente pela esquerda, passando ao lado – meio palmo, se tanto – da cristaleira cheia de quase-barulhos de cristais e de vidros muitos e já foi metendo grito em concha de mão adrede colada às bochechas e trombeteando novidades e espantos num *Acorda todo mundo! Vem cá fora!* Mas o primeiro ser vivo que se dignou a lhe dar atenção e ouvidos foi o gato Murum, deitado que estava na cozinha, ao lado das cinzas ainda quentes do fogão-a-lenha e já se esticando do cochilo ligeiro e já lambendo limpezas lá na pele sua dele. Algum cachorro pode ter latido no quintal, mas disso e dele nada ninguém não ouviu, pois que o Tio já acrescentava ao primeiro apelo um segundo *Levanta, turma! Venham ver o que nem é pra ver!*, incontinenti respondido, agora sim, pelos resmungos de gente ser-humano, que aconteceu de ser o do seu pai dele, Tio Eli, e era meu avô Josefo Pereira Mendes, resmungando, então, e já querendo saber que troço de tragédia havia de ter acontecido para aquele chamado em hora não muito importuna, mas ainda cedo em demasias de escuridão e um tanto de frio.

E aí cumpriria algum desvio para dar conta e notícia desse Josefo Pereira Mendes, se não corrêsemos o risco grave de perder a passagem do cometa e o despertar estremunhado e barulhento

da casa toda, casarão, aliás, de vários e muitos cômodos, duas cozinhas e suas bocas acaloradas de fogões-a-lenha fumacentos, salão já referido com sua mesa de imponências, cristaleira de pose e aspectos, aparadores e marquesas se impondo ar inóspito em terras de ruralidade tão evidente, quartos muitos e todos jogando pé-direito para uns bons quatro metros e apetrechados de camas sempre de-casal, copa com quadros de paisagens branquinhas e verdinhas de cenas francesas que alguém desconhecido deixou por lá, de regalo e oferta de boa mão e bom-grado. Ou seja, o tudo que de mais se podia esperar de casa-de-fazenda grande e próspera, essa que, agora e então, se apequenava diante da evidência pomposa e ao mesmo tempo indiferente do cometa, alheado que estava ele das pequenas tortuosidades das existências todas que se azafamavam no ali em-baixo. Existências deles outros, que eu só nasceria dali a ano e tanto, se tanto!

No mais dos minutos que se seguiram então aos brados de assombro medido e comedido de Tio Eli, a casa como que foi ganhando humanidades e movimentos e seus alguns sonidos, sem que ninguém, nem mesmo este que vos fala e racconta, levantasse mínima suspeição e dúvida de por que estaria ele, Tio, fora da casa e de pé em tão baixas madrugadas. Ao lado do avô meu, Josefo, e pai do Tio, dormitava já em quase-despertamento a avó Joana João de Andrade Mendes, levantada então e após pouco o soerguer-se decidido do marido. No-depois, e rápido como sói ser e acontecer nesses entreveros, foi vez da pequena multidão de agregados e serviçais da casa, vindo aos magotes e poucos, preenchendo de espantos ainda maiores a sala grande e, depois, o alpendre onde se penduraram todos, como que em concerto unísono mas silente, o olhar direto e fixo no cometa, como se estivessem eles cardando e dobando um seu único fio se entretecendo entre todos para amarrar o cometa por de-vez e sempre à vista de deles. E, a eles, serviçais e avô e avó já também quase chegando e se pondo pasmos, agregou-se o restante da família, trazendo ainda remelas e bafios de sono mal despertado,

os dois mais filhos, Altair e Aldebar, as três filhas, Maria Rosaflor, Rosibel Branca e Lunaflor Rosália, com os filhos seus delas à exceção desta última, exercitozinho de cinco ou seis meninos e meninas de variada idade e que estariam fadados a se tornarem em breve primos e primas dessa pessoa minha aqui. Mas isso é pôr no adiantio o rodar da carroça.

O mais que importa, talvez, é pôr reparo em que poucos viram ou notaram com esmero e certeza o olhar do Tio Eli, agora desmudado do susto amaravilhado do começo, para uma certa fixidez de estranha fatura. Era como se ele botasse empenho e inveja na altura mui séria do cometa... À exceção, assim, desse mirar soslaiento e pespegado de emoções outras do Tio, as pessoas todas se puseram em sérias posturas de formalismos improvisados, algum ou outro soltava o esperado comentário dando conta de nunca ter ouvido nada de semelhante jaez de que algum antepassado, mesmo longínquo e quase-legendário, tivesse tido e testemunhado aparência desse tipo tão impressionantemente disposta a meter atavios pela vida afora de quem tivesse visto e nunca mais que teria podido esquecer tal instante e evento.

Mas, pelo normal das coisas de serem elas, o dia seguinte certo é que traria alguma evidência de primeiros ensaios de descasos para com o visitante cometa: um ou outro que não poria força e empenho em arrostar seus frios e fainas de levantar-se em pé de chinelos ou botinas, alguém que pretextaria novidade já desbotada de interesses, até mesmo alguma criança acometida de febrícula catarrenta ou tendo bebido o seu devido e noturno purgativo que nem podia pensar em arredar pé do ao-pé do penico. E, assim, então, aos poucos e pequenos passos, nos seguintes dias, essa plateia do cometa se iria fazendo outros vezos e olhares, dando mais conta do calor dos colchões e do café, do que do alumiado silente da estrela. Mas, o curioso, é que nada nem ninguém não aceitou essa sofismada e sempre estiveram e se puseram diante do astro. E sabem como assim então?! Foi que, a cada madrugada, naquele rol e colar de dias que se enfileiraram em

torno ao cometa, é como que essa madrugada primeira se repetisse quase exatinha e pronta. Não que cada um tomasse decorado, a peito, seu papel e falas e poses, reincidindo nos mesmos gestos e movimentos e dizeres e olhares todos. Nada disso! Juca Capucho não teve de encanelar-se novamente no cocho, nem Tio Eli despediu tais e tantos gritos e ânimos de alerta. Mas era como que uma e só única liturgia, a cada manhã de dia, combinada em tacitezas meio acumpliciadas, meio improvisadas, de jeito que, em todos, se podia notar a sinceridade com que olhavam de novo a primeira vez para o cometa. E ele lá se ia deixando ficar, dia após outro, como que apresentando credenciais de estadia e foro de residência para o nunca-mais de sair de onde estava e posto foi. E lá estava ele: altaneiro com suas discrições de lorde asmático, pondo e repondo seus amarelos vários tons, rabiscando um mesmo e sempre novo desenho no céu, marcando lugar só dele a partir daí e para todo o sempre nosso. Quase ao alcance da mão, pondo-se inteiro disponível em nosso cismar, tomando conta do olhar que todos aprendiam a não ver bem direto e direito, soslaio inaugurado na maneira como ele quase que exigia ser considerado. Estrela de cinematográficas poses, mas dando de cheio e de chapa na vida de todos e de cada um, exigindo silêncios prenhes de cores, o cometa se cumpria mestre e guia para algum tempo e lugar que ninguém sabia nem dizia, mas que cada um ali se perfazia em reconhecer o mais possível em-si. A cada manhã, então, era a vez de todos repetirem a primeza daquela novidade, pondo-se cheios de espantos renovos a cada vez que os galos se calavam, em vez de anunciar o Sol, para cercar o cometa de seu silêncio tocaiado de espantos. Todos se postavam, então e assim, de pé diante da varanda da casa, para exprimirem seus bons novos assombros. Todos, não! Tio Eli se susteve na firmeza de manter aquela certa fixidez de estranho feitio, pondo ainda mais pasmo no que, no normal das outras gentes, pessoas e criaturas, era apenas e só a certeza de estar diante de algo que conferiu e contemplou o nascer do universo. Mas, para ele, Tio Eli, não?!

Porém aconteceu, foi, que um dia ele se deu de-sumiço, aumentando suas desaparências, tão mais depressa quanto havia surgido. Depois dele, o céu parece que como que ficou pobre e isento, agora sempre à espera de alguém, coisa ou gesto ou gente, que tecesse novamente essa vez e essas manhãs. O que não houve! Vovô Josefo, Vovó Joana João, as filhas quase esposais ou mães-de-família Maria Rosaflor, Rosibel Branca e Lunaflor Rosália, os varões tios Altair e Aldebar e Eli, a turbamulta de Chicos e Tomás e Dricas e Gibinhas e Tomazes, toda essa maltazinha de infantes turbalentos, a família e seus todos agregados cujos serão certamente declinados em algum ponto futuro desta história, essa gentarada inteira aprendeu e nunca não desesqueceu de deixar nalgum canto do olhar a pequena e certa necessária malinconia pela partida do cometa.

Apenas Tio Eli nunca mais é que perdeu aquela sua fixidez de estranho jeito no olhar. Será que ele, nunca antes dado p'ra essas coisas de seriedades demasiadas, tinha inteiro se assentado naquele cometa?!

## No rés do chão

Por isso, talvez então, o como o Tio se investiu com a visita imprevista e vovejante dos aeroplanos das tropas federais, naquele já falado e comentado 1932. E era maio demais e muito? No início achava que sim, mas agora, se consulto manuais e certezas de datas, sei que era bem depois de julho. Mas o fato é que, ao que nos interessa, nenhures se percebeu no início das anormalidades que iam brotando das expressões e trajeitos do Tio Eli, fosse como fosse um desarrumado das mãos ao acenar adeuses ou saudações de chegada; algum virar de pescoço e olhos em busca de ver o que já não lá estava e que ninguém podia mesmo ver mais; o colarinho da camisa – sempre brancas, todas elas dele, alvejadas a anil e fixadas em partes muitas a claras de ovos – subitamente desparelho em diferença assimétrica de lados ambos; ou talvez fosse o cismar silêncios logo de-depois do café de meio-dia; o seu de sempre mas agora agrandado franzir de cenhos que só ele mesmo teria percebido. Fosse como fosse, os aeroplanos deitavam teimas de passear rosnando sobre os céus logo acima de nós, pondo pontos muitos de polvorosa nas gritarias e corre-corres das criançadas e a preocupação alguma serienta de quem, como eu, já adultava solenidades meio infrenes. Se diziam coisas, no mais imaginadas, mas que compunham superfícies onde deslizavam medos de todos. A rebelião corria solta em outras frentes, mas os aviões seriam sérios porta-vozes de batalhas e de desmandos, podendo de hora para outra despejar rancores e estouros, de cima deles, seus motores,



até o embaixo nosso, seres ainda viventes. Falava-se e se afirmava ser iminente a escuta de troares de bombas e canhões, tudo bem certificado conforme e atestado até pela passagem de tropas de infantarias regulares, nem todas elas acertadas em suas fileiras de ordem e asseios. De quando em quando, até se davam conversas com pequenos grupos de soldados, muitos muito jovens mas já sem a devida vestimenta de brios e ideais que, imaginávamos, faria de cada um deles uma reencarnação multiplicada de Martins, Miragaias, Drúzios e Camargos. Nada disso, o que víamos era susto, um susto, o susto... Mas muito ainda maior, e diferente daquele dado pelo cometa, pois que era sobressalto sem íntimos, medo sem substância, que, para se pôr pé e dar graça de si, tinha que ir buscando seu cerne na carne e na alma de quem o ia levando. Então, daí vem que aqueles grupos de soldados e moços carregavam e exibiam uma ausência de si, sacos de ossos e músculos que, vazios de-próprio, se enchiam desse susto sem sustância. E, se trocavam palavras algumas conosco ou com quem quer que estivesse em caminho seu, era apenas para jogar palavras adiante, atrás do que eles iam e seguiam caminho, sem nunca atinar com aquela frase sem sentido que seus pés, marchando, iam traçando nos caminhos empoeirentos de Silveiras.

Todos? Refalo, então, que nem todos, talvez um só apenas único tenha se quedado, sequer quieto, mas tossissivo, pondo no empenho de respirar alguma desordem que desandava seus pulmões todos dois. Se deu que, então, no mais do coice da tropa lá deles, ia-se desmilinguindo a ordem formada em linhas, junto com a vontade de seguir adiante escrevendo seus desacorçoos, feito fim que se fosse afinando em aos-poucos diminuídos magotes de soldados, a Deus-dados os seus passos cada vez menos certos e em-compasso, cada vez mais indeliberados no seguir adiante e a-preço todo e qualquer. Esse último derradeiro deixou-se ir ficando e perdendo comandos e fitos, assim como parecia perder o ralo sangue que ainda forcejava em veias quase vãs lá suas. Alberto – era o nome, não marcado em fitinha pregada ao peito, talvez inscrito

em papel oficial de convocatória ou voluntária alistação, porém falado e redito no vau das vezes em que se deu a ele oportunidade de falar e dizer —, que foi esse Alberto, Alberto Dioto, pego no fio quase rente da queda sendo ensaiando rápida e longe das vistas dos demais outros camaradas seus de armas e guerras. Era paulista, esse Alberto, de São-Paulo, da Capital mesma, e nunca ninguém sabendo ficou se estava lá por imposição de vontade autá ou por solicitar de documento propício, se por preceito de pai italianado se querendo mostrar tão brasileiro mais-que-muitos e pelejador por terceiro interposto das lides libertárias. Que ele nunca não disse disso nada, nos dias e horas em que lá ficou, estirado, primeiro, no chão poeirento e marcado das solas suas e dos seus, tentando ver, no fechado dos olhos e no baixio do caminho, se ainda havia estrelas ou fenômenos dessa estirpe e modo no dentro da terra; segundo, no colo um pouco raizento de paineira para onde o levaram e que dava, àquela hora, rala sombra mas bem colchão de gramazinha aconchegueira e suave a costas maltratadas e a espíritos apoquentados sem descanso; terceiro, na tulha meio cheia e meia esvaziada de milho maduro e das quijaras algumas de sempre se fartando esconsas como ratos que eram. E foi aí, nessa tulha que todo ele tresvariou em-bordo de febre de-acima dos quarenta, sem parar um minutinho só apenas que fosse nunca, pondo rigores na nuca, sustentando tremelicações na pele, suores no todo o corpo, arrepios nos olhos, constância nos ardores. E isso por seus bons três ou quatro dias, em que um nada mesmo comeu, nem muito mais que disso bebeu, que ninguém diligenciava esforço de meter alguma saúde pela boca adentro sua dele. Apenas e somente, então, lá pelo quarto dia do azado sofrimento, aceitou ele levassem um de-beber e algum de-comer a sua boca, e aconteceu ser essa alguém de nome chamado Lunaflor Rosália.

Muito e algum tempo depois, ela mesma é que me contou ou melhor mostrou isso. Ou talvez seja melhor afirmar que apenas em pequena ínfima parte, pois que o mais e bastante veio vindo e sendo tirado dos suspiros ainda habitando lábios seus, ou de

certa incerta respiração que ainda a acometia por baixo dos panos de roupas muitas e das décadas várias se passando entre esse tempo dos aviões vermelhinhos, de soldados enfebrezidos, e o quando pude ver dela e – aquém muito dos pudores e pejos seus todos – ir tirando não em palavras, mas em gestos e hesitações e encobertamentos e dissimulos.

Alberto Dioto havia chegado a Silveiras na ponta de um colarzinho de acasos que poderia começar de algum estouro inaugurando um universo e seus astros, mas que se pode acauteladamente dizer que se iniciou pela chegada de seus pais ao porto de Santos, lá pelos meados de 1910, pai e mãe Giambattista e Gigliola chegando e chegados sem nem bem certo destino final, mas trazendo certezas de prole vindo, pois que Gigliola estava nos quases de primeiro mês de gravidez inesperada e ainda por ser certificada, donde nasceria oito meses ou quase, mais tarde, o mesmo Alberto. Mas o fato é que já foi ele batizado e abasileirado ainda em ventre e vendo o funcionário da imigração pespegar um Dioto mal escutado e pior ainda ouvido como seu sobrenome e patronímico, no lugar de um Giotto mais ilustre e luminoso. Mas ora, entre esse nascituro de 1910 e o mocinho de 1932 correram as águas e os tempos como sói acontecer com filhos de imigrantes crescendo e se encorpando na cidade de São-Paulo, com toda a coorte de colegas de variada estrangeira origem, e todo o séquito de mestres e escolas, e toda a azáfama de brinquedos de rua e toda a legião de estrepes no pé. Não haveria, assim e então, o mais muito que dizer desse Alberto, salvo o fraco dos pulmões que ganhara em madrugadas frescas ou mais frias, entregando pães ainda antes de se pôr em cadeiras de ensinar-aprender, fraco dos pulmões que não o impediu de frequentar as hostes rebeladas de São-Paulo e que o lançaram ao chão, em Silveiras, no mais exato no Bom-Jesus, mordendo o pó do mundo e bafejando o umbigo da terra, antes de ser posto na tulha, em cama de palha de milho adrede e bem arrumadinha para caber um corpo que parecia dar seus adeuses tão jovem ainda e embalado na comiserção dos poucos que o foram ver, nos dias que se esticaram

no-depois. E, dentre as gentes que se dirigiram para o catre mal ajambrado, estava então essa e mesma Lunaflor Rosália, tomada de cuidados, medicamentosos e delicados.

E quem pode dizer?! como se dá começo a essa sutileza de transformar o automático dos gestos buscando cura, na sinceridade de mãos pondo enlevos e carinhos, como quem, primeiro, cuida de filho retornado anos muitos depois, e, depois, toma conta de moço e homem muito seu digno de receber atenções mais próximas?! Nada há de distância entre a vida e o amor, e o cuidar de uma é cultivar mesmo o outro.

E foi assim, com o cuidado com que Alberto caiu sem machucar em demasia a terra, com a leveza da palha recebendo seu corpo afilado pela febre, com a delicadeza dos passos de Lunaflor Rosália pedindo licenças para entrar sem que boca alguma sua dissesse o nada, foi assim que os olhos de Alberto, ao abrir em consciência pela primeira vez, já encontraram feito e refeito o caminho para um algo-a-mais nos olhos de Lunaflor Rosália, um sentimento que buscou caminho nas mãos da mulher madura de trinta-e-seis anos e achou logo o imediato do abrigo nos olhos do mocinho de vinte-e-dois.

Apresso-me? Mas como não ver essa teiazinha de rapidez se tecendo no mesmo modo como, seus vários e muitos anos depois, em sua casa de então, no centro de Silveiras, vi aquela só-silenciosa Lunaflor Rosália ajeitando a beirada com vincos do bilro que cobria pedaço da mesa, num movimento escorado em sutilezas quase imóveis, em que as pontas dos dedos pareciam pairar intáteis a meros milímetros – ou mesmo quase nada – das dobraduras líneas da toalha?!

E foi assim, então, como acima se dizia, que esse um Alberto despertou de dores e febres para os agastamentos e calores, sem que, nessa substituição, pusesse pressa mais do que aquela que já se cardava nos fios do destino; assim como foi, também, que uma Lunaflor Rosália se viu despertada e meio esquecida de agruras anteriores antigas e ia já pondo no artigo da vida o muito estrito

brilho em olhos seus de fundos pensares. Foi assim! Se deu que, a volta à consciência de Alberto anunciou-se não só apenas pelo abrir-se de olhos ou pela estupefação de se ver cuidado e guardado e protegido e atenciado, mas ainda pelas linhas de esboçado e, depois, evidente sorriso com que ia correspondendo às atenções de Lunaflor Rosália, pelas palavras poucas e, depois, mais e mais largas, com que ia interpondo comentários inutilmente verbosos à mudez necessária dos olhos e das mãos. E se deu que Lunaflor Rosália, essa, punha tento e tamanha amenidade nas estratégias de rodear palavras com atenções, de roçar mãos e dedos em dedos e mãos de Alberto, tanto assim fez, que se tornou logo por demais evidente para eles ambos que estavam lá a contar e a estimar seus fatos e fados de maneira nunca antes presumida. É que ambos escreviam uma história em que se isentava o mundo de todo o tempo anterior – pois não é?! que todo amor renova a profusão do universo pela pouquidade de duas só pessoas?! –. E o quê e quem se viu e se assuntou de tudo isso? Quase nada, quase ninguém, salvo os dois mesmos, eles ocupados em demasias de singelezas e pondo tento e tempo nessa muda ocupação de ir desenhando passos aos poucos da casa à tulha, da tulha à casa; depois de algum restabelecimento e recobro de sanidades de Alberto, deixando despojos de desejos ao léu, pondo detalhes de verdes e sonâncias de sinos nas árvores e nos galos. Que eles dois estavam em vias e séria empreita de outorgar mais uma esperanzazinha à espécie nossa, não fossem eles ignorados, no mais das vezes, pelas fainas bem menos ingentes das gentes: os retireiros, que ancoravam o vermelho levantante do Sol em esfera de-balde branca, se ocupavam muitamente de vacas e bezerros para porem olhos e atenções na frequência por demais assídua com que um e outra, uma e outro se faziam acompanhamentos e cuidados; os camaradas da roçagem faziam o que se lhes dava fazer, que era o passar no fio da foice o veio dos pastos e as vias da terra, sem atentarem mínimos para olhares de Alberto e de Lunaflor Rosália teimando em recompor o que a sina cortava e o tempo separava

– os caminhos titubeantes que as pernas ainda dormentes do soldado trilhavam hesitosos e arquiando apoios de ombros; a pessoarada da cozinha metia calores sob fogos e fogos sob vasilhas e vasilhas sob comidas e não prestavam nem a devida atenta vista ao modo como os olhares deles dois molhavam chãos de bem mansinho, antes de adentrar-se em pompa e silêncios pelo sorriso um-só de-leve aflorando nos lábios e dando ainda maiores calores nos peitos lá internos deles dois.

E o fato é certo é que nem foram eles além adiante dessa serenidade feita de retalhos de intenções mal insinuadas e já recolhidas, como bando de maitacas cujos gritares se anunciam em-longes e se calam sem que apareçam asas ou penas ou verdes corpos de aves a dar sustâncias e presença ao que se anunciava. Que neles dois nada foi preciso fazer ou acrescentar, a não ser aquelas horas e dias em que se descobriram dois e um, que o tempo nada faz conosco além de brincar de nos jogar acima e abaixo, igual agora, e já diferente no logo-após. Se houve algum conluio de carne e pele? Na maneira como Lunaflor Rosália, nos vários anos depois, se sentou diante de mim, puxando delicadamente a manga comprida do vestido e torcendo o botão de plástico bege entre o dedo mindinho e o mata-piolho, se podia perceber toda a ínfima distância com que ela e Alberto se mantiveram, ali se podia ver desenhado a grafite grosso a linha mínima em que se equilibraram para dar conta de desejos e de vontades. Talvez se possa aqui dizer, ainda, que apenas uma vez houve ocasião e jeito de se deitarem juntos. Alberto dormitava seus penares e cochilava saúdes recomeçantes, soltava sono bom de fim-de-tarde, na tulha e catre atapetado de palhas, dava azo ao coração e desfastio à vida, quando Lunaflor Rosália entrou trazendo o certo-devido chá de erva-cidreira com tantinho de cachaça. Vendo que dormia e até ressonava ele, vendo não vir ninguém, nem se aproximar hora alguma de afazer imperioso a mando de chamamento de pais, mães ou outros, vendo, então e enfim, que haveria aí alguns instantes sobrando de tempo e tirado

do cotidiano, Lunaflor Rosália colocou-se também alonjada ao lado de Alberto. Alberto que dormia meio de lado, sobre o lado direito do corpo, a perna esquerda esticada e um pouco em recuo com relação à direita, esta meio dobrada e avançada em relação ao corpo, punha ele, mesmo dormindo, todo empenho e possibilidade em arremedar como se fosse uma grotinha ou ninho em que Lunaflor Rosália se acomodou também deitada de lado, feito fosse ele um colchão de abraços e bons carinhos que a recebesse e estimasse seu muito, recebendo ela seu abraço dele no braço que ficou roçando seu rosto por tempos que pareciam ainda imprétritos mesmo no momento anos depois em que vi sua manga sendo puxada e seu botão sendo torcido. E, naqueles momentos, nem foi preciso dar mais vazão às vontades que os ambos dois explicitavam delicadamente: ele tendo alguma excitação a crescer e aumentar seus íntimos, ela pondo pressão de coxas e ensaiando algum gesto e momento de apertar-se de corpo todo inteiro ao peito de Alberto, ensaiando um movimento de vai-e-vem que ficou apenas nos olhos com que ela, torcendo o pescoço, perscrutava o ressonar do moço e aparava o cáldido quente da respiração sua dele quase bem junto de boca e lábios lá dela. Talvez tenha ela até dormido seu tanto pouquinho. Que isso de homem e mulher dormirem juntos, apenas repartindo sono, é o que de mais durável e delicado se pode fazer entre um e outro.

Mas foi aí, bem aí foi que Lunaflor se acordou de tais tantos devaneios e acreditou meio que por si própria convencida de que nos lá-foras o silêncio dos normais barulhos do dia tinha sido rompido agudamente, justo por alguém que, quem-sabe quase certo, não nunca deveria nada disso ter visto! Esse um que talvez tivesse posto olhos e atenções nos dois lá, naquela maneira de estarem a si entregues sem peias ou meias-medidas, esse todo outro vindo do externo de ambos e da tulha, e foi com essa disposição que ela, Lunaflor Rosália, se impôs algum rápido afastamento, dando tento e tempo entre seu corpo dela e o seu corpo dele, Alberto Dioto. E foi aí, bem aí foi que se deu de cesurar uma e outra coisa, pelo afora do mundo e ainda dentro

do que se chamava e chamei Silveiras. No mangueiro onde ainda algumas vacas iam sendo ordenhadas, o bezerro já quase garrote da Espadilha foi apartado de vez e por-sempre da sua mãe, sem se dar conta de que era a última vez mesmo derradeira que ele sentia a maciez morninha das tetas de onde saíam goles e goles de bom leite branquinho. No mesmo instante, mas bem lá mais longe, no centro da cidade, a umas poucas centenas de metros da igreja, do ladinho do Grupo Escolar Hildebrando Martins Sodero, o bêbado compenetrado e de-sempre, Gervário Manoel, profissional de grandes e atilados goles, não atinava em como que era possível se dar esse mistério de a garrafa que inda agorinha mesmo apertava e aperreava com ardores de insuspeito respeito, não uma outra e nova, mas a mesma que tinha sempre sido a sua, havia se desaparecido por de vez, se desparelhado de sua existência dele e nossa em algum recôndito de buraco ou desvão de somenos em que nem reza e braveza à meia-noite poderiam mais resolver. No mesmo átimo, ainda – que um muito e inumerável de fatos há-de sempre caber na cabeça de agulha de um merozinho de um instante –, um sanhaço que estava se pondo inimizades com reflexo seu na vidraça da janela da Coletoria Estadual, teve alguma revelação de súbita sutileza, viu que era hora e dia e abandonou por de-vez e sempre o ninho que, ali perto, montado e arquitetado em pé-de-araçazeiro, andou construindo e habitando e povoando com ovinhos, nas últimas semanas. Na estrada que dá no Dos-Macacos, o carreiro Angenor Antônio dos Soares, talvez embalado pelo chacoalhar lento e monocórdio do tabuleiro levado a fogo lento pelos quatro bois-de-canga, quem sabe endormido na leseira lenta do dia custoso a passar ou do Sol vagarando no fazer seu desenho curvo, deixou cair da mão e bem dentro de touceira de inextricáveis folhas o escapulário com foto da mãe que estava vendo inda há pouquinho e em que nunca mais botaria olhos ou dedos *per secula seculorum*. Talvez nesse exato momento e minuto, em algum estúdio da *RKO Pictures*, bem no lá longe de país-outro, Katharine Hepburn dava seu primeiro beijo de última cena, diante de câmeras e microfones



e gentes e cenários de toda espécie, sem saber que aí se separava de vez de Spencer Tracy, por vários anos e para sempre, sem que nem o tivesse mesmo ainda conhecido. Foi nesse exatinho instante, então, que Lunaflor Rosália e Alberto também se acordaram de vez do sono e enleios, desapartaram-se de si e de sonhos, a mulher-moça levantando-se afogueada pela tepidez do momento e pelos ardores calmos que sentia irem se desenhando e entranhando nos seus em-dentros todos; Alberto meio que se desanuviou de si, pôs tons mais frequentes no respirar e até ensaiou alguma abertura de olhos meio-dormidos e se deixou afastar sutis milímetros, seu peito pondo essa distância tão ínfima e já tão fixa das costas de Lunaflor Rosália. Um e outro, cada um de seu jeito e lado, Alberto com ouvido bem próximo das palhas espalhadas por terra, Lunaflor Rosália com rosto então agora voltado para o chão, ambos se acordaram, parece, de ouvir algum som ou barulho que não se produziu por normais vias de se dar a escuta e constatação das gentes, mas que foi formidável e portentoso como nunca antes se podia dizer ter sido produzido e sonado. Tão poderosamente sutil que capaz foi de meter cunha e despertencimento em tanta coisa e tanta gente!

É que na ponta de lá desse barulho tal, estavam certamente os trasjeitos e as abnormalidades, o desatino do colarinho, o arvoar de cismas em cima de si mesmo, o desarranjo com que Tio Eli se havia deixado no mundo.

E, a partir daí, por algumas horas, talvez uns poucos dias, foi que tudo se acelerou ou pareceu ganhar a velocidade das inevitáveis coisas que acometem a tudo em rápidos instantes e especiais gentes, nesse rabo-de-foguete que se dava atroadas de aeroplanos e rascantes ruídos de porteiras batendo e palmas batendo e cílios batendo e corações batendo de fundo remordimento. Que notícias dar desse Alberto Dioto, depois disso e tudo?! Desses dias de descanso e contido desvario e elevados sentimentos?! Talvez botando os olhos na lista de mortos por São-Paulo, gravada em bronze azinavrado já, em algum monumento a soldados constitucionistas, lista em que a inscrição Alberto Dioto deixava escorrer alguns fios de persistente

oxidação de bronze de anos e punha arabescos meio retos e um tanto curvados, deixando entrever certo trecho da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí em que bombas e obuses interromperam algumas linhas de férreas matérias de trens, e cortaram linhas de carne e peles e ossos e nervos de retas-da-vida cujo comprimento não bastou nem evitou a súbita interrupção por meio de imprevistos que ninguém não arriscaria apostar e que apenas e mesmo acertada quiromancia ainda poderia prever...

## No rio

Mas o que fazia?!, então, o intrometimento de Tio Eli nessa história, com toda a pompa e retumbância de que deu mostras e capacidades?! Só se mostra o tempo em seus efeitos de retardado sentido, quando nos cobra a nós entender o que já nem mesmo faz utilidade, o que não presta mais servência ou reclama clarezas. Que o tempo é mesmo um só adiamento do que nem nunca vai ocorrer, e só ganha ele uma existência alguma por vias de ser pensado sem tino e apensado ao destino.

Foi assim, então, bem e quase assim por volta da época em que apareceu aquele dito cometa, ou pouco antes, ao melhor, que o Tio Eli voltava de alguma andança noturna e entestou descida pela Volta-Fria, dando de chapa e de cara com o local lá-debaixo do morro em que estava ele e donde estava espalhada a casa-grande e sua catadupa de gentes e de bichos todos ainda dormentes alguns, já todo espalhafateiros outros. E foi bem de-depois que ele me veio a contar isso, seus vinte anos passados, no bordo de alguma pescaria de sonolências lerdas, em tarde certa de nada-fazer e menos-pensar e muito-saber, comigo a tiracolo, dando ambos nós dois um seu trabalho de morte e vida a bagrinhos, lambaris, carás e cachorros-magros. Mas trazendo ele a fresca recordância daquela cena passada e vista há anos tantos atrás decorridos e que mais ou menos assim exato contou. É que ele vinha assobiando baixo, por respeito à ainda recente madrugada e suas escurezas quase de rezas mudas, tentando acertar passo fora de buracos e

pedricos, entestando caminho sabido já de anos muitos de por-ali passar. Foi quando que meio que levantou em algum sem-querer a cabeça e olhar seus que deu de vista e topou com a cena, aquela, essa que então me ofertou embrulhada ainda nos espantos de-primeiros com que a acomodou em seus em-dentros. A cerração da matinada se cedia já a ser vista, pelo trabalho moroso insistente dos alguns clarões esparsos que vinham de nascendo. Lá embaixo, então, essa uma forma branca e encompridada veio se delineando, veio se mostrando, veio se alongando lá atrás das encostas da morraria fronteira com o Dos-Macacos, até chegar no mais-perto ou menos-longe do meio-de-morro em que o Tio se estacara adrede p'ra ver, cerração, assim, já se deixando perscrutar mas escondendo o mais que por baixo dela havia e houve, cerração de brancuras pendendo a lisas, de suavidade só se dando a toques sutis, arrepiada aqui e ali por algum ventinho respirado e respirando em-cima dela, cerração. Do lado de lá, a meio-alto da altura, apenas duas pontas de morros apareciam meio por cima da névoa, botando dois picos redondos e chamando para glória sua própria e não do alto do céu para onde apontavam, dois picos de morro esfuziando belezas e firmezas insuspeitas pela idade da terra ou pela hora tão cedo da manhã. Descendo a vista, mais para baixo e em direção ao que sabia ser a casa-grande, mas sem espaço para lá chegar e ser, o Tio contou ter entrevisto pequena mataria, ajuntamento de árvores de expressão pouca e talento tímido, fazendo seu suficiente para escurecer de leve a brancura do nevoeiro, mas deixando entrever a fofura de pequenas folhas e leves galhos, acomodados no em-volta dos dois lados pela presença sempre suave e de-leite da cerração, essa que envolvia o matinho aparente e o acomodava – deixava-o pousar e posar entre pedaços de lácteas sutilezas que inda continuavam até o ponto em que o rio se abria à vista sem mais cerração em seu por-em-cima –. E lá ficou o Tio, extasiado e silente, sorvendo seus todos sentidos diante daquela beleza toda a ele dada e oferta, sem que ninguém mais soubesse ou vendo estivesse, sendo ele e a

paisagem as diretas testemunhas umas apenas que disso haveria. E ainda mais se disse ele, ao ver lá no alto, ainda depois ou antes dos dois picos de morros se denunciando firmes, na frontaria fronteira com o Dos-Macacos, o Sol se anunciando e subindo e se mostrando em realzas tais como sendo fosse cabeça coroada de luz e de vermelhos se misturando a azuis alguns de céus que se anunciavam à vista.

Pois, aí foi, exato nesse momento e ponto da narração, a do Tio, que percebi ter entendido a profundidade quase total e imensa das palavras da cigana, ditas meio à-revelia e seriamente dadas jogadas, pois foi nesse azo que pude sentir o impacto grande e certo do que havia disso dito ela há dias atrás antes dessa pescaria, que minha alma nunca mais havia-de estar somente em meus foros íntimos comigo, que sempre haveria deixada alguma parte ou porção dela em lugares antes passados, em pessoas diante de quem eu me quisesse ou requisitado fosse, que eu nunca a teria, a alma, toda e inteira em momento de presente, minha alma nunca mais é que teria um agora só seu sendo e sido, que essa minha alma nunca mais é que teria seu aqui somente, que ela estaria sempre pondo partes e trazendo restos de outros em lugares já passados ou a-rever. Que minha alma teria o senso e a destoleima de ver no imediato do direto o que pôde ter sido e foi certamente, mas dos outros só e nunca de mim, que ela havia aprendido a fabricar na minúcia ínfima do aqui-agora todo o bordado do tempo de-atrás e das pessoas de-antes. Das pessoas-outras, não de-meu! Nunca!

Pois foi, então, assim mesmo, que já no modo como o Tio jogou um seu assovio mínimo casual no fim do caso contado e não-acabado, na maneira como segurou a vara com pouco mais de força pondo no mata-piolho, e esfregando a linha de leve na flor-d'água de um lado p'ra o outro, como acariciasse a fala que acabara de fazer. Foi aí, foi: pela primeira vez eu percebi o por-detrás das gentes e das coisas, a antecâmara de seus tempos e idades. Foi aí que eu vi ou senti de perceber direto um corpo, o corpo, aquele corpo, de lisa e

suave pele acometida de arrepios pondo pontos de exclamação na brancurinha alva sua, corpo de mulher dada à vista sem torneios ou tornuras de roupas e pejos falseados, oferecida toda a veres e a tocares, a começar talvez pelos dois seios mais firmes que se possa pensar, sem exageros de grandeza derramada ou pequenezza tímida, mas apontando para os olhos e dedos de quem vê e toca uma dureza progressiva de lindos bicos escuros marrons se pondo excitados e se agrandando e pedindo o roçar de-leve de dedo, o aflorar ligeiro de lábio rezando sua missa de gentilezas no hálito que vai ainda mais dando firmezas a eles, e fazendo o peito todo da moça tão bela arquear de vontade de aproximar ainda mais os bicos da língua do outro e que desenha suas tensões e desejos do em-torno já dos bicos mesmos, já dos seios todo inteiros cabendo bem na mão e sua palma, descendo ao umbigo e pondo lentidões de rosto meio mal-barbeado na pela sempre branquinha agora da barriga, para se afastar um pouco e dar aos olhos também a chance de ver os pelos macios de seda chinesa que mal cobrem o púbis, para espalhar tempo e dar chance de respiro, voltando-se para contemplar o rosto, em que dois olhos às vezes verdes, com alguns azuis, boiam belos sobre a boca mais vermelhada que se possa imaginar, dando feições e brilhos de nascente ao rosto já aberto em sorriso de bom prazer entrevisto. E voltando-se para o ventre, permitindo-se então mãos passarem e roçarem de leve alguma penugem mal visível nas coxas, torneadas em leite e talhadas em nuvem, ganhando elas, coxas, também sua parcela de excitação moroso e calmo, permitindo assim se abrirem a mãos e olhos e revelarem mais outra bela visão, mas até então insuspeitada e ocultada entre as duas pernas e o ventre, franqueando-se também assim em flor e perfume e líquidos, oferecendo lábios dela a lábios dele, eles dois dados a beijo de boca e sexo, a carícia maior que possa haver entre homem e mulher desde que se inventou o universo e se disse a todos nós que prazer e carinho devem ser uma só coisa. E a moça esconde pejos e sutilezas na maneira como se escancara em corpo multiplicado por muitos e infinitos, segurando com a certa mínima delicadeza

os cabelos do Tio Eli enquanto mantém firmes as ancas, deixando os lábios e a língua dele passearem seus estrondosos silêncios em seu sexo todo inteiro e capaz agora das boas proezas de se dar em líquidos e quase-desmaios, nessa solenidade que é a de revelar-se infinita na precariedade exígua da pele que não se defende mais em panos e medidas. Fazendo como se não fosse e era a vez primeira certa sua, a moça já pensa apenas pela pele, então e assim, no través da carne, na extensão de seu saber-se-sendo-tocada e já quase penetrada e toda invadida e definitivamente inteirada e completada pelo moço que até há pouco não era mais do que pálida figura distante e, agora, se torna o pedaço deles que cada um se faz para o outro. É por isso que a moça sedia sedes, e cede a dobras insuspeitas no modo como arqueia o tronco e vem ajudar Tio Eli a subir mais e mais em cima dela, já pretextando calores no corpo seu não dela, arrancando calças e vestimentas-de-baixo, de cima a baixo, arrojando camisa ao lado do vestido pudicamente dobrado por terra, quase como puxando Tio Eli pelos sovacos para postar-se em posição de penetrá-la, primeiro pondo pontos de toque na ponta do pênis, como que acariciando os entornos da vagina, sofregando-se sobre a maciez dos pelos, balançando os lábios de baixo como quem ao mesmo tempo aflora de leve os lábio da boca com a sua língua de sutis amores finalmente confessados e explícitos depois de tanto tempo escondido nas dobras envergonhados desses viveres tão tanto difíceis!, voltando acima a acenar para o clitóris já quase em vias de dura excitação, para vir a apertar por vez primeira a entrada do sexo tornado um ínfimo disponível, para ir avançando por carnes e furores, para ir penetrando por vagina adentro até o ponto em que já não há mais volta e os olhares dos dois ambos sabem disso e trocam o movimento pendular dos quadris por uma imobilidade que sustenta, entre os olhos, a firmeza mais certa de que já se teve notícia em toda a parte deste universo todo inteiro, olhos tão abertos como mais não poderiam estar e como ficarão por certo até o ponto em que se decidir que já tiveram o suficiente de gozo e ânsia... E de vida?...

Assim no mesmo? Como que então tudo isso eu já via e ouvia e pretextava, no simplório esfregar de linha-de-pesca na água e de dedos roçando e apertando um quase-bambu?! E como se dava essa nova insuspeita maneira de alinhar leituras na pele crestrada dos feitos e dos fatos, na durez amiúde impenetrável das gentes, na delgadeza capenga das datas?! Pois foi bem aí, bem aí que eu botei tento no que havia ouvido da cigana Esmerência, dias antes atrás dessa pescaria, ela sendo moça de finas falas nada falsas – eu via agora! –. Esmerência, no primeiro ver a que se me apresentou, nada despertou de curiosidade, além da que se daria no normal dessa gente roda-mundos, como parecem ser eles todos sempre para esse povinho nosso entregue a estares de circunscrita vida no limite de pastos e plantações e rebanho leiteiro. É que, como acontecia de maneira imprevisivelmente previsível, ano sim e outro talvez também não, chegou ao centrinho de casas mal adstritas do bairro nosso Bom-Jesus a caravana de muares e bestas de variegada cor e jeitos, puxando em vida-toda a sua meia-dúzia de carroças e trazendo gentes de acobreada pele e esverdejados olhos, lestos em seus gestos de lenta e vetusta sabedoria, como quem empresta às rodas dos veículos e aos passos dos pés a despressa que aprenderam nos séculos todos de andarilhação desmedida e calculada. Eram os ciganos, se apresentando vezeiros e usuais na consertação de tachos de cobre, na adivinhação de sortes, na impostação de azares e, só abaixo de circos-de-cavalinhos, eram objeto de atenção diurna e constante de todos nós e de quem tenha nos antecedido na família e na vida.

E, como muitos de nós, fui me achegando aos poucos do acampamento, como quem se joga primeiro pelos olhares e pendura atenções com o devido respeito e as certas prudentes distâncias. Nessas primeiras horas, era de se gabar neles todos, ciganos, a desenvoltura com que já metiam lar e lugar num curto círculo em que parece nunca terem botado pés e mãos em vida toda lá deles antes. E essa era lição que a todos se ofertava e em quase nenhum de nós entrava, contrafeitos a maioria



em migalhas de veres e estreitezas de vidas. Mas, em todos se administrava o reprimir de admirar-se com a habilidade deles ciganos de ir juntando partes imprevistas: uma peça de fazenda ou de oleado aqui, algum tronco tirado não se sabe donde, cordas que nasciam como cobras obedientes se virando em cipós de apertos inclementes, cadeiras e mesas feitas parece da viração do ar domado e tornado algo mágico pela simples presença e vontade deles, algum chamamento a industrializar coisa ou ajudar gentes ou descarregar alimária ou exprovisar graças – garatujas de falas que nenhuns entendiam, fora eles –, danças se fazendo em arabescos de andares canhestros e sem fito... É que, em toda parte, iam surgindo pedaços desconjuntos de porções que, uma vez aproximados, se soldavam como fosse um quebra-cabeças tramado com certa tenção e propósito exposto ainda antes de os tempos terem sido inventados, e dando por resultado rápido um acampamento em inteirezas insuspeitas e solidez de resistir a ventos e a sufocos, como tivesse estado lá desde sempre e antes.

Foi em uma dessas idas e não-vindas, que vi Esmerência. Vi, propriamente não, acho melhor se dizer e afirmar mesmo fui encontrado pelo sotaque firme e direto dos olhos tão mais verdes impossível, que dela se soltava vindo encontrar o gaguejado áspero do meu ver, meio ensimesmado, meio disfarçado, todo entrevado em acanhos meus, habituais diante de tamanho espanto. Naquele momento, diferente de outras vindas em ocasiões antes, os ciganos haviam decidido acampamento dos lados – coisa nem de cinquenta metros – do rio Bocaina, dando e tendo visão da ponte de madeira que ainda guardava marcas e partes da outra, mais antiga e levada pela enchente de 1915. Pois da ponte, foi bem dali, que me postei em atenções estáticas e extasiadas, primeiro pela celeuma ciganal que se dava em raras harmonias; depois, pela veemência com que percebi o ter sido notado e anotado por Esmerência. Na época, como sempre antes, ainda hoje e, acho, por bastantes tempos a vir futuros, o aproximar-se de uma qualquer gitanaria era coisa bem mal-

vista se feita no exposto de sóis abertos e de locais de pública frequência, sem os justificativos de negócio certo e evidente: tacho de cobre a ter furo coberto e selado, utensílios vários de folha-de-flandres necessitados de alguma reparia, e coisas de semelhante teor e intenção. Mesmo o negociar com animais de tropa e carga era olhado com a certa mefiança, visto serem os ciganos os mais maiores de todos em ganhar proveito e dar troco de prejuízo, em comercimentos de animais, como muito atestou no avesso o caso tanto recontado de compadre nosso que deu laço e nó em negócio com besta e ciganos. O caso é que ninguém nenhures se atrevia a pedir sorte lida ou coisa que valha a ciganas quaisquer, fosse isso mero pretexto escusado para se aproximar com meneios e namoros de alguma dessas mouras de rara beleza e mais ainda desusada elegância. Daí ter eu ficado na ponte, pés e olhos fincados no chão e no olhar as gentes recém-vindas e chegadas, e mais especialmente essa Esmerência, que se dava a desaparecimentos súbitos e imprevistos – atrás de alguma carroça, dentro de lonas, embaixo de mesas – só compensados por reaparecências inda mais inopinadas, quando surgia a bordo de seus olhares, esses que pareciam estar em vias de botar ordem sozinhos na confabulação de coisas e de gentes que era o acampamento dela e de sua gente lá dela. E, também, quase até em vias de atrever-se a soslaiar miradas e alguma insinuação, não fosse o espanto que ela também nem conseguia esconder quando dava de cheio e de borco em olhar meu. Era coisa, claro, pendente de explicação, mas explicação, se houvera, clamava o aproximar-se, e o aproximar, então, exigia a hora correta e azada e mais o local apropriatório, e hora e local devidos impunham desertidades e solidões da noite. Mas, de antemão, já me afiançava que nem se tratava de engodo ou de arapuca meus e dela, nem para ser que fosse entestação de namoros jurados-eternos devendo de durar seus poucos dias, nem tramoia tramada dela, Esmerência, com fitos de passar algum logro de ler mãos para levar dinheiros. Nada disso parecia. E nada disso foi. De fato.

## Calor

Mas o caso só vai ganhar seus foros de verdade incorrigível e certa, se todas as cartas desse baralho forem desdobradas sobre a mesa e se afiançar de tudo que significava e representava, em Silveiras, naquela época, no bem-antes disso e até no tempo vindo-virá que se seguiu mesmo muito depois, o que era que fazia aquilo de uma malta toda de ciganos ao chegar a cidade pequena, de morrarias estreitando horizontes e pondo partes de pouco fôlego no re-pensar da gente! Nunca ninguém falou da vez primeira em que apareceram, ou talvez fosse que, nessa primeira e inaugural passada, fizeram todos eles como se velhos conhecidos e useiros já fossem. O que em nada e nunca atenuou o amaravilhamento com as proezas e solércias todas lá deles. O fato é que chegaram a bordo dos mesmos carroções e cavalgaduras, seus alguns moles muares molambentos, esses mesmos que, nas décadas seguintes, pareciam sempre estar atravessando o último vau-de-rio, o derradeiro lanço-de-serras, para, em algum ano seguinte, tornarem a trazer a presença e a graça de seu trote lerdo, arrastando pesos como quem sobreleva sabedorias só dadas a animais e a seus ciganos de donos. E, sendo pleno verão de gotejantes sombras e horas suadas, o fato é que parece sempre terem decidido retornar em épocas canículas de quenturas de sobrestadas demoras. O que se sabe, além, pouco, é que eram tempos de inexistência de luz elétrica, telégrafo, pílulas do Doutor Ross e aeroplano, e de outras tantas comodidades à

mão dessas, o que só condizia com o estupor de toda aquela gente nossa antiga ao ver diante de si, entremostrada com desconfiança o que resultava em ainda maior exibicionismo, toda uma coorte de aparatos extraordinários: lâmpadas de óleo desvisível soltando luz que variava de amarelo-leve a laranja-incendido, sem fumos e cheiros nenhuns, e acalentando o ambiente se se fazia inverno ou engelando o ar se o calor assim o presumisse e requeresse; pedras gris ou ambarescas, pretendendo terem sido concoctadas em alguma Alexandria extinta dos começos da era cristã, e podendo levar às outras gentes todo o tipo de palavra ou frase a quem as empunhasse com empenhada decisão; tapetes de tão finos fios que deixavam ver a cor de paredes ou punha à mostra toda saliência do chão, sem que o seu desenho arabescal e coloridamente encordado se sumisse de todo; painéis de cobre mas de tão endurecida estirpe que mais pareciam feitos e rematados em preciosa pedra especial só encontrável nos fundos da Cachemira hindustânica... E, ainda, há que se mencionar o modo como que falavam, que aquela mistura de calão algaraviento com pedaços e partes de desaparecidas línguas era o que mais impressionava a todos, sobretudo quando intentavam a sua comunicação com os gajões ignorantes da estrangeirada fala lá deles. Era aí, nessa mistura de partes incompreensíveis com as mal pronunciadas palavras que os silveirenses compreenderiam, era justamente nessa balbórdia que se dava o estupor acima dito e refalado, pois que acabava o ato dando o desato e o pé chegando ao contrapé, e todos e tudo se entreendendo no quase sempre, que isso de entendimento é sempre o somatório só de alguns muitos desentendimentos.

Pois foi assim, bem desse jeito, que meu Tio Eli, numa dessas voltas retornadas dos ciganos, ensimesmou-se de decisões e de andanças próximas do acampamento, sabendo que iria ver mãe e pai seus jurar muito contra essas ideias e procederem, se o vento soprasse aos ouvidos deles pais as negaças e artimanhas a que se expunha o filho sempre tão ousado e abusado. Mas

nada ou ninguém teria mais poder de apartar seus pés do espaço adjunto ao dos ciganos, que a curiosidade morde e só assopra, para deixar, no depois, ainda maior a coceira. Tio Eli inventava então curvos locais e trajetos, entestava rumo à igrejinha do Bom-Jesus, para animar quebrada à esquerda, passando rente à casa de arreios da gente Soares, dando de cheio no ponto em que a cerca de arame farpado havia sido aberta para recolher o povo cigano e sua corte de barafundas inéditas. Aí é que se animou, enfim; finalmente deixou de enveredar por caminhos soltos no léu do acaso, para adentrar como quem não requer nada no recinto de improvisas casas e imprevisas pessoas. No mais, cigano sempre usou seus muitos séculos para se acostumar à visitação inquieta e inquerente de meio-mundo, não seria em Silveiras que isso ou aquilo iria perturbar a certeza animosa deles todos. Pois foi bem, então, assim, que o Tio soltou seus passos e vistas, perguntando pelo material de algum arreio e seus baixeiros de façanhoso desenho e arte, metendo bem colheres de olhares seus nos recônditos de baús empilhados, se deixando ver e observar sem os temores quaisquer, como que pretextando e expondo sua amicalidade do normal das gentes. E não foi?! que, chegando no meio do que já se fazia quase praça maior de cidade s  visível em sonhos ou meneios de ideias, pois não foi?! chegando agora nessa  gora de todos e de poucos, que ele deu de frente com aquela cigana?! que, desde o instante em que ele havia entrado no lugar agora l  deles, havia divisado o Tio e seu intrometer-se de gentis maneiras?! Tio Eli nem esperava não entestar com mulher alguma, quer dizer, não pretendia ele entabular conversa ou tecer falaç es de demorado feitio, queria apenas uma prosa ligeira, que dava a todos votos de boas-vindas sem o necessário e correspondente demorar-se em palavras, ao p  de um indivíduo um só. Mas nem teve ele jeito ou maneira, assim como não deixou ela modo ou prazo de que o Tio escapasse da conversa, conversa que parecia já datada e combinada e confirmada desde que se inventou o tempo e se p s o calendário a andar à frente de nós todos.

Isso tudo e mais algum detalhe ele mesmo me contou e atestou de própria boca e lavra, em algum dia sempre de verão e quenturas medonhas, também em pausa de pescaria pasmosa, tão muito acalentada em vazios de ventos, coisa de tão grande apertação de calores que fez até esquecer data certa e ocasião precisa, mas que não deixou de trazer à baila o assunto gitano. Ele me afiançou que nunca havia visto nem sentido coisa mais funda e com tanto grande sentido como vislumbrou, percebido e percebente, no olhar da cigana. Que devia de ter ela seus cinquenta anos, palpite de razoável tirocínio e provável acerto, não tivera ela dessas acobreadas peles que esposam o esverde azinavrado dos olhos e atestam que alguns ciganos são mesmo todos de cobre, do corpo em ossos e nervos até a alma em sopro e ânimo! Mas o metálico da cigana, esse, não ficou apenas no reflexar bamboleante da luz do Sol e no desarrefecimento do calor, pois que veio instalar em meu Tio Eli um indecidir de pés, de pernas e de passos, parente todo do sono e guia da vigília, impedindo-o, Tio Eli, de querer outra coisa que não fosse ouvir o que de-dizer tinha essa cigana. Do lado de lá, dela, não se vincou menos surpresa no rosto, que rosto de cigano, todos sabem isso desde que mundo é tudo, é mestre arteiro em cachar intenções, propalar desacertos, acertar soslaio e travar insuspeições. Com o que então abandonava ela o precavido natural e herdado de milênios de raça sua e séculos de caminhos de todos, para expor espantadas feições, como que confessando necessidade de algum tempo e lugar em que derramaria suas leituras dela sobre o que via. Contudo, o que realmente a remexeu foi aquilo que ela não via. Como disse a meu Tio, Eli, tão-logo se meteram em alguma tenda toda tortuosa de cortinas e tecida de ademanes, ela, Ziborah de nome e de graça, sempre metia seu perscrutar em croa e cruz de qualquer ser-vivente com que entestasse, varando viveres, visando veres, tirando, de qualquer menor ponto e pinta, o grande e traçado destino. Que destino de outro só se sabe inteiro quando se casa ele com o de quem o lê, e havia ela aprendido a abrir mão da sua própria exclusiva e fechada sina, para trazer

a si as dores e as mortes e as nascenças e as sabenças de quem quer que fosse e viesse a ela se propor a consultas. Foi assim que sua pele ganhou os anos todos das muitas pessoas que estenderam mãos a seus olhos ou que esticaram olhos para suas bolas-de-cristal. Apenas quando aprendeu a ter em si as idades da terra e as vidas muitas de quem a consultasse, quando conseguiu carregar as dores e os ardores das gentes, quando sofreu em seus ossos os remorsos outros e sentiu os prazeres de muitos, foi aí que Ziborah percebeu que havia aprendido a ser vidente. Mas vidente que não sabia ver nada, que não conseguia ver nada, pois isso, então e assim, para ela, tornou-se um não-ver, era sim um sentir de seres e de estares, sem que a vista se intrometesse para pôr seu quinhão de ordem e de razão, como sempre o faz. E o que ela não viu, o Tio meio me contou, meio não disse, pois que, naquele momento, eu ainda não havia totalmente aprendido comigo, mas guiado por Esmerência, a minudear e escarafunchar os pós das coisas e as migas dos minutos, para dali tirar a essência de todos e a valia de tudo. E foi que, durante um tempinho, o Tio ouviu da cigana palavras e certezas que dariam matéria a inventar alguns vários universos, que essa menos-de-meia-horinha toda chinfrim na aparência deve de ter valido e bastado para alguns séculos: o Tio, no fio decorrido desse intervalo, jurava que ele, o tempo, havia dado azo e caso a que cinco gerações de Pereira Mendes se desenrolassem até o fim, retornando depois ao ponto-de-partida em volta que cobraria bem mais do que o dobro da ida. E o que ele ouviu o levou a entender o porquê dessa ganhadia tão-pouca a que se sujeitava a cigana, que ela, alfim e cabo, deu entendimento claro e cabal de que, apenas contando o que não via nunca, mas sentia tudo e sempre, é que podia descarregar-se de parte desse tempo que ia acaparando das pessoas tantas e botando em cima de sua pele lá dela, e que, não fosse isso, não falasse ela o que ia sabendo e aprendendo, iria ganhar tantos tempos, metendo-os todos uns sobre os outros e tudo sobre o corpo, como vestidos de várias e muitas camadas, que nunca mais é que ela conseguiria morrer e dar descanso aos pés.

E descanso foi o que não teve Eli, meu Tio, ao escutar numa só respirada do fundo e das calendas o que Ziborah ia tecendo no seu em-de-dentro para tornar em reflúvio de palavras e lavras de sonidos, colecionando parece todas as doridas coisas que trazem discursos de desconhecido senso mas penetrável travo e cica, itê de frutos desconhecidos e obrigados a engolir como quem não sabe de que lado bem sopra o vento, como quem nunca se ausenta de sua partida em-definitiva, como quem não se sabe dormindo e acordasse num repente de sonho mal-amanhado. E o que ele ia e foi escutando começou por me ensinar o que iria eu aprender de-vez e no-sempre, mas mais tarde, com a citada e referida Esmerência, dali a algum tempo e dias. Que Tio Eli, sem saber como reproduzir a lembrança ainda vívida e fervente dos ditos da que não se engana, essa Ziborah cigana, o que fez o Tio, Eli, foi meter meros dedos no embaixo do matinho rasteiro e humílimo que nascejava por ali por-terra, buscando remedar o exato do feito pela Ziborah, o mesmo movimento de rastejar digitais por juçás de gramas, acarinhando o ardume pequeno e constante das folhas, acolhendo o ronco vário dos pelumes das ervas ao roçarem dedos e peles e tentando repetir as palavras entrouvidas, mas sempre, todas elas, desenhadas na moldura das mãos se embarafustando por gramas. E o que ele repetiu e me disse a mim foi um dela escutado *Pendores terão em ardores ofenderam e amorosa todos algum perigos de esforçada gente, e vidas suas tiveram a costumia e dois estão ancestrais, para dia ousar o em azo no fogo que mexer de os anima, nos meter esconsos, a colher aproximação de rebuscados aí de e que. Speciosum fratrem, infamem, tamquam gravim castitatis violentiam cum sorore committeret, Deus Pater in secreta parte domus torsit et occidit in tormentis. Interrogat illum soror, quid ex filio compererit; nolentem dicere malae tractationis accusat. Primo quod non cures multum de verbis Philosophorum modernorum et antiquorum in hac scientia loquentium, quoniam in capacitate intellectus et in demonstratione experimentalí, tota ars sedem sibi constituit Philosophi vero celare volentes scientiae*



*veritatem, quasi omnia figurative locuti sunt. E no antes de daqui ir-se de vez de feita, carece ver pensar o que marca marcará, e é essa estrela que vindo vinda não mais voltará à vista ser dada, e nos vinte-e-dois passados dela disto, será azo e caso de escolha entre si e outro, velho e novo, sendo um dos dois tendo que pelo segredo décimo-terceiro ser colhido levado.*

No contudo, Tio, Eli – isso me disse ele tentando claro som e alta voz –, nem ouviu mais daquela Ziborah cigana, que mesmo nem mais havia o que ouvir, saiu-se todo em correndo quase de trambolhões, atropelando jacás e malas, botando um seu alarido nos latidos dos cachorros mais rezingueiros, empurrando bestas e cavalos que ruminavam suas certezas na mais paz dos inocentes, que se ele nada havia entendido na contundência de palavras e ideias – algaravia de intrincados doestos –, havia tudo re-sentido, e muito bem, no sobrepujo da pele e corpo, na maneira como articulações e juntas suas foram se curvando ao peso das palavras e ao ritmo da fala rezada da Ziborah, aquela mesma que, há anos atrás – agora agora sim ele se lembrava de ter ouvido isso ser contado por algum velho parente de anos antes passados –, havia dito e predito que um tal e sempre certo esperado cometa nunca mais é que havia de ser avistado dessa esfera terrestre que nos enterra a todos! E, assim como tirou de nós todos o ver estrela, tirou do Tio seu um equilíbrio, que o corpo seu dele se viu desembestado em carreiro, sem parar poder, seguindo trilhos pelo mato e entradas que nunca havia em-antes experimentado, querendo nunca chegar a casa ou parte-alguma, mas desejando apenas somente dali sair para não sair, ainda, de si próprio e mesmo, tropeçando nos joelhos e quase caindo, como ainda o faria, anos depois, titubeando, quase, nas palavras sabidas e caladas enquanto retorcia esforços por acariciar as folhinhas ardosas de capim e de árvore. De-certo também enquanto subia na sapucaieira.

Mas, até antes disso tudo, nessa fala espevitada e faltosa da Ziborah, cigana, é que se ficou e se parou, que nunca mais é que houve notícia de corpo presente e fala direta de Ziborah, nem para

ninguém, nem para Eli, meu Tio, que os ciganos passantes por Silveiras, a partir daí de um certo ano, buscavam deixar de lado as conversas mais próximas, espanejando as miudezas de intimidades possíveis, como fosse paga de remissão por demasias de falas de alguns deles lá e que não deveriam de ter sido ditas nem por sinal de mão ou piscar de olhos ou franzir de cenhos ou cerrar de dentes.

Eli, esse Tio, é que o tudo-isso me disse e confirmou, portanto, peremptório, mas nem sempre pronto e presto, nas poucas palavras que tartamudeava entre silêncios alguns deslizando as sérias intenções e desconfiças lá suas. Ele é quem garantiu e relatou em miúdas falas o vaticínio embuçado da cigana Ziborah, nos entremeios um tanto inóspitos que se abrem sempre de palavra a palavra, entre gesto e outro, dum instante para seu seguinte. Que em toda fala e momento espreita alguma carta, seja de amor, náufrago ou suicida, e sempre truncada sendo. Pois foi, aí foi, nesses buracos de vida e falas nossas, meus e do Tio, é que fui eu alinhavando o dificultoso do meu entender, adelgçando ainda mais o perdido do senso para chegar aos tremores de mãos, do Tio, aos modos de se ir ele escorregando costas pela parede sem que pé algum desse apoio ou tranca, atentando para o jeitoso costume de levantar de quando em vez a meia de um pé com o lado da botina do outro pé, deixando-me ficar com a vista travada, por uns átimos, em algumas minudências, sem saber direito e direto por quê: a cor esmarelada do couro das botinas desbotadas já e que aparecia ainda mais na contraluz da tarde, o trinado rápido que algum sanhaço pespegou ao assovio intentado sem jeito e sem melodia pelo Tio, o jeito único e nunca mais repetido de coçar algum calo bem debaixo do fura-bolo esquerdo, o ângulo obtuso que fazia o chapéu do Tio com a sua sombra dele, chapéu, jogada na parede mal caiada onde eu tentei aquele dia vê-lo... Tudo isso e todos esses se acumularam em mim durante dias, como soía acontecer com minha pessoa desde antanhos antigos. Pois não é que?! desde tempos de muito-antes eu me sentia próprio proprietário de sérias inutilidades e ia colecionando na memória elas todas, desde a primeira vez, em que

houve e tive aquela exata visão das alpercatinhas minhas calçadas nos pés e depositadas no chão da calçada, na beira-da-rua do diante da casa-grande em que morava, no Bom-Jesus de Silveiras, quando tinha meus mal três anos de idade?! Pois foi assim, desse jeito e parecido modo, que eu ia agora guardando na memória e pele o pouco das coisas, como quem entesoura vazeas no bolso para algum mais-tarde. E o mais tarde ia ser e seria no-certo encontro tramado e já anunciado aqui com aquela Esmerência cigana.

## Na ponte

Será?! é que então eu estaria eu me preparando desde antes muito, sem o saber nem mais leve suspeita, me preparando?! para assuntar motivo e assentar razões para queda e bilhete do Tio, esse Eli, quando me entretive com Esmerência por aquelas algumas horas que foram poucas mas que souberam achar no parco da vida, pouco ao pouco, só seus meios caminhos?! Sei não... sei lá! Ou melhor, sei sim, bem sei, só não posso assestar certezas bem nesse ponto e pé em que me encontro, pois que, de Esmerência, tive mais nada nem nenhures algum de volta e de retorno, depois de conversa e fala de que houvermos vista. E foi assim que mais algumas das insabidas coisas passaram a ganhar graça e relevo, juntando-se todas numa só, feito rastro pespeguento de caracol buscando esconder-se de luz e gente: sabia não e nem mais nada soube de Esmerência, dela mesma, nenhuma; tanto quanto inutilmente seria querer conhecer o local adrede preparado no espaço sidéreo para se dever de esconder cometa dos olhos da gente; tanto quanto se tinha nada de ciência alguma do lugar específico e seu próprio onde se geravam ciganos já plenos de velhidade e sabedoria no que estavam em seu já-nasceu, e para onde voltavam de quando em onde p'ra modo de retomar sabenças e espevitar segredos outros novos; tanto quanto nunca atinei, por tempo grande imenso, com o tapa levado em cara minha ao assuntar que é que fazia de meu avô nosso algum pai para mim, e de avó certa espécie de mãe – como se constava

certo e afiançado na escritura notária de ato de nascença lá minha mesma –, sem que eu tivesse idade parelha e nascida com os tios e tias, e que por que motivo e razão deveria de chamá-los de tios e tias sendo meio quase-irmãos e meio-irmãs pelo conseguinte da relação que a mim se me impunham de tomar bênção de avô e avó como se pai e mãe fossem.

Mas nada disso contava eu ter, por mim, perto de esclarecer, quando dei vez e azo à fala com a Esmerência, cigana de belas figuras de olhos, pessoa-mulher de apertados silêncios repentinos, apenas para entremeá-los com uma pouca sombra de certas e quedas palavras. Pois, como dizia e disse acima, na ponta de fio feito caminho de caramujo traçada e tramado entre olhos nossos, meus e dela, Esmerência buscava também alguma explicação para a necessidade que se inaugurou ali, em ela meter algum esconso e solenidade entre nós dois ambos, sem que nenhum de mim e de cigana nada fazia de negaças e percalços, nhures de espreitas imprevistas, de ardis de tramoias. Havia apenas e só a desconveniência de pousarmos o que nem sabíamos o quê entre as horas, poucas quase-nadas, que passamos nos baixos da ponte, aprotegidos de vistas e inquirições, de curiosidades matreiras, de dúvidas divididas...

Na ponte, nessa que ainda hoje guarda as boas águas, e limpas, do rio Bocaina, alguma enchente de pouca monta e meios havia deixado seus quinhões de recados e de distâncias nas bases de madeira-ipê: fitas de melão-de-são-caetano entretecendo alinhavos de gregas e de tiaras e cometendo seus marrons ressequidos; dois pedaços de troncos curvos de precisão e nascimento e arrancados de galharia e emprestados à correnteza e escarrachados aos seus irmãos alicerces e solidez da ponte; aquela miríade mirácula e variada de folhas antes-verdes e agora gastas e usadas até uma quase-transparência e entochadas em mutirões delas juntas e socadas entre os galhos e paus todos juntos, pretextando seus gritos de rebeldia silente por terem sido arrancadas e depois presas; alguma parasita nascendo e azulejando seus pendores de alto e céu

para o acima-da-tons em que se podia mirar dando reflexo e luz suficientes, tendo sido transplantada de alguma sicupira tombada e derrubada e carregada por águas aquelas até deixar seu lume e cor tudo e bem em-cima da dita e referida orquídea...

Pois foi, então, aí foi, que Esmerência se arremeteu, às esconsas, debaixo da proteção da ponte e das vistas de alheias gentes, aí se embarafustou ela por verbo e vida, sem nem deixar fio de intermitência ou ponto de apoio a que eu lá descansasse minhas cismas e arrepsias nascentes em quantidades tais que já se espanejavam no em-frente de meus olhos e no em-dentro de memórias e saberes meus. Não teve a clemência, devida ou esperada, não! Nem teve ela paciência alguma com que entreter e acolher minhas coisas e jeitos, pondo no ponto exato do diante-de-mim toda a corredeira de palavras e suores com que foi retecendo suas falas e ensinando enfim, assim, que nunca mais é que eu teria intimidades definitivas comigo-mesmo e próprio. Digo talvez bastante mal, abrevio e ponho peso onde nem teria, e subtraio pesares do que seria carregado de penas e jactancioso ao-revés, mas foi o que me sobrou das mágoas e migas que pude arrastar des-então. Que Esmerência, ela, nem nunca falava de ordenadas formas e ajeitadas frases, que, nesse mais de tudo-e-quase, o que ela fez foi mesmo me ir mostrando em mim pedaços de tudo, partes que se iam aparecendo, espanejando rumores e rumos e sentidos, primeiro, aos-poucos, depois, aos arrancos borbotões, num aparecer sem fim quase, e sem jeito de-certo. Olhando a camisa minha e um seu marrom botão de quatro buracos com linha branca escapulindo por debaixo e arriscando extravio e perda, Esmerência achegou dedo e fala, pondo unha sua em cima, olhando num átimo depois para algum coleirinha que pousava ali perto e pronto e cantava árias variadas, e pôs no por-baixo do seu olhar um curto e extraviado provérbio *O que quer que se cometa, flor será sempre*. E nada não entendi no-imediate da fala e palavras delas, mas senti um vazio novo e recém-nado, indo e vindo da boca do estômago ao calor da alma,

e que me dizia e pretextava que alguma parte miúda mas muito certa de mim havia ficado grudada e no-sempre grudado ficou ao biquinho sonoro daquele passarim... E que eu havia ganhado no por-sempre aquela cantoriazice bazófia, como que atarracada a cada e todo passo que eu desse de meu no daí-em-diante e que, por conseguinte desse artifício, eu mesmo e próprio já nem seria mais de-meu apenas e só.

É que o que ganhava eu no por-diante era mesma perda sem-lugar, falta me enchendo aos poucos, salto em vazio escuro. Que eu não mais poderia nunca ter minha e uma a alma ou a vida só, repartidas que estavam ambas elas – vida e alma, alma e vida –, a partir de então, pelas várias gentes a que olhasse eu com desatenção premeditada, que elas ambas estariam sempre se perdendo seu tantinho de si ao trazer e ganhar partes e pontos de outros e outras, atravessando lugares em cima do meu próprio, pesando meu tempo com os há-de-vir alheios, que eu estaria assim sempre vendo no aqui-agora de meu o ali-então de coisas e gestos e seres que se revelavam numa infimidade agigantada.

Se eu a encontrasse de novo, Esmerênciã, essa, eu iria então e certo lhe perguntar apenas a pergunta imediata de por-quê me deu ela a visão das gentes se eu não tinha a alma com que me e as ver claro!

E se eu a visse novamente ao alcance de grito ou chamado, ainda iria querer saber no tim-por-tim o por-quê de ter ela dito e afiançado por profundas palavras, pesadas mais que pensadas, que eu seria d'ora-em-diante capaz de ler muito quase-tudo, de figa a riba, de quina a sina, de fio a mil, mas só apenas de gentes quaisquer quando quer que fosse, e aprender nas coisas dessas pessoas o que nunca se anunciava nas bocas delas mesmas, mas que eu nunca – e essas foram coisas ditas que guardei no âmago mais imo que em mim pude encontrar –, que eu nunca e jamais é que iria sempre saber diretamente de mim eu-próprio. Que o caminho até mim, esse, estava lavrado em pobre pó de

fraca terra, e aí ficaria até quando nem se sabe, até que um acaso viesse abrir fechos e algum lança pusesse termo ao não saber-me!

E, se pudesse, eu próprio, mesmo, demandaria que espécie de sentido sensato se poderia tirar daquele pouco de verbo que ela explicitou na contracorrente do rio Bocaina, no transfixo do tempo imutável que por lá passava, palavrosas poucas frases, enquanto proferidas, dando contornos de desusadas maneiras ao como ela espanejava olhos seus em mim, e soprava como que cavilosas sobre minha pessoa, e entornava o certo e o errante no mesmo tempo em que molhava pés seus um tiquinho na água fria-de-serra do Bocaina, rio, afirmando afinada que *Todos em esconsos terão algum, e, nos dois, em pendores e ardores vidas suas estão; tiveram e ofenderam o dia de esforçada gente, azo os anima, a amorosa costumia, ancestrais para ousar que perigos aí de aproximação no que de fogo meter e a colher mexer de rebuscados.*

Pois foi assim quase exatinho que se deu encontro e conversa nosso e nossa no-embaixo da ponte, enquanto a malta de ciganada se azafamava ali do-lado, e a tropa de bestas de alguém que há muito não era mais o Juca Capucho passava ali perto com a madrinha tilintando seu cincerro de belezas sonoras, e algum concerto de mugidos se treinava paciente e demorado no mangueiro enquanto se esperava a hora de os retireiros se darem à ordenha, e as folhas verdelongas dos três ou quatro tomateiros da horta ao lado da casa-grande se balançaram uníssonas diante de pé-de-vento ostentoso e curto, e meu avô Josefo Pereira Mendes, de pé diante do fogão-de-lenha pela pressa de voltar aos afazeres e pensares, sorvia aos poucos a longos e sonoros goles o café feito agorinha pouco e ainda requento das brasas boas vivas. Pois é que, enquanto os estrépitos de vida de sempre iam buscando seu caminho, no embaixo da ponte eu ouvia e recebia atento e desmesurado, mais pela pele que pelo pensar mesmo, as lições de coisa e gente que me ensinava no revés de ideias a Esmerência, do mesmo modo ou quase igual ao que – eu viria a saber depois, logo –, o Tio Eli havia se aprendido com a Ziborah



outra, há coisa de sete anos antes, pouco mais, pouco menos. E, nesse azo de aprender, fui vendo como corpo meu se dobrava e multiplicava agora, atento às minudências que porfiavam, antes invisíveis: rastro de aranha no ar onde deveria ter estado algum fio ausente, sorvo de peixe-cascudo no não-beber seu quinhão de água, cuspo de lado de osga à busca de inseto rebrilhando na tona-d'água mas que era apenas presença de-longe trazida perto da luz do Sol entre nuvens, barulho de recordação de anos-antes atrás de perguntas mal-feitas em má hora ribombando no rosto da criança que era eu e ecoando no marulho flúvio das águas do rio Bocaina entestando pedras e pilares da ponte, porosidade das pessoas se revelando ao imediato do olhar e ver que se instalava em mim no mal-depois dessa conversa com a cigana Esmerênciã.

E, da cigana Esmerênciã, pouco nada mais quase disse e se pensou. Que, no após daquela conversa de estranho feitio e modos, coisa que antes nunca havia eu pensado pudesse se ter e haver, no depois, então, desse encontro primeiro e último, ela se meteu em brios e fios de distância assegurada. Tramado o fim da palavra e fala dela, nem deu mão a adeuses, nem ademanes de despedidas, apenas foi-se saindo sem virar cabeça e olhar para trás, tendo de desdenhar, talvez, o espanto mais silencioso e prenhe de calamidades possíveis que eu ia vendo se desenhar em mim e que me fez ficar embaixo da ponte por algum bom tempo ainda, tendo perdido por conta disso a hora do almoço. É por isso que, ao voltar para a casa, apenas encontrei no guarda-comida o prato servido já de-sempre, com outro por cima guardando de passeios de moscas ou atrevimentos de gatos. Eu, que havia acabado de desaprender as definitivas distâncias entre mim e as gentes, meti-me a manjar silente e sozinho, engolindo nos bocados e nas garfadas, o que já desengolia de todo o resto, de tudo o mais.

E nas duas ou três semanas em que ainda quedaram-se por lá os ciganos todos, a moça Esmerênciã cobriu-se em panos e distâncias e silêncios, evitava o encontrar até de olhares entre nós ambos, deixava no longe a qualquer possibilidade de eu perguntar

*Por quê?*, e de assuntar *Como?*, e de perquirir *De que jeito?*, deixando só comigo mesmo a sina e a empreita de ir descobrindo serventias melhores, cada vez mais, à essa arvesada leitura de esconsos alheios nos jeitos das gentes, isso que me foi aprendido e por ela ensinado.

## Um enterro

Pois foi, também, que, daí a alguns dias, talvez poucos meses – menos que ano inteiro, é fato e verdade –, tivemos de levar mais abaixo à terra o Tio.

Naquela ocasião, não houve rastro de cometa, nem visita extemporânea de bispo recém-nomeado, nem ignaro novel caixeiro-viajante passando com ofertas de último alariz provindo de antigas Europas, nem nascimentos de crianças em esconsas quebradas e já sendo batizadas com dente e fala e firme caminhar, nada que pretextasse estaria o mundo primando novidades para encobrir defeitos de sempre. Que o novo do mundo é, no de-vez-em-vez, meter-se nos mesmos atavios. Na certa e à-vera, o que houve, no tempo pouco depois do atirar-se assim do Tio, foi o fim daquela revolta e guerra toda tormentosa, essa que já nos havia deixado de herança e resto os últimos dias de um Alberto Dioto, mesmo sendo que havia se aproximado dele uma Lunafflor Rosália, coisa como que de propósito feita – dando um algo algum para, no imediato de um seguinte átimo, tirar de-todo e de-vez. De fato, então, assim, o que ocorreu foi apenas algum baque ouvido por alguns e, depois, por todos, tendo surtido do encontro célere de corpo e chão, sendo aquele, o do Tio, Eli, e este, de todos nós e de ninguém, estrondo que ripostou nas bombas que destroçaram lá um túnel desses na Santos-Jundiaí e enterraram todos, um a um, cada ano dos seus vinte-e-dois de Alberto Dioto e que, mais tarde, ecoaria num ainda distante dia de

1954 em estouro mal-ouvido mas melhor acertado, nas cercanias do Largo do Machado, no Rio-de-Janeiro. Porém, no correr dos dias e das horas daquele 1932 em que então me encontrava e me sabia quase, nossa tarefa súbita foi erguer velas ao ar, adornar de agrores e agruras as vestes nossas, talvez simplesmente deixando escorrer para o baixo do corpo o transtorno instalado no olhar lutoso de todos e de cada um de nós muitos. É que se tratava, como qualquer gente entende bem depressa mesmo se aceito tardonho, é que se tratava de dar à terra o que a ela chegou bem tão lépido, o corpo já mal-ajambrado desse Tio Eli, corpo tanto mais difícil de entender quanto mais tempo ficava a se estender diante de nós – que o escárnio de todo velório é ir tornando essa presença tão insuportável, que se acometem todos a levá-lo logo ao embaixo da terra e ao longe dos olhos –.

Que é preciso, nessa e então, refazer o contar, este, a partir de começo e fim dessa história – começo de queda e fim de vida, que bem poderiam ser antecifrados em fim de queda e começo de vida, tivéssemos nós quase todos o poder e o alcance de –. Mas nada de um, menos muito de outro, apenas se fica suspenso no desajeitado desse ir-alinhavando palavras sem prestura alguma que seja. Pois assim, já se disse acima do bilhete escritado por Tio, Eli, dando conta de um *Viva o amor*. que exigia de todos quantos o lessem a paciência de compreender o que não estava ali para ser pronto entendido. De lá – da sapucaieira ou do bilhete –, pulou esse Tio e, de algum modo nos levou a todos na estreiteza de tão ligeiro e presto caminho: quem é que?!, depois de findo e feito, teve jeito ou prontidão de fechar ouvidos e tapar olhos?! Nada, nhumas, necas! Pois que muito se ouviu, muitos ouviram, até de longe se teve ciência do choque: justo logo ao cair o Tio ao pé da árvore, já alguma multidãozinha rareenta se ajuntou no em-torno do corpo, meia-dúzia de bastantes bebedores que nada faziam, em fim-de-tarde e pé-de-dia, acostados ao balcão do bar do Dito Feitosa, enfiados num infundável desfiar de casos e contos, apenas e só interrompidos e renovados, então, pelo barulho seco e duro,

ouvido em meio a alguma história de pula-cerca de moça-mulher velha-casada a que uca e culpa faziam mais interessante. Pois foi, assim e então, que interromperam todos a história sem que se dissesse os já-sabidos nomes do arcano e infiel comborço e de seu xavier-traído, e nem mesmo da teúda que a eles os ligava. Ouvido e logo escutado o oco e o osso da queda, acorreram em largas passadas, tanto quanto o permitia a comunhão entre curioso e carraspanado, acorreram todos, assim, então, a ver se ainda algo subsistia de vida e sopro no corpo que – que nada! – se havia decidido de-vez dar-se ao vento. E foi um desfilhar de espantos, todos os que puderam recolher do antigo de vidas tão já longevividas: cada um dos bebedores cultivou lá um silêncio que nunca foi o deles, e souberam botar olhos o mais arregalados possível, buscando talvez ver nalguma fímbria dos restos do Tio, nalguma parte de gesto seu, o início de seu próprio fim deles. Mas nada acharam; nada não souberam nunca, nem perceberam coisa alguma, que nenhum deles se havia versado em artes de conspurcar caminhos e leis do tempo e das gentes. Apenas puderam botar olhos mais arregalados impossível por sobre a capa de pasmo e palor que ia envolvendo o Tio, esse seu corpo que foi Eli, que ia recobrando já tudo com uma pátina de dor e dúvida, mais forte que qualquer mortalha que se fizesse e em que ele ainda coubesse. Pois que, em tal momento, o Tio, esse, estava maior do que todo sudário existente ou a-existir. Não cabia, o Tio, nem mesmo no arregalado olhar dos bebentos, capitaneados logo em seguida pelo Dito Feitosa, ele próprio, sempre sóbrio, que achegou-se depois de ter deixado balcão e bar sob o comando da Toniúca, filha mais velha e ainda noiva e que, ano e pico mais tarde, seria a moça-mulher a fazer seu pula-cerca, mas sendo que tal história nem mesmo nos interessa no-mais de agora.

E coisas essas desse feitio são fogo de morro acima e água de morro abaixo, que tão-prontas se dão a ocorrer, mais prestes se deixam levar a ouvidos muitos e a olhos vários. Que, entre ouvidos e olhos, sempre corre algum tempo que vontade alguma impede, e todo acaso impele! Pois, bem, foi então e assim que,

mal ouvida e sabida a nova, dada ciência à casa-grande e a seu povo todo quase-inteiro do salto mal-dado por Tio esse, Eli, já alguns e outros apareceram no embaixo da sapucaieira, a árvore velhenta p'ra bem mais de século e que, agora, ostentava quase presunçosa sua idade vetusta de vida para alguém que nem isso mesmo mais tinha! Mas assim foi, foi assim que umas gentes agregadas da casa-grande vieram para botar o comprido de olhos e falsas incredulidades de-farsa no *in-loco* da novidade e pressurosas fizeram caminho de volta apenas para pôr olhos e ouvidos nas reações dos parentes mais próximos. E foi assim:

Vô Josefo apenas fez que ouviu, deu assentimento com a cabeça, quase que nem movimentada, apenas seu mínimo de deixar perceber ainda alguma reação, mas dizem e atestam as várias gentes que com ele conviveram ou estiveram que, até o fim da sua vida dele, manteve o mesmo ar de descrédito e dúvida certa, não crendo no em-cima da hora em que lhe disseram a ele, não acreditando durante velório, durante enterro com missa de corpo-presente, por ocasião de missa de sétimo-dia, quando de missa de mês, como seria em missas de anos se tivesse ele ainda vários anos no-depois, e tinha gente capaz de jurar pelas almas do purgatório que ele morreu quase conseguindo dizer que tinha ouvido era a mais deslavada e suja mentira que algum cristão pode pregar em outros nesta face da Terra e que, pudesse ele levantar a voz do leito seu de enfermo despedinte na Santa-Casa de Cachoeira-Paulista, que ele ainda chamaria e seria atendido com o vagar de sempre pelo filho seu Eli, atirado à vida, como sempre, mas nunca se-atirado de árvore alguma, não senhor!

Já a avó Joana João, ela, disse e redisse mais e bastante, pois pôs no corpo seu dela toda uma correição de gestos miúdos tão curtos que faziam feira muita de desesperos patentes, colar de quebradas contas a expor às gentes o seu desafogo de vida e vida, o seu desacorçoo de sina, dando sinal, pretextando dores, exibindo punhos, brandindo dentes, arreganhando os íntimos lá seus como quem rasga roupas à vista de todas as pessoas para dar maior conta e consequência da perda do filho. É que havia em cada

dela movimento um estudado doer entremostrado em evidências de incompreensão desatinada: o passar a mão pelos braços, sem parar, do cotovelo à munheca, e desta àquele, não queria dizer?! de sua saudade no afagar carinhosa a pele do filho a quem havia banhado vezes sem conta, apenas?!; o piscisar incessante dos olhos não afastava só algum cisco cismado, mas dava vazão e azo a que o choro lhe viesse do mais profundo de sua impotência de mãe que não soube morrer antes da cria; o passar o pé lentamente no chão, como quem vai tirando sujeira depositada grudada há anos no soalho, não era só a tentativa de limpar sua história desses transtornos doridos, mas ainda também a empreita de buscar algum apoio em mundo subitamente desguarnecido de equilíbrios e provido provisoriamente de andas e andores. Tudo somado e tramado e comunhado, seu corpo ia dizendo e reclamando dessa vida dela que dela mangava com injustiça ridente, com essa desoportunidade flagrante, exibida e intronada. Que a avó Joana João nunca que teve tanta precisão de dar corda ao relógio de parede como naquele dia, e passou a apertar as cravelhas sem mais necessidade, estando já as molas ao-máximo retesas e não suportando mais a pressão dos dedos e das engrenagens, prontas e prestes a estourar de momento a outro, como se assim saíssemos todos de fora do tempo e tivéssemos à mão alguma esperança de metermos atavio nosso no pavio agora apagado sem poder mais explodir... E ela ficou nesse apertar de corda e coração até a hora em que não se podia mais dar adiamento nenhum ao ritual todo e seu cortejo. E foi desd'áí, bem daí foi, que nunca mais é que ela, nem nenhum outro, se permitiu fosse dada corda àquele relógio, que, quando parou de-vez em-sempre, parou mesmo e por bom-bom, marcando hora qualquer que todos sabiam ser a qualquer hora em que se devia de sentir a ausência de mortos assim, como o Tio, esse Eli. Que o tempo dos mortos sempre é que se acaba colando ao nosso, atrasando seu tantinho, tirando da gente uns minutos a cada hora, umas horas a cada mês, alguma vez a cada ocasião, e nisso acaba fundando um buraco de eternidades cada

vez maior... E daí vó Joana João, muito depois de tempo esse, ter-me contado, por meio de recônditos silêncios, em evidência de gestos e coisas, a sensação que ela tirou desse momento, sensação que, daí pra diante, foi usada em dias, acumulada em roupas, encadernada em pele, sabida em sempre, sensação que teve no nascimento de Eli, o Tio, e de cada um de seus todos filhos, e que, agora, se repetia igual, mas diferente, no passamento daquele Eli, e era como que um vazio súbito instalado no mundo inteirinho só que parido pelo seu útero tão pequeno diante da imensidão da tarefa de amamentar e dar vida, e da sina de dar exéquias a filho.

Mas, para que tudo chegasse a esse ponto de inumação e cerimônias, muita prebenda se deu e se exerceu. Vejam só, vejam bem, se não é rigoroso e tal exato: por algum código de cânones, direito ou torto – vá saber! –, se interdita sejam suicidários e seus seguidores admitidos às liturgias normais e aos sacramentos todos. E não houve plano ou pró que chegasse alguma medida de ceguice piedosa à retidão direta e até chambã do Padre António e que o fizesse soslaiar leituras dos preceitos e obediência a regras de tão distante ocasião e desjeito. Mostrava-se e queria-se, o Padre, intransigente e reticulado, como quem não escolhe caminhos, mas segue a jusante de rio e mar. Dizia ele: cavalo não só bole, mas dá sela; gente não só escolhe, mas vela; Deus não só olha, mas zela. E houve necessidade da enfim intervenção da palavra arranjada e escorreita dos tios Altair e Aldebar para lembrar a esse Padre António de alguns seus maus arrastos de asas e porteira em alheias casas, em ocasiões de certas viagens de marido que o impeliam a fazer seguidas visitas de *sancta consolatrix* a alguma sua fiel filha de Maria, em horas de imprópria educação mas própria para dever de não se dar a ver por ninguém quase. E, com isso, a liturgia foi encomendada e tornada presta e apta à situação, foi tida e dita conforme a preceitos e fés, pois, na missa – e bastante pouco mais, no sempre-depois dela –, é que não se falou ninguém de mortes-se-dadas e quejandos.

E onde é que estava eu nessas cerimônias de enterramento todo? Se tudo chamava a visgo e não a vida, quereriam outra



situação que não a de me acostar a paredes, aqui e ali?! Me escorando nos olhos para não cair para o-adiante?! Botando inflexões desusadas em alguns gestos somenos?! – esfregar unha com unha do mindinho e do mata-piolho; morder no por-dentro da boca o em-dentro da bochecha; olhar algum ponto fixo sem ver, pelo hábito usual de tirar o foco da vista e a lógica do pensamento –?! E foi assim que quase me sumi inteiro da cena, embora a habitasse por dentro e total. Até dava aposta de dizer e mais afirmar que, aos poucos e sem repelões, os demais todos presentes passaram a deixar de me ver e sentir, que se davam a olhar e a escutar sem espécie, sem escudos, sem escusas. E foi então, bem foi aí, que os cochichos depressa viraram em alvoroço, mas daqueles bulícios que chegam sem pedir licença, ocupam casa e azo, se espalham por sala e cela, e nem diante do féretro se desbaratam. Aqui e ali, de quando em onde, eu me fazia capaz de ouvir ligeiras frases que davam nomes a gentes, a lugares e a feitos já esgarçados como se fossem vetustos de séculos, mas não tendo – isso o sabíamos todos – mais do que os poucos meses, vá lá, os pequenos anos que se desfiaram no colar dos calendários do Tio e puseram termo às contas dos dias e das horas seus dele. Mas os assuntos variavam e divagavam. E, se havia motivo e fidúcia para parolar casos desse Eli, Tio, muito havia também de histórias alheias e alhures. Houve até algum aparentado de longe, de longe vindo para mais de vinte léguas das boas e estiradas, que acosturava um pôr-em-mim-os-olhos ao falar de outrens, parece que esquecido tanto da viagem e muito do parente encastelado no esquife. Esse-um era um tal de Boanerges Alguma-coisa, que, vejam só, e bem, nem me deixou naquela ocasião rastro de nome nem data de certa idade, mas pespegou-se a falas falsas, fazendo circunvolteios sem pressa nem missa. Saiu da política de Getúlio e de João Alberto Lins de Barros, para assestar vezos em bicheiras de vacas, transitando por dormências de pernas, inquirindo receitas de vá-buscar-tatu-no-buraco, para rememorar distantes ou ausentes, como um Juca Capucho, que esse Boanerges-Tal

estranhava não ter sido chamado e convidado, tendo tão tais ligações com a família! E toque de novo a botar olhos em cima de minha pessoa como que querendo descanso de palavrear sem arresto. Mas vem daí que me deu a gana de me ficar inquirindo, por minha vez e gosto, o porquê do motivo de Juca Capucho e eu estarmos agora ligados pelos olhos falazes de tal Boanerges, faltos de o-que-fazer de-mais! Lereias, nada mais, apenas. E toque de novo esse aparentado a se esticar em outras direções, tecendo boas loas a pais e avós, feito fosse e estivesse esquecido mais de Tio e tios, fio que nascia descômmodo e imprevidente em sua fala lá dele tão falha de propósitos e caminhos certos. Ao menos, é como eu me afiançava todo em tudo, já que há falas e fatos que só ganham envergadura e pose definitivas com o tempo passando, sobre eles, suas mãos de asperezas.

Mas não se pode dizer que havia propriamente confusão. Era, isso sim, o esperado e certo burburinho que, em todo velório, se intromete amiúde nos sussurrados gestos e nas surradas condolências, que põe lentidões de toneladas nas palavras e esperas ainda-mais-adiadas nos olhares de todos. E olhares não faltaram nem falharam, cada competindo com o seu de-mais desacorçoo. Vejam vocês Lunaflor Rosália, que esticava suas incompreensões mudas em direção ao corpo do Tio, Eli, que o rosto dele, esse, estava escondido debaixo de muitas e muitas grosas de rosas, e arrobas de lírios, e molhos de crisântemos. Mas, como se dizia, Lunaflor Rosália fixava o corpo estendido e inerme, infenso a reza ou praga, olhava tão fixo que não se admira fossem suas lágrimas caladas, selando de seu sal seco a suavidade parece-que-para-sempre-perdida de seu rosto. As minhas mesmas, essas não cessaram logo, nem no momento, nem depois, e temo mesmo que ainda não tenham dado sinal e signo de que algum tempo ou quando vão esbarrar. O que não me impedia a mim, naquele momento, de ver as dela, como se a irmã do Tio resumisse em suas dores o desalento torpo de todos. E era de dar pasmo e tanto de se perceber como ela ainda mantinha os olhos tão bem abertos, que nenhuma lágrima alguma

lograva fechar ou turvar, olhos de grande susto e pesar, abertos para absorver duma-vez o sofrido necrológio que todos escrevíamos com nossas desastradas presenças – que, de fato, não sabemos nos portar diante de morte qualquer, e toda pompa com que a paramos e ornamos nunca chega, crianças que somos apenas envelhuscadas a arrastar estabados brinquedos! –. E era, então, como se os olhos de Lunaflor Rosália quisessem trazer para dentro de si aquela cena toda e suspender, no ato do átimo, o instante em que ainda havia corpo e havia Tio e havia talvez algum arremedo de vida e verve, alguma fimbria de gente, com que mantê-lo entre nós.

O Tio, esse Eli, havia pulado de cabeça. No mais habitual dos casos de morte-se-dada, alguém sempre se salta de pé, como que a se evitar da pirambeira, como que a adiar com o raso da morte-vinda-em-vida, feito quisesse deixar algum assunto com tempo de embarafustar pelos caminhos do pensar e do dizer. Mas não ele, não Eli, o Tio! Que ele, esse, pulou foi mesmo de cabeça, como que para não ter nem deixar dúvida de que a terra era seu caso-pensado e certo, tendo-se dado a encarar o caminho escolhido antes de que o definitivo dos fins se chegasse com o supetão de-seu. Daí o terem ido buscar rápido um agente funerário em Guará, coisa que levava boas horas em cavalo, mas que resumiram em algumas poucas, pela prestatça do evento e pela precisão do momento. E veio esse agente com a especial incumbência de disfarçar o estrago... Veio, e nada não fez de especial, solércia sua entanguida pelo desacostumado do sucesso. Onde é que se viu ou via vir cristão pular, primeiro que de árvore e, secundamente, de chapa e de cara ao chão, estragando feições já desse jeito?! O mais que pôde e fez, então, assim, foi meter profusões de flores, festões em munificências, cheiros e cores de mil jaezes e tudo, como que a engrinaldar de vez e sempre a má aparência do salto, ornamentado agora em alto e bom estilo, como que a meter, entre nós e o Tio, Eli, entre a visão do esquife e as lembranças todas nossas dele, algo de uma colorida indoloridade. Mas inútil, como são todos os gestos nossos e de outros, diante da desfaçatez do existir.

E lá estava Lunaflor Rosália, ela, resumindo e dilatando os pesos e dores de nós todos, parece, pondo ainda e sempre seus olhos sobre a madeira envernizada e brilhosa do caixão, passeando com eles pelos pegadores de bom metal escovado e luzidio de miríades de reflexos, botando muito mais jeito e cheiro nas flores e trazendo a realce suas evidências de vistosas pequenezas, tentando ver algum rastro ou feitio de vida e vida que fosse capaz de escapulir daquela sala fechada e abrir-se toda inteira no em-dentro de cada um e de todos. Mas, estávamos fechados ou quê, então?!, que não fomos capazes de perceber esses arabescos de dor que ela ia desenhando e com que, junto, ia arrastando e engrandecendo os demais nossos! Eu, eu mesmo!, intentava com esforços sobremaneiros ir pegando no aqui-acolá algo que se escapava talvez pelo ar e, aí, ver o motivo de tanta assuada que o tempo nos colocava no colo. Já metido e algo habilidento nas artimanhas do ver-e-ler nas pequenas coisas e gestos o fulgor e o fito do que lá não mais estava mas devia, tal como ensinado me fora por Esmerência há algum tempo antes, mesmo ainda um tanto estouvado, em alguns outros azos já surpreendia vezes e vezes, tempos ido outros, segredos de escondida memória e envergonhada prestanta. Mas não lá! Aí, nada eu tirava ou via ou lia do Tio, fosse pelo encoberto e escangalhado do seu rosto dele, fosse pelas florescências que o encobertavam, fosse por não pôr olhos em nenhuns outros, a não ser nele mesmo, próprio; fosse por que fosse, não atinava eu com nada, de gesto e jeito, de mote ou sorte que me explicasse a ausência dele de-si, a pouqueza de palavras no deixado bilhete, a parcimônia de evidentes motivos para o derradeiro e definitivo da tomada decisão lá dele. Talvez assim fosse porque dor e dolência se mancomunavam em força, para pôr caligem entre mim e o Tio, para confundir embaralhar os contornos não-mais nítidos de suas coisas dele. Talvez porque no fundo eu não quisesse nem me sentisse pronto e apto a saber. Ou porque as coisas, dos mortos, quando por sobre eles, perdem sua aura e esfera de vida, já não ganham sentido nem uso fazem de si, aboletadas apenas esperando alguma terra no por-cima e o

esquecimento inadiável daí advindo. Fosse como fosse, nada vinha até mim, a não ser esse desamparo de si, como essa sensação que deve de ter a cria do gado comum quando apartado em mangueiro outro e botando em berro tão baldo quanto belo o desassossego da despresença da mãe...

É!, baldo e belo, assim foi mesmo, foi assim o enterro de Eli, Tio, naqueles tempos já tão idos!

Mas não foi?!, que, retornando todos do cemitério, demos de cara e testa com a sinuosa caravana dos ciganos já chegando a se instalar, ainda uma vez mais, bem no ao-lado da ponte?!

## Barulho de tapa

A volta do cemitério nos trouxe a rever e adentrar a casa-grande, com todo um cada-um inspecionando como que no conferir que pedaços de nós faltavam por por lá terem ficado... lá no requietório. Eu mesmo me deixei ir de lado a outro, mascando meus silêncios de pedregosidades arrelientas, mais olhando que sendo olhado, e sentindo como se estivesse vivendo vários anos a cada minuto. Vó Joana João cuidava de tricotar na cadeira-de-balanço da varanda, e atava a cada ponto antes o seu imediato depois, como se perfilasse neles a correição das lágrimas suas dela que já não expunha a mais ninguém, e usando a linha para amarrar alguma lógica nesse desabusado mundo de desusadas sinas. E acima dela, à janela, empostado também em silentes pensares, cotovelos cavoucando seu algum apoio na madeira, vô Josefo Pereira Mendes parecia ruminar umas suas decisões lá sempre-adiadas; de quando em vez, soltava no olhar algo feito um corolário, quase que dizia seu tanto e certo, para calar-se incontinenti a bordo de um meio sus de suspiro. E, ambos, dando ares de estarem adejados por rudezas demasiadas, nem trocavam não palavras nenhuma, apenas insistiam na pose de si e na posse de nulo, mais é contemplando aquele passar célere do tempo, como se se houvesse demais dado corda ao cronoscópio lá do alto e ele este, agora, falto de meios e cheio de indevidas forças, se tivesse decidido e escangalhado e desse para disparar corrida em busca de um nada sempre adiante adiado. Eu, no

caso, certo não estava nem mesmo vendo e lendo isso tudo por mim, e nas ínfimas coisas e gestos lá deles dois, não!, usando de nada do que já havia e estava aprendendo da Esmerência, a cigana aquela! E nem era mesmo preciso que assim fosse, tão evidente seu desacostumo deles, dois, com a falta grande de si próprios naquele pouco de carne e ossos que, há pouco, haviam deixado encerrado em caixão e envolto em flores e saudado em silêncios e rezado em preces... agora sem pressa.

Então e muito incomodado por esse desalento deles dois, Josefo e Joana, avô e avó meus, pai e mãe do Tio, Eli, entrei p'ra sala, buscando sei lá que resto de-meu que ainda pudesse ter sobrado de pé e inteiriço. E nessa sala, aquela, estavam os outros demais irmãos e irmãs, a ligeira turbamulta de parentes aplicados à tarefa de contar velhos passados a ver também se por lá encontravam algo que lhes desse o *Por quê?*, que lhes ensinasse o *Como?*, que lhes mostrasse o *De que jeito?*. Mas qual, e quê! Se fosse apenas a fala cansada de fingida arenga, ainda ia!, que nunca metemos mais atavios nas palavras do que os que permite nossa pena e sorte, mas falava-se de algumas demasias poucas, prolixas histórias que apenas e mais arranhavam o couro recém-lanhado e muito-de-mal pensado e que ganharam interrupção súbita, bem e exato no caso e momento do meu entrar. Coisa-e-loisa que só devia de ter mesmo me chamado muito a atenção. E, contudo, mais do que apelar à sensata vigilância e observação, buscando sentidos esconsos no modo como diziam e deixavam de dizer, eu até que podia lançar inquéritos, proceder a perguntas, expor injunções, sobestar impugnos, mas, ora no aí daquilo, eu me dava já de vencido por cansaço de enormes perrenguices e me tranquei nas poucas palavras que dos tios e tias havia ouvido, pespegadas aqui e ali e tendo perdido de seu delas a amarração devida e fundada em clarezas, palavras pegadas por mim como se nada não fosse ou estivesse, tendo identificado patrônimos de gentes conhecidas, como o *Juca Capucho*, entrescutado verbosidades como *bater-lhe*, ou coisa que o valha e possa, e ainda emendas

rasgadas de építetas frases como *deixou ele e foi-se*. E aí, bem aí foi que novamente me vi surpreendido pelas curvas que dá esse rio de temposidades irrefreáveis, pois foi aí que me veio claro e direto, feito ontem ou hoje de manhã mesmo fosse, me veio à lembrança evento de lá de meus oito ou nove anos, se tanto e muito.

Se deu, então, assim... Mas já faz e fazia tempo muito transcorrido e a memória renhia então, como lida agora e vai sempre labutar, com seus pesos de chumbo para chegar até à tona de alguma lembrança insofismável, como asmático que puxa o ar com aquela incompetência comovente que é a de eles todos sorverem seu muito para terem sua miga mínima de sopro e vida. Mas, cutucando aqui e ali, pretextando distrações e pondo o corpo a exprimir seus silêncios prenhes, algo sempre sai da toca. E foi assim e então que, do *bater-lhe*, peguei no ar do acaso o lembrar-me do tapa em mim dado, e muito aplicado sem economias de barulho e dor, por vô Josefo Pereira Mendes, na presença de avó Joana João e diante de fala e pergunta expressando intempestividades lá muito minhas e próprias. Próprias, aliás, de quem se assenta só na pequenice dos oito, nove, vá lá!, dez anos de idade e vida, e nem teve ainda com o que meter-se juízos e precauções na cabeça a proteger o resto do corpo de reações adultas à indevideza de falas e que-tais. Pois foi, bem e assim, então, que se deu da maneira que conto, como já contei muitos milheiros de vezes sem-conta a mim eu-mesmo, e a mais ninguém não senhor de jeito-algum!

Se deu bem assim então, que domingo podia ser, ou mesmo dia-de-semana do comum, que coisa dessas escolhe dia só para escárnio de nós e descargo de consciência de não-se-sabequem. Fica então assim estabelecido que foi algum e devia decerto ser domingo, pois que era hora de almoço bem tardo, lá pelas dez-e-meia beirando onze-horas, ocasião em que cheiros disputavam seus ares e proeminências, puxando lembranças, provendo gostos, exigindo apetites, se mostrando à feição das cozinheiras que haviam posto esmero e talento em algum metro-



quadrado de ferro e alvenaria do fogão-a-lenha. E esses cheiros todos iam escarafunchando o povo todo da casa-grande, inspirando conversas ao soltar tanto a alma quanto se exibia a fome. Estávamos quase todos rodeando a mesa roendo a sua antegulosice; alguns – no geral e no direito, os mais velhos, vô e vó, e filhos primeiros – francamente sentados no aguardo, os demais outros esperando a vez em pé em que teriam autorização e ordem para se ajuntarem aos confortos devidos. Falava-se e comentava-se algum trato havido e ocorrido em algum lugar que, à época, entendi eu como Ver-a-saia ou Vê-e-sai, em França ou proximidades, mas era política e era complicado em demasia para a pouquidão de anos em que me sabia eu, tão falto de tamanho quanto de voz era, e fiquei apenas no imaginando as caras ibéricas, as pernas alemoas, os cabelos ingleses, os cheiros belgas, que, naquele tempo e idade, diversão minha era idear um corpo por sobre os mapas. Aproveitando a noção pouca-nenhuma que eu tinha de geografias e fronteiras, fazia que pensava na Europa como uma rainha, um corpo de belezas infundáveis distribuindo seus pedaços de carne e formas pelo que qualquer outro leria e veria como territórios, cidades, rios, estradas de ferro... Mas de onde eu tirara aquela ideia? É claro que uma boa parte de minhas artesanias mesmas, mas também do empenho de vovô Josefo de no sempre-que-possível defender seu monarquismo empedernido e irrefreável, dando mostras e vistas a quem quisesse dos progressos e dos confortos dos muitos países europeus que, até em guerras e mortandades como essa que agora se encerrava, eram de escol! Vai daí que imaginei a Europa como mulher, instalada em braços aqui e acolá, pernas bem assestadas e corpo de firmezas insuspeitas e insuperáveis. E pouco depois, quando meti olhos em mapa de verdade, vi o acerto do que havia imaginado: lá pude vislumbrar a cara de sonolenta beatitude inquirindo os mistérios do Atlântico, que eu já havia intuído e colocado dentro do meu improvisado desenho de cabeça; percebi a possibilidade de uma coroa na ilha britânica, espalhando realezas, do alto de sua altura, para o resto

do mundo e povos; foi aí que surpreendi braços repousados em Itália e Escandinávia; vezo de coragem e voragem de arrostar perigos e guerras e esforços na cara portuguesa a encarar de frente o abismo do mar diante de si, como quem nem suspeitava mesmo fosse abismo e fosse mar o que diante de si tinha!

Pois e foi aí que pulou a conversa para reis e rainhas, e de lá para pais e mães, no rápido de um átimo já estabelecendo todos da mesa que falavam, menos a miudalha silente e pouco-queixosa das crianças... E foi então bem aí que dei vazão e caso a desatino lá meu e que trazia embrulhado em lascas de gumes de estrepes íntimos, esse que não me atinava com o dar nomes e lugares a mãe, pai, avô, avó, tios, tias, primos, sobrinhos... Ia eu pelos meus oito, nove, talvez dez anos já, mas sabia onde apertavam os fatos e sobrava o calo, e mesmo com essa exiguidade de idades, não atentava em como dar cobro e tino às perguntas que eu fazia comparando-me a mim com os demais pequenos, pois que todos tinham lá suas duplas de mãe e pai direitinho distintos das dos demais, e até mesmo um moleque sobrenomeado de Peridoro, ou Perido, não tendo de seu o pai certo e um, talvez muito fugido de crime sem-perdão, ou morto e largado em algum cemitério em esconsas quebradas para lá de Itajubá ou Maria-da-Fé, esse Perido ou Peridoro respondia com grossas sujidades quando lhe chamavam a mãe de coisas sem poiso. E eu?! Não tinha com que pegar palavras com pedras na mão e oferecer ofensas também, pois que me debatia em cerração densa que flutuava no ar diante e em-redor de mim e não me deixava ver e assuntar e mesmo nem pensar direito no quem seriam pai e mãe meus. E não me deixavam falar disso, já nas poucas vezes que recém havia tentado, desd'há escasso tempo, pois que aí nisso metiam todos tortuosidades insuspeitas e insobremontáveis: vô Josefo, no que primeira vez ouviu inquirição minha, desviou imediato olhar e rápido grito para um camarada que deixava algum garrote escorregar de seu laço e mando para em direção do pasto que estava aberto para a estrada dando saída e fuga e nunca mais é

que ele veria sua lerdiza chegar nem de longe do tal novilho; vó Joana João, então, fez assim-assim, ofereceu-me de resposta a boa tentação de uns papos-de-anjo que Mariana-cozinheira havia acabado de aprontar apenas para visita que passaria no final de semana longe de quatro dias mas em que poderia eu meter dente e gosto no antes de todo outro; Lunaflor Rosália, essa, tia, estava armando seus festões para enfeite e festa próxima da igrejinha do Bom-Jesus e limitou-se a dar-me sorriso dos mais sarapintados de estranhezas, pois que seus os olhos acima se fechando não acompanhavam sua boca embaixo se abrindo e assim ficou ela, tartamuda e quieta só olhando o que nem se dava mesmo a olhar; um tio, Altair, estava passando veneno misturado com banha nas bicheiras da cachorrada de caça e pesca dele lá e nem mudou quase que nadinha de nada, apenas ligeiro tremelicar de mãos se armou e denunciou o que foi ouvido e nem respondido foi, apenas a tosse lascada e o dedo vindo apontar o aceso cigarro pretextando o não ter como ser tirado da boca para sacar daí as palavras que fossem; Tio Eli, esse então, mostrou-se primeiro e antes companheiro do silêncio de Lunaflor Rosália mas à diferença de que assestou olhar direto em mim como que suspendendo no exercício de vento parado no ar o fio de alguma certeza lá dele e que eu nem percebia e nem ele mais mesmo logo exibia; e, se mirou mudo, assim silente ficou, pondo perene perda de pressa e senso como que a cavoucar ecos de antigas coisas lá deles todos. E assim ficou tudo e ficaram todos. Assim foi, mais ou menos, de jeito, até essa ocasião acima pintada em que aproveitei assuntos de realezas e europas para raspar em ouropel externo querendo chegar ao fundo e ao termo da dúvida que já me cercava de todo modo e maneira. E, feito fosse arauto, em mim, de desincertezas de outros, atrevi-me a palavras seguidas, ditas sem entremeios, já não mais perquirindo pelas bordas o Ô e o Ó da indeliberação, mas travando no dente a cica seca e itê da falta que me fazia o saber de meu e de mim. E disse, falei em rompante, já sestroso em botar meio-tom acima o timbre da fala para apequenar idade

que não tinha nem era mais, soltei meu verbo no caso do certo momento em que ao comentário de um algum não se seguiu imediata resposta de alguém outro, enfiei na curva de silêncio estreito e repentino a cunha da minha ânsia por meio de um *E a quem devia eu mais é de verdade prestar vassalagem e filhagem, se nunca me haviam dado mais que tios e avós?! E foi aí, certo que foi, instalou-se no espaço todo em volta da mesa, abrindo para as circunvâncias da casa-grande, aderindo aos pastos exteriores à fazenda toda, fazendo saltos por-sobre morros e matas, para mais de muitas léguas de distância talvez quem saiba, aderiu-se ao entorno das coisas e das gentes, um silêncio desses que, apenas anos alguns mais cedo, algum ou alguém se lembrara de trazer à tona do mundo à beira da chegada de um cometa. Resposta tive? Nada de nhures algum, apenas e só a estarecida aparência ganha pela toalha clara de linho branco, subitamente pintalgada de pontos e pingos escuros do feijão que eu, sem atrever-me a cuidados evidentes, pouco cioso de equilíbrios e distâncias, havia entornado em parte graças à providência de um braço avançado demais sobre a mesa e movimentando-se em arco nada afeito a manter-se em acauteladas lonjuras da concha e tigela. E, só depois de algumas horas, discerni algum consolo ao recordar-me da ojeriza de vovô Josefo a todo tipo de bicho pedrês, ao ponto de nunca admitir ser servido à mesa, em sua presença, galinha ou frango carijó, nem mesmo angolinha alguma aceitava mais perto que no fundo do quintal cuidado apenas pela mulherada da cozinha. Ao menos era como eu podia me explicar e me fazer entender o tapa que veio voando da mão dele avô até pespegar-se em cheio e direto no meu rosto, já ganhando vermelhores vários, já botando no ar da sala um outro silêncio, agora habitado pelo eco da surpresa e da vergonha, tudo temperado pelo não-entender de onde vinha intolerância tal, sendo o avô emérito pelo tom severo mas afamado pelo bom-humor com que suportava as trapalhices dos pequenos e nunca as dos grandes. Mas o fato e caso é que veio tapa, e veio mais silêncio, este, um pesado torpor*

de fim-de-linha, aos poucos substituído pelo clangor de um ir-e-vir que era o sangue rebatido do coração meu às veias minhas, entrando e saindo, dando voltas sem fim e sem saber o porquê de tanto trabalho inútil, meu Deus!...

Daí que, nessa sala em que se acolhiam as pessoas retornadas do enterro do Tio, Eli, as recordações do tapa dado e estalado, e do silêncio tão bem e muito conjoinado vieram se associar de imediato e presto ficaram grudados à referência ao Juca Capucho, ausência ressentida por outros tantos, eu agora via e percebia bem claro e certo. Mas o que teria?! esse um com esse outro – o tapa perpetrado e o arrieiro há muito ido e partido –, e como aprenderia eu?! a cardar dessa matéria de fios que se desmancham ao toque e se escondem ao olhar, costura de que somos feitos mas a que não nos acostumamos jamais?! Nessa empreita, até que poderia ser de alguma valia o que, valioso, havia aprendido com a cigana Esmerência, mas que-é-de empenho e solércia?! para chegar a algum termo bom nisso tudo, se era eu que estava implicado e até o pescoço metido no que queria e havia-de saber! Naquela altura do caso e da vida, eu já começava a sentir o ser-me capaz de ler em quina pequena a imensidão do resto que lá não coube em evidência, de pegar no bafo do azo a conta e os números da pessoa diante de mim colocada, mas nunca é que eu teria o direto e reto caminho até mim mesmo, desavindo comigo sempre que em mim tentava penetrar e saber. Nesses caminhos tão e só meus, era de valia nada e nenhuma as ensinanças de Esmerência. Daí que eu tinha eu era mais a certeza de que essa procura havia de ser encetada no contrapé da sina, no contrapelo do tempo, fazendo que de conta nada não queria nem pretextava, a ver se algum acaso e descuido do mundo deixava à vista minha o que miudamente se furtava de mim. É então, assim, que vi e percebi que algum aprendizado mais, de meu, havia que acrescentar ao dificultoso que já a meio aprendera com Esmerência, que era preciso pôr alguma cigance de minha na sabença vinda dela outra, e fazer que nada buscava para só poder assim encontrar. E que eu devia-

de não buscar, justo para poder de achar então! Daí que fiz que não ia nem vinha, que nada entendia fingi, afastei-me no átimo da vontade de inquirir de todos e de mim o que teria a-ver o tapado há anos muitos antes, mediante pergunta minha sobre quem é que seria no correto nomeado de mãe e pai minha e meu, e a figura desse Juca Capucho cada vez mais presente em sua ausência no velório. Ele sabia? Sabia alguém? Certo mesmo, então, era que sabia nada eu próprio, de mim me desafastava com forçado empenho e nem mesmo mais escutava as parolagens de tios e tias, ocupando-me em desinsistir dúvidas, e botar alguma ocupação nas mãos, e meter alguma comida na boca...

## Febre

O morrer, quando se dá e se conta, enlinha-se, parece, como feito fosse colar de contas umas a chamar e a suster outras, fazendo da perda de um alguém o fio todo da meada cheia de ausências grandes. Pois não é assim?! que se dá no viver nosso e de todos, e nem é mais assim quando se narra histórias e se mostra ocasiões de muito luto?! A uma morte se puxa outra, e ficamos com as mãos repletas de falta tanta, e mais falta, e ainda mais faltas que nos vão fazendo e enchendo de medidas de dor e de vazio. E pois, nos poucos meses que se seguiram ao desabalo e queda desse Tio Eli, a Magra veio colher seus parques frutos pecos, pegando aqui e ali no tamanho da vontade que era de ninguém e do fado que era de muitos. Nem tempo houve nem deu de trocar os lutos, e já vinha ela exhibir sua força a foice, levando daqui e dali, nada deixando além do cheiro adocicado e apodrido das flores murchando embaixo de sol e em cima de jazigo. Pois, não foi?! que, alguns meses e certos dias depois do saimento do Tio, Eli, não começamos todos, na casa-grande, a preparar mundo e fundo para mais um, esse agora do avô Josefo Pereira Mendes?!

Explico e entremeio, pondo a pouco e pouco, no certo, o vezo e o jeito, e é como se deixa terço ir escorrendo de dedo e mão, ao se dormir em novena ou missa, soltando e caindo devagar, uma por uma de suas pedras e bilhas. Inapelavelmente. Ao que foi o avô acordar no dia seguinte ao enterro do filho seu e Tio meu, e todos puderam saber de antecipado o dessueto daquela recém-

madrugada. Era a fria da antemanhã ainda cheirando a noturnos gestos, e nem se havia apagado o setestrelô, e também não se iniciara a procissão de cascos e cornos e corcovas em direção ao mangueiro onde, dali a pouco, vacas e novinhos e algum marruá desensolto se fartariam no bom farelo comungado a sal e botado nos cochôs todos. Nada desse estrépito de bichos ruminantes, também nada do grugrulejar dos perus, do arrulhar dos pombos-de-leque, do ciscar das galinhas, e já se haviam terminado os estrépitos dos sapos granindo e das rãs engrolando seus discursos de teimosia ou temor. Algum silente vazio se adensava, esticando-se todo e chamando a conluio morros e matos e caminhos de poeira nem-um-pouquinho-que-seja levantada por vento ou vida. Vinda de ninguém sabe donde, o fato e certo é que calava fundo no em-volta da casa-grande essa vacuidade de cada coisa-e-loisa, que nem prestava a acordar as gentes, nem se pegava de vez a nada, apenas circunvagava e espremia de seu oco e fundo uma quietaria de antes de algum estouro. E foi o que se deu no inverso do antepé de sempre, que o avô Josefo Pereira Mendes não engrolou ordem alta alguma, ou comentário de niquice nenhuma fez ou largou, apenas despertou-se de cima de si, meia-hora ou mais do antes que era de seu o usual, abrindo os olhos e guardando bem fechada a sua boca dele, apertada em acordância com o geral silêncio que reinava e rebentava em tudo-o-mais, apenas então abriu os olhos e soltou o seu primeiro da vida fundo suspiro, vendo acima de si o forro do teto bem artefeito por carapinas de bom-proceder e, ao lado e defronte, na parede pendurados, os retratos de-dois dos casais dos que haviam sido pais e mães dele e de mulher sua, avó Joana João, empertigados nesses tons marrons que dão séria respeitabilidade a quem seja assim metido encaixilhado em imagem, e mais ainda viu, metículo e cuidadoso no deambular vistas pelas paredes de recém-caiação e rudezas irregulares da algramassa, botando olhares fundos e mundos, então, por saliências das paredes, por teias entocadas de aranhas já-idas-há-muito, rastros pespeguntos de lagartixas deixados



em seus passeios noturnos à cata das melhores mariposinhas... Mas o fato é certo é que o avô Josefo nem olhava nada de si externo, apenas se desculpava de não ver outra coisa além dele mesmo, pretextando passear-se sem andar no quarto, quando, de-certo e fato, apenas bisbilhotava dentro em seu imo, a ver se ainda sobrava algo depois do suspiro fundo que dera e soltara há pouco. Mas nada que nada, nenhuma de nica, o que ele em demasia via e sentia cada vez mais era mesmo o ter-se deixado ficar em totalidade quase inteira ao pé daquele túmulo de filho, agora tornado tumulto de sentimentos e restos de pensamentos de meios sentidos. Ao menos era e foi isso tudo que pude entrever e saber ao longo daqueles dias que mal se iniciaram e pior ainda se acabariam, que quando a zica pede e escafede, nem há precisão nenhuma que a destorne de seu caminho dela.

Mas, no despertar do avô, pois, haveria?! então o mesmo estupor do Tio, Eli, a olhar sem falas o cometa?! Ou, melhor e pior dizendo, haveria?! nos seus olhos dele, avô, o espanto empedernido com que o Tio se acolheu e se lançou nos braços daquela terra tão mãe quanto madrasta era?! Ao menos, foi mais ou menos o que acolhi, aos poucos e com a devida lerdeza, no pouco de vida que ainda pude surpreender nele ao dele, avô, me aproximar sem mais os receios de antes, perturbando e perscrutando seus modos e meios de futucar cada pequeno buraquinho no tampo da mesa, ao tomar café naquela manhã primeira em que acordou no-antes de todos e nem teve como nem soube e nem mesmo precisou exigir nos altos brados que se coasse e passasse café bem forte, de nem bem se ver o fundo da colherinha pegada p'ra adoçar a beberagem. É o que pude presenciar, eu, mínimo, mas não mais menino, e agora versado já nas artes de saber os passados das gentes, daquela Esmerência cigana e moça. E foi, então, assim, quando o avô se tomou assento e foi servido, com as compridas broas de polvilho-azedo recendendo a erva-doce e queimando língua e céu-de-boca de tão quentes ainda que estavam, tendo sido o avô Josefo servido e muito com aquele seu café bem demais

de forte, foi aí, ora, que eu me dei à vista dele e, sem pegar em palavra alguma, tomei assento e acertei as companhias nossas, um para o outro. Avô estudava muito o gesto e o jeito, antes de se decidir a molhar o biscoito na xícara de café, deixar cair as exatas três gotas no caminho até a boca – uma, ainda na xícara; outra, resvalando e restando no pires; a última, espalhando-se rápida na toalha de linho – e engolir a porção melhor molhada da broa, para, só aí então, repousá-la mansinha no lado do pires para trazer a xícara e seu café até a boca, aliviando a quantidade da bebida com o sopro e revezando o sopro com o sorvo barulhoso do gole e tornando a pousar a xícara onde antes estava ela. E fez isso ele não uma ou duas vezes, mas várias e muitas, para só aí dar-se conta ou crédito à presença minha diante dele. E deve de ter gostado, e muito, daquela minha maneira de não perguntar nem falar, deixando o calar-me produzir seus efeitos e dizer enfim a que veio e a que vim. Pois não é?! que ele mesmo tomou iniciativa de falar sem precisar nem bem de me olhar direto nos olhos?! Ao que ele disse *Acordei meio cedo!* E cedeu ao cansaço, então, que começava a tomar conta e a fazer vistas no que meio mal ainda falava, deixando para mim, eu próprio, a incumbência de dar vaza e linha à conversa que ele havia começado, que ele queria continuar mas que não sabia mais como e coisa. O avô parecia, naquelas escassas horas entremeadas entre o enterro e esse café-da-manhã, ter desaprendido algo do de-seu, e agora se portava como semelhasse a meninote de rasa sabença necessitado da direção e do tino de mais-velhos para achar caminho nesse resto de tempo que já se soltava dele. E foi, então, aí, por isso, que me dei lança, baraço e cutelo para enveredar a costura das palavras nossas por onde quer que eu achasse deveria. Passei por gostos e gotas, de sequilhos e de cafés, ajuntei cheiros de esterco novo já-chegante do mangueiro não-longe, acostei em sonorosos mugidos e mungidos das vacas leiteiras, estreei vezos e vesgos causados por luz bem-excessiva do Sol lá-fora, e voltei à mesa, a seus furinhos, reentrâncias e saliências futucados por vô Josefo,

enquanto me contava o despertar de si, naquela manhã, loquaz que-tudo mas nas palavras que saíam de mim apenas.

E o fato e certo é que um dia bastou-lhe a ele para se habituar àquele horário e a minha companhia de falas tão compridas quanto certas, nem inventando desculpas ou fingindo maneiras, mas dando-se apenas o trabalho de, no sempre despertar mais cedo que passou a ser o seu, passar pelo meu quarto a verificar se já havia eu acordado e de pé e arrumado estava para o café-da-manhã. E daí é que fui me aproximando do avô pelas beiradas dessas conversas desleixadas e deixadas correr como se ao vento fosse algum papagaio de papel-de-seda feito. É que, no quanto mais avançavam e encorpavam as conversas, menos de seu ia ficando escondido no entrelaço entre as palavras, salvo alguma ou outra tênue bazófia que dele me alcançava. E já no terceiro ou quarto dia, na manhã como de-sempre, o avô meu, esse Josefo, chegou-se às lembranças de escolagens antigas, de quando ainda não havia desistido dos bancos do mestre-escola Aristides Demócrito por força de medo infando ao canto e pio do pássaro-saci, esse que era dado a espreitar caminhos e passos de crianças se indo sozinhas a algum-lugar sem de-maiores que as protegessem. Na sala do Aristides velho, avô Josefo aprendeu as pequenas primeiras letras e chegou até os rudimentos de algum latinório de boa cepa. E exibia orgulho de de umas e outras frases se alembra ele, vívido e vivido como se de ontem ou hoje cedo mesmo se tratasse, mas sem mais dar com elas em sentido claro e raso, apenas os sons batendo certos em responsos de tempos bem lá de trás: *Rex ab igne veniet, ac conjugio gaudebit, ac res occulta patebunt. Ou: Intelligite filii sapientum scientiam quatuor Elementorum. Est enim eorum occulta operatio nam nihil agit nisi componatur Scitote filii.* É que, no porém, se sabia o avô desenhar essas algarvias de longes sons e estreitas imagens, não possuía mais a mínima das menores ideias do que aí se falava ou se apresentava. Tinha ele ficado só com essas mínguas e réstias de palavras, já muito de-si mastigadas por dentro e trazendo ao aqui-fora alguma coisa que exigia amplidões de cabeça que não eram mais as suas.

E, fosse como era, havia manhãs em que ele se dava contador emérito de histórias sem beiras, de casos de quase soltas causas, até mesmo de anedotas vitupérias que tiravam do sol coado da manhã algum respiro de alívio, sol sorrido e escarrado para novos inícios de vida e gente, não fosse o fundo de desluzte que insistia em deslizar de seus olhos azulejados já para outras empreitas, empalecendo algum ou qualquer sorriso que porventura ensaiasse ele assim. De uma feita, e só, contou-me ele para mim o caso em que amigo lá velho seu, Sô Lau, caçador de quatro costados e muita arte, perdeu-se de caminho ou vereda que o levasse de volta a regiões reconhecidas e deixou-se ficar no pasmo quase de susto por não ter mais o de-comer à mão, depois de três dias de inútil andarilhação em quase-voltas repetidas. Sem comida, então, e sem caça, pois, estava ele, Sô Lau, no mais perdido dos perdidos de si e do mundo, arrastando a grande fome em quartéis em que nem fruta alguma havia, apenas as árvores de pouca casca e muita folha, algum arbusto mais resseco, e só! Foi, então, que ele topou com bebedouro pequeno, carregado de marcas de pés de paca, bicho marchador de teimoso, arreliento a aproximações, fugidio e desconfiado como só! Preparou, então, Sô Lau, uma armadilha, a arapuca: assestou a espingarda com a última carga de pólvora e bala em moita adrede preparada para esconder a arma, essa apontada para o único e parco espaço que havia para o bicho beber de sua sede, e levou ele e seu cheiro para inda mais longe, a modo de não espantar animal já de si tão espantadiço, estendendo entre seu esconderijo e o da arma carregada um fio de cipó-de-embira justo para ser puxado e dar com tiro em paca e paca em terra, para enfim o seu comer ser conseguido e assegurado. Ora, pois não foi que?!, ao se ir chegando uma paca, de médio porte não-grande nem tão-assim-pequena, ele ouviu estralejar de quizos no seu bem-ao-lado e, voltando olhos para aí e tirando atenções da paca, viu e confirmou que era de infensa cascavel pronta para pouco bote e pronto?! E, no entre a fome de daqui a pouco e a vida de agora, elegeu de si o mais proeminente

e presto, nem mexeu nem cipó algum puxou, apenas arrancou o facão da cintura e deu o golpe no breve tempo apenas suficiente para cortar a peçonhenta em duas – cabeça de um lado, resto do corpo do outro –. Mas, enquanto desferia corte e gesto no ar até o bicho, ia o Sô Lau ouvindo também o trovão-estouro que só podia mais era mesmo ser da espingarda disparando e matando no justo átimo a paca. O que era: que o seu braço levando no ar o gume do facão até a cobra, tinha arrastado o fio o suficiente para a espoleta ser dada a fogo; o que era e foi, então: fome a ser matada dali a pouco, e morte desviada por ceitis. Quase se levantando, no seu dar graças e graças à providência, foi quando o Lau escutou vozes e algazaras, de gente abrindo matos e inquirindo perguntas de quem é que estava se fazendo caçador em quintais tão perto assim e bem povoado de gente miúda e animalha de-casa. E era que estava ele, sem saber por que tortos caminhos e tortuosos acasos, a poucas centenas de passos de casa de camarada seu mesmo, encarregado há anos de ali ficar limpando os sertões de onça e os matos das sujeiras todas. Sem saber, tinha ele andado a volta de suas próprias terras e, no estouro da espingarda devido ao puxão no cipó por causa do golpe de facão exigido pela presença e ameaça da cobra, não fosse por tudo isso e mais um pouco, teria ele dado ainda mais algumas voltas em torno de si mesmo sem saber onde mesmo é que estava!

E tais casos e histórias e contos, de começo tirados das invencionices e patranhas de gentes com quem conviveu ele ao longo de tanto tempo de vidas e idas-e-vindas, tais narrativas, então, pois se viraram em acontecidos de-vera em sua existência mesma. Aos poucos mas ligeiro, foi vô Josefo escorregando bem levianinho para minudecências íntimas dele próprio, revelava o que tinha bem ou quase sido, soltava em suas vozes alguma vontade de expulsar de si as contas a-menos para ficar quite e quanto comigo, e com os outros todos também, que eu era agora eleito e preferido e indicado para levar isso tudo de-seu para os demais todos. E já agora, o taciturno tom, as pesadas

poucas palavras do primeiro dia e manhã se alonjaram de vez e feita, dando margem e ocasião a extensos lembrares. Em um deles, coisa de mais ou menos dez dias depois daquela falada e referida primeira manhã no depois do enterro do Tio, vô Josefo deu-se de lembrar tempos de bem-antes, em que não era ainda o fazendeiro fazendo-se em posses, mas expedito tropeiro desses, de enfiar-se por serras e vales e vargens e mesas por meses a fio, no que foi ele provocado a contar e a lembrar o então disso que narrava por uma tropa passante muito defronte da janela da casa-grande, com sua bela madrinha toda esmerada e ajaezada em seus lombilhos, baixeiros, cilhas, barrigueiras, freios, cabrestos e cordas. E pedi a ele, então, que falasse de outros tropeiros de que tivesse a lembrança boa, que tivesse sido de seu conhecido ou morador de nem bem distância da fazenda, que pudesse pôr alguma história boa na mesa dando companhia ao café e aos biscoitinhos de polvilho que ele insistia em teimar de só comer até o pouco que ainda engolia na hora do almoço das dez-horas da manhã. Sabia eu de quem se ia falar? Só se fosse por despisteio certo e certo, que nem em átimo quis pensar em quem poderia ser ou era, que era mesmo p'ra deixar-lhe a ele o fito e o propósito de deambular nas águas suas como lhe aprouvesse e bem desse, sem mais das minhas interferências. E, dos maiores dos tropeiros que já haviam calcado suas marcas pelas estradas de Silveiras, Areias, Queluz, Lavrinhas, Formoso, Arapeí, São-José-do-Barreiro, Bananal, Jataí, chegando no Cantagalo em Lorena ou nos Campos de Cunha e até mesmo no Quiririm e em São Luís do Paraitinga, de todos esses famosos, uns, pela honestidade reta e escorreita, outros, pelas más-famas de más espertezas que iam deixando pelos caminhos, de todos eles, lembrou-se meu avô de um que havia sido morador por anos a fio na fazenda, o dito e sobretudo Juca Capucho, homem de bons e sempre serviços quaisquer, capaz de capatazar grande chusma de camaradas tanto quanto ocupar-se de uns poucos menores, traquejado duro fosse em oito de plantio ou tanguento de boiada. Lembrou-se, pois,

meu avô, esse ainda então mas não mais por muito tempo Josefo Pereira Mendes, lembrou-se do Juca Capucho, mas para contar baixando a voz, amiudando os passos da respiração e o piscisar dos olhos, para contar algo que tinha em-si guardado e muito bem fechado e que se tinha ocorrido pouco mais pouco menos de dois anos depois do surgimento e desaparecimento daquele cometa em céus nossos – aliás, céus mais deles do que meu no-próprio, que eu ainda não tinha sido inventado e posto ao mundo quando se deu esse e tal passeio do dito cometa –. E pegando no grave do tom, riscando a garganta com algum tirar de escarro inexistente, apenas para soverter eventual interesse de alguém que por lá, à mesa do café, aparecesse no inopinado da hora e no importuno do assunto, pegando, então, no tom mais de-dentro que pôde tirar de seu, pôs o avô no enredado de falas, usando mais palavras até do que parecia ter sido necessário, pôs o avô na mesa diante de mim e de nós o dia cedinho também, também ainda antes da hora useira e vezeira de-sempre do café da família, aquele dia de manhã ainda nem nascente em que o Juca Capucho veio chegando sem avisar, mas sem precisão de dar notícia nenhuma – que avô e avó e alguns outros mais, não é que parece que já o esperavam?! –.

E foi bem então aí, foi mesmo assim que vi os dois olhos mais postos em mim que já tinha tido ocasião de sentir e perceber. Nem o que a cigana Esmerência e eu próprio olhamos um no outro foi de tal feita e sorte, que, no caso da moça lá, havia a conjuminância de ambos nós dois sustentando olhar um de outro, e repartíamos o peso e o pendor de tudo que ali se arriscava. Mas, no caso do avô, seu Josefo sustinha ele só e zinho o que queria ver e dizer, falar e vislumbrar, fosse como fosse feitos mãos os olhos dele me levando sem precisar dizer o de-mais ou o de-menos que houvesse. Baixando a voz, quase sussurro se tornando ela – fio de corgo se perdendo em meio de capinzal fechado –, botando abaixo a vista, não mais necessária, pois o fio da atenção sua dele já tinha mais é ficado preso e prendendo

a minha própria intenção e vontade, fazendo então, assim, feito fosse algum esconjuro proibido, ou voz de áugure anciano, o velho jamais tão envelhecido como naquela hora e lugar, me disse as palavras, pesadas só de si mesmas eram: – *Estava era você!* Ao que eu, me percebendo chegar em algum ponto que procurava sem poder saber nem dizer como, que eu buscava sempre no antepé do contrapelo da vida minha até então, a que eu, então, me vi chegando pelas mãos e pelos dizeres do avô, sem que eu pusesse rotas nem tivesse meios de como chegar por mim mesmo e próprio, que essas inspeções estavam fechadas, de um lado, pela reza e sina que pôs em mim a Esmerência, e, de outro, pelo silêncio calado que a família nossa toda tinha em cima botado como pedra pesada de interditos e vedados. *Estava é você!*, repetiu o avô Josefo, como que secundando e dirigindo já o que eu podia falar e era apenas um *Estava eu onde, vô?* E é claro que eu já sabia, ora dito por ele, como tinha sabido todo esse tempo desde sempre e até antes aquele dia em que fui trazido em cueiros sujos mas boca calada, sacudido e sacudindo dentro do jacá e junto com pamonhas e queijos meia-cura e goiabadas-cascão e doce de laranja-de-bico, como sempre fazia e fez e trazia e trouxe o Juca Capucho, estava era eu pequeno ainda de dois palmos e meio se tanto e o pouco peso que nem diferença fazia entre as outras coisas todas. Eu já sabia, sim, só tinha mesmo mais é esquecido de todo quase, que é justo o que mais se faz desde que se põem pés e mãos e olhos nesse mundo destaramelado. E foi no desacorção dos grandes que vi o avô se levantar da cadeira, pondo fim ao café e levando longes e embora seus olhares e gestos, como via muito e bem ele fazer quando não mais se prestava a explicações além daquelas que teria dado ou permitido que se dessem.

Alfim, foi daí que a coisa nem nada durou seu muito, se é que pouco mesmo não foi!

Já no café-da-manhã do dia seguinte, o avô se ausentou em horários que, nos últimos tempos, haviam sido os usuais seus. Fiz a espera toda, em rigor de silêncio e discrição, percorrendo passos



curtos pelo quarto meu, pouco levantando os pés já em meias apenas esperando as botinas, mas nada nenhum se fez ouvir, mouca que estava a casa e sem transeuntes espetados para fora da cama a ordenar de sua presença a feitura rápida e quente de café e de biscoitos. Nada de avô, e nada de mim, apenas a surda faina de aranha da vida desenrolando seus casos para nos pegar no cada-vez-mais menos da existência. E acordou-se o avô horas depois, mesmo depois do antigo anterior horário de costume o seu, acordou-se para apenas dar meia-volta ao corpo, sem sair da cama, como se a espantar algo das dores que se instalavam sem meias-medidas e sem cerimônias, filhas diletas e diretas da febrícula que dava as caras ao mundo e embarcada estava na secura de lábios e rosto e pele toda desse Josefo Pereira Mendes. E nem há jeito-maneira de esticar o que agora, assim, aqui se conta, que é tudo uma e só monótona toada, pois que, a cada dia, ia a febre se adiantando em seus espaços e o avô se recolhendo em espasmos cada vez mais salientes. Perdendo palavras, ia ele, e tão rápido as largava – ou elas, todas, a ele – que, em questão de poucos dias, já nenhuma mais restava a sua disposição, pronta para ser pega e debulhada em flexões e arrastada entre dentes e solta na corrente de conversas de quem chegasse para saber de si e saúde. Sem fala ficou ele, esse Josefo de ancianas histórias, traste largado em suas beiras de quem eu nada mais saberia, nem de capuchos ou de jacás, nem de mangueiros nem de crianças, que o avô meu, esse, foi-se abraçando de vez e decidido à morte que, nem ainda chegara mas já dava seus ademanos, já instalava seus préstimos e exigia suas pompas e pudores, já exibia ardores e tremores dessa febre rezinguenta e má, feita parece que especial para fechar caminhos ao que era de mim e abrir saídas para esse Josefo, meu avô, tão pequeno cada vez mais, agora, como nunca havia sido, mesmo quando se assumiu em covardes medos diante do pássaro-saci, despojado que estava desses parques haveres com que a gente nós todos nos entretemos por algum tempo de som e de fúria, até que se feche alguma tampa de ataúde e pronto!

Feito e fato é que, mês pouco mais pouco menos depois do enterro do Tio, Eli, estávamos de volta, pela mesma hora do dia, do cemitério, onde tínhamos ido dar à terra o que a febre ainda deixara, esse tantinho amiudado de Josefo Pereira Mendes...

## Por água abaixo

Apenas meses vários depois de um maio de 1934, é que se ficou sabendo da derrota, em Gênova, da equipe brasileira de futebol para alguns onze espanhóis – desses atrasos que tomavam conta de tudo que fosse ou viesse de mais de dez léguas de fora da casa-grande, que dirá?! ainda do que se passava em continentes outros?! E, de fato e certo, pouco até começávamos a saber de nós próprios, pois que naqueles mais ou menos dois anos passados e revolutos desde as mortes de Tio e de avô, houve como que uma miséria de meios, uma lástima de dias se instalando aos poucos e que, no paciente devagarinho dos tempos, foi colando pátina e palores nas gentes, que se davam a exercer contristados movimentos de pequenas quizilas, esburacando no por-debaixo o tecido de falas que, entre nós todos, entretínhamos agora cada vez mais a custos. Talvez que tenha acelerado tudo isso a chegada, lá para os fins do ano aquele de 1934, do aparato de rádio, um gigantão marrom de assustador silêncio quando apagado e de temível ronco quando funcionando a todo vapor e teor, apenas suavizado pelas marchinhas, foxes e sambas que toavam por uma certa chamada estação PRA-9, essa uma rádio Mayrink Veiga do Rio-de-Janeiro, sob a voz dos cantores e das cantoras preferidas das tias, que estas é que impunham a si e a nós outros critérios e razões de escolha do que havia para ouvir. Certo mesmo era eu gostar dos parques instantes em que adoçava ouvidos na escuta atenta dos reclames, em especial o do sabonete *Laifbói* saindo do

aparelho e tomando flutuações pelo ar, deixando-me a imaginar algo longe e apartado total da dureza ríspida e do olor rascante do sabonete de cinzas nosso, produto de conjurações e concocções de alguma fatura e de muita gordura e sebentos despojos da animalada que ainda se matava para o diário da alimentação da casa-grande, isto é, de seus ocupantes vários e muitos.

Mas o certo e vero é que o rádio, esse, não fez mais do que instalar o definitivo de desalentos que se vinham amiudando e tomando conta e causa dos ainda habitantes daquela casa. Ao menos, dos adultos, nós, senão também dos menores, todos. E mais certo ainda era a magia de efeito que se produzia de ele estar ligado a algumas certas horas. De início, o supetão das vozes saindo já chamava, feito mel fosse e abelhas, a criançalha quase inteira. Era mais ou menos assim, mais para mais que para menos, que se passavam as coisas: lá pelas quatro da tarde, antes de ser servido o jantar, alguém dos tios ou tias vinha torcer o botão principal do aparato e regular o som em audíveis condições para toda a sala encher, e sobrestar os barulhos do normal cotidiano de fim-de-dia que já se apressavam no decorrer do lá-fora. Os pequenos, como que auditando lugares e apertando espaços, surgiam então aos poucos magotes, sentavam-se espalhados pelo chão de cimento queimado no diante do aparelho e como que abriam ouvidos para as vozes de longe muito, as bocas para as surpresas que de-sempre apareciam, e ensaiavam ainda algum escancarar de imaginação para preencher a falta do ver e tocar e cheirar e saborear dos sons todos da rádio. E jaziam largados, acostados a alguma parede no de-dentro ou no de-fora da casa-grande, os brinquedos quase muitos produtos do improvisado certoiro de seus artesãos dali mesmo: as pernas-de-pau que um dos retireiros, Pedro Ernesto, em hora de descanso tomada à faina do mangueiro e das vacas, havia arrancado do bambual que cabelejava à margem do rio Bocaina; os sabugos de milho pintados a carvão e decorados com pontinhas de gravetos à moda de chifres e patas e que botavam-se boiada convicta e apertada

entre cerquinhas de taquaras, aprontados pelos meninos todos e nunca pelas meninas; alguma carretilha que o carapina da fazenda, Zezé Ramiro, havia apregueado de toscas tabuinhas de caixa de marmelada, e que jazia indolente sem vento nem papagaio que fizesse subir alto ou mesmo baixo a linha solta e já suja de terra a quase de se escorrer pelo chão; um ou outro brinquedo comprado em final-de-ano e dado em festejos de Natal, como caminhões de madeira de carregar vaquejadas e quejandos, pião de lata grande como só e industriada em distante país, um último pião de brejaúva que ainda sobrava da industriosa faina do Tio, Eli, especialista que era nesse artificios de dar voltejos e assobios a fruto tirado de espinhento arbusto.

E assim, era desse jeito que ia se instalando uma falta de jeito e de falas, desarmando nossas conversas de-antes e dando de escambo um grosso revés de altruidades. Quando se chamava, agora, em diante disso, para o jantar, já era em horários cada vez mais tardos, incondizentes com o cedo sempre imposto ao tempo do avô vivo e capitaneando suas coisas e gentes; e era com derramada lerdeza que todos respondíamos, num silêncio que nem se combinava mesmo nunca aos altos brados do se encaminhar à mesa e talheres como soía antes nos tempos de presença de avô e Tio. E era um devagarar-se, feito rebanho arrependido, deambulando da varanda e da sala-de-visitas para a de-jantar e pelejando todos contra ninguém para que se não desligasse o rádio e pudéssemos encher ouvidos enquanto repletávamos barrigas e ai! de quem a pouco se atrevesse um conversar mais demorado e incisivo! Era pespejado com os doestos mais descompostos que se podia reunir na boca e coração! E até nem pratos antes tão saudados e deliciados despertavam mais seus entusiasmos costumeiros. Os tios sempre se babaram de gozo por miolo cozido com broto de samambaia e regado a pimenta, ou diante de um chouriço bem apetrechado de suas sanguinolentas entranhas; já a tiarada mulher era toda de deleitar-se com canjiquinha pintalgada das muitas folhas de alfavaca; as crianças,

sem tirar nem precisar pôr nenhuma delas, até então se moviam com energia insuspeita diante da doçarada que dava as caras no final da comida: canjica com cravo e pau-de-canela, papo-de-anjo e baba-de-moça eram os de-sempre preferidos. E não é?! que todos esses petrechos de mesa e boca eram agora engolidos em ligeirice, numa só agilidade, à pressa?! Os corpos pousados à mesa, sustentados pelas cadeiras, cotovelos fazendo as vezes de ângulo de sustentação, pareciam ausentes dali e de si, entretidos que estavam e queriam com os programas e reclames se desenrolando e fazendo ouvir desde a sala ao lado, mas instalando alguma tecedura de aéreos caminhos e prestezas que vinha buscar nossas atenções e se contentava em deixar conosco apenas o invólucro já esvaziado desses corpos e das vontades suas.

Pois e não é?! assim que, à imitação dos pequenos, também os grandes iam largando suas coisas e haveres da casa-grande, em pouquinhos abandonos quase sem supetão?! Depois do café servido quente muito, à mesa ainda coalhada dos doces, era a hora em que alguns camaradas da fazenda, mas apenas os de alto coturno e grande responsabilidade, vinham prestar contas e falas do que se fez no dia e se ia a fazer no seguinte. Mas, até mesmo essas conversas, de certeza e seriedade tão evidentes que se podia quase pegá-las com as mãos, mesmo essas falas de costumeira sisudez foram aos poucos largadas, diante dos modos intromissados de algo que falava muito e dizia por nós o que não mais atinávamos em dizer. Naquela época, já o Juca Capucho, tido e havido como o sujeito de maior confiança e prosápia de que se dispunha à mão, na fazenda e redondezas todas, não mais estava há muito a serviço dos da casa-grande, isto é, nós. Que haveria de tecer ele seus comentários lá de certo jeito e inteiro teor, embarcando n'alguma comparação com o desfilhar do cometa que havia visto pelo céu se espanejar todo e muito. E mesmo os capatazes que o substituíam àquela altura, uma multidãozinha de Ditos Ribeiros, de Marcelinhos Gonçalves, de Antões Buenos da Silva, e esses todos camaradas mais que presenciaram a entrada do

rádio na casa-grande, acostavam-se aos paus e esteios da varanda, sem entrar mas ouvindo e nada falando do que tinham visto e decidido, do que haviam de ver e afiançar no dia-de-depois. E nisso, a fazenda ia ficando fincada por si própria, assim do jeito mesmo como cada um de nós ia buscando arte de dar voltas no em-torno de si sem atinar com causa ou siso.

E talvez que, em anos antes, ainda com presença desfruída de avô e Tio, cada uma das partidas de gentes se indo embora da casa-grande, que foram então e a partir daí ocorrendo como inevitável cumplicidade do destino, é bem possível mais que essas partidas tivessem sido vividas e experimentadas no ao-grande-estilo de tenores, sopranos e contraltos, mesmo se ninguém e nada de lá jamais tivesse postado um pé em palco de ópera. Mas mesmo minguararam essas dores de separação! Tios Altair e Aldebar, próximos nas suas idades deles, entabularam, primeiro antes que todos, um dia de ir-se além dos estudos do clássico que haviam feito no Ginásio Nogueira da Gama de Guaratinguetá. E, feitos em poucos meses os estudos para os preparativos de Direito, ambos, foram de armas e bagagens, de corda e çaçamba, de baraço e cutelo, para a Capital São-Paulo, grande e de medonha distância à época, com seus mais de duzentos quilômetros no dizer de hoje e que eram muito mais extensos pois que medidos em léguas, trinta e cinco léguas de lama quando em chuva, de poeira sufocante ao estio, mas sempre traduzidas em caminhos abertos à frente, dando vista nos lados para a Mantiqueira à direita e a Serra do-Mar à esquerda, e fechados, os caminhos, na traseira, que a velha Rio-São-Paulo era useira e vezeira em engolir gentes, gestos de despedida e intenções de retorno. De fato e no certo, a única pessoa que ainda entremostrou seu calvário de perda e pêsame foi justo e somente a avó Joana João, que essa, ela, não se havia de todo convertido à aceitação das ausências de filho e marido. Acostumou-se, talvez, mas que nunca jamais se conformou ela, nada deixou de pensar e sentir e de esmoer-se no-dentro de sua cada vez mais esburacada vida. E era de ver a liturgia sua, da avó,

em cada manhã em que ainda acordava embalada na surpresa de não ter a seu lado a ambos, filho e marido, e mais toda a coorte de parentada já-ida e definhada como pais que a fizeram e tios que a cativaram e avós que a criaram e primos que a divertiram e amigas de infância que não a acompanharam à velhice... Acordava-se, então, a avó, embarcada no espanto da vida, de ainda estar viva, e, num silêncio de zelo e recato que guardava no-religioso até as horas das dez do almoço, dedicava-se a desarrumar e a arrumar as coisas do-diário de Josefo Pereira Mendes. Novamente alisando as meias já há muito alisadas, espanejando as poeiras poucas das botinas, escovando as calças de linho, tirando e recolocando na gaveta seus objetos de assuntos de cada dia, o punhalzinho de cabo de prata, o relho de couro-de-anta, o chapéu de feltro melhor impossível da fábrica Cury de Campinas, a carteira sempre ainda recheada de notas miúdas para dar troco nas vendas, espórtulas aos pedintes, algum agrado à criançada, as chaves todas da casa-grande e da fazenda, tiradas pela avó do chaveiro e recolocadas sempre na mesma ordem, das menorezinhas às maiorezonas, e cada uma delas dividida pelas cores prateadas ou douradas que fossem ou tivesse, como gostava e fazia o avó. Depois, Joana João, essa avó, se dirigia ao quarto do Tio.

Lá ela ajeitava dobras da colcha mineira que só a avó, ela, via existir, pregas nenhuma que só se houberam no antigo do tempo em que ainda dormia ali em peso e sem pena o Tio. Mas, à feição justa do modo como deu ela corda e força no relógio de parede da sala no dia mesmo apazado do enterro do filho, chegando foi que a quebrar a corda do dito, a avó, essa Joana João, se empenhava em tirar dos tecidos uns anfractos que nem existiam não. E, sem ter como pôr ou achar neles roturas que não teriam como se ajustar ao liso das cobertas da cama, apenas buscava a avó alguma artimanha para descobrir por lá as rugas que lhe atravessavam o corpo do rosto ao rasto, a vida sua do topo ao baixo. E é então, aí, sim, que ela se dava aquelas horas poucas, nunca mais que duas, nunca menos que uma, de arrumar



por partes o quarto do filho morto e ido, pondo, nisso, de seu o carinho todo de que era capaz ainda, tantos anos passados das noites em claro inquirindo do corpinho mole e ínfimo do recém-nascido os motivos de tanto de choro e sofrimento, muitos anos decorridos do olhar seu que deixava derramar-se em preocupações mudas suas quando ele arreava o cavalinho primeiro que ganhou de menino, um matunguinho de estima muita dele chamado Picanço, para ir sozinho à escola desde esses sete poucos anos de idade. Lembrando parte ou outra da vida dela que havia sido passada junto à vida do filho, a avó escolhia alguma porção ou assunto do quarto para pôr em ordem que mais do que ordenado já estava, pegando em algo para recolocar apenas de volta ao mesmo lugar e tempo, abrindo gavetas para perturbar a arrumação já feita no dia passado e volver tudo ao como-estava-de-antes. E era assim que ela, no silêncio e solidão do aposento, ia articulando suas muitas mudas falas, escrevendo longas perorações com os pés passeando quase nem tocando o chão e a leve poeira praticamente imperceptível, ia a avó daqui p'ra lá, de lá p'ra cá, dançando tontas voltas, tracejando suas linhas de vida e seus cadernos de vento, e envidando suas parcas forças para tontear a lembrança que, esta, nem se fazia de louca ou mouca, mas postava-se barulhenta e bulhosa à porta, lembrando do dia hora e segundo em que soube no tom da voz que anunciava antes mesmo que dissesse que o filho se havia de-vez havido.

E o fato mesmo, na vera, foi que se foram os quase todos filhos, naquele mesmo ano de perda e parte, e mesmo os que ficaram foi como e mesmo que se saíram também inteiros. Primeiros antes de tudo, os acima falados Altair e Aldebar, se indo em-definitivos para os seus estudos deles, em busca de alguma conhecença que já não tinham como mais ter por ali e que de-certo mesmo era justo e justinho o que acabou os deixando ignaros. Insapientes eles, então? Sim e mesmo!, que eles no que foram pondo seus pés uns depois dos outros e todos no fora cada vez mais da fazenda e de Silveiras, foi como se fossem

se deslebrando da terra e da casa-grande e das estripulias tidas e havidas de quando eram de-pequenos e das lorotas seríssimas inventadas com a exatidão dos acasos nas conversas de moleques em beira de porteira em meia de noite e das boas disputas à brinca que se inventavam no-depois da escola com suas aulas apetrechadas das chaturas todas de endoidar moleque que não se pusesse ele mesmo por si já doido e das noites livradas ao estrebucho de gole e ginga nalguma pouco séria casa de duvidosas rameiras prestativas em-quando os dois todos já tinham os tempos e as condições da idade para tal aprazada. Não e nada, que nica de coisa alguma eles iam guardar no fim definitivo dessa saída deles dois, se indo para São-Paulo como se haviam já ido para Guaratinguetá, para o São-Paulo de distantes lonjuras que os impediam de ver quina e coice de coisa qualquer que fosse do que lá deixaram, lá, digo eu, em Silveiras. E nem pensem no-mais do átimo que veio e ocorreu menos com os outros todos – eu e os demais, nós então – que ali se ficaram! nenhuns, não mesmo, de forma e jeito-maneira houve modo de escapar da despartença que se dava entre nós, todos, então, e a casa-grande, ela, essa, em seus umbigos instalada e instando mundos e fundos a seguirem seu caminho de périplas corredeiras e desatinadas mudanças, que ela, a casa-fazenda se fundava em terra inteira e era de se ver quem ou quê teria gana e engodo para dali tirá-la. De fato e mesmo o que se deu foi que nem tios Altair e Aldebar, nem a pouca tiarada mais que lá ficou, muito menos a criançada ainda permanente, nem a toda chusma de empregados e agregados, nem também os eventuais e aos poucos rareentos que por lá ainda passavam, a ninguém se deu o conhecer que não eram nenhum de nós e deles todos que se apartava decidido e perempto da terra. Seja os Altair e Aldebar idos e partidos, ou os pequenos aos poucos ainda sendo paridos e criados, ou os mais velhos, isto é as tias mães suas, deles, nenhum e nada de todos, os que se desaparegavam ficando, os que se despartaram partindo, nenhuns e ninguém não percebiam que era ela mesma, a terra que se desdobrava de nós, era essa

casa sempre grande e fazenda sempre no imenso que ia desafiando suas linhas de sina e senso e de nós se afastando, enquanto nos perdíamos feitos labirintos em nós mesmos armados e longe ao léu jogados, sem ver ou saber!

E, no mais, no que em mim mais importava e crescia, a morte do avô havia acabado talvez com a esperança de saber o que como fazia eu, de chinfrim e pequeno, mal ainda nado e ao mundo vindo, que faziam?! de mim colocado em jacá e jacá em cima posto de mula, e mula tocada por Juca Capucho me trazendo à casa-grande sem pompa alguma, parco de dias e pequeno de meu?! Que o avô como que havia deixado instruções não faladas mas consuetas, por todos aceito isso quase que como lei última de Deus e primeira dos homens, que nada se falasse do que ele mesmo não havia atentado em deixar claro e escoreito. E nada não adiantava se eu contasse das conversas tidas e havidas nesses últimos dias, entre mim e ele, em que esse agora então tão demais velho se entregou a palavras minhas e em palavras suas, lá dele! Que nunca ninguém é que ia acreditar em vizinhanças tais de patacoadas, segundo veriam mesmo no de-definitivo. Nem tias, nem avós, nem os mais velhos camaradas e de alguma intimidade merecedores, nenhum desses é que ia?! mesmo pegar o fio do novelo a mim entremostrado pelo avô Josefo Pereira Mendes e tão de-imediato tirado e enterrado consigo e sempre! Sempre, no duro e certo?! Ao que minha vida veio?!, então, se era para ter a sempre incerteza me corroendo estranhas entranhas, como que abrindo pasto a todo gado que lá quisesse se instalar com a sua cota de conta e dúvida?!

## De Montese ao Vale do Pó

O fato e vero então é que a terra é que de nós se despe, mesmo que em ida e despedida nossa decidida por vontade livre e temporânea, ou seja ainda no aperto de viagem tirada a improviso e espreitada como definitiva vingança. Foi a própria casa-grande que se me deixou, com seus latidos de latão-de-leite, seus aboios de chamar vacas paridas, seus resmungos de porteiras em horas todas e quaisquer, suas quizilas de galinhas arrelentas instaladas em seriedades de até dar dó bicando sobras de quirera, suas ondas de capim de pasto em parte toda dos campos exposto aos ventos e brisas, suas tosses matinais de camaradas passando defronte à porta principal e saudando algum eventual de nós instalado à alguma janela, seus cheiros do fogão vindos em vagas meio encobertas ou meio à forra saudando nossas fomes no por volta das dez-horas da manhã e das quatro da tarde, seus odores de bosta recém-fresca de vaca e boi se derramando pelos caminhos até o mangueiro e fertilizando ar e tudo aos seus rededores, foi ela mesma, assim mesmo como digo!, foi a casa-fazenda, essa Silveiras que de mim se desapertou em abraço evitado ao ir-me pondo de longe e tanto. Foi ela a grande casa que de mim se despediu, definitiva quase e toda perempta, instando insinuações nos lenços brancos que aos outros e nunca a mim próprio saudavam no cais do porto daquele Rio-de-Janeiro, nos idos de início de um julho de 1944, enquanto nos largávamos sem escalas até Nápoles, onde demos vista no dia 16 do mês mesmo para, em seguida, pararmos de-vez e em-terra em Bagnuoli, no navio assim chamado *General Mann* pelos seus comandantes donos norte-americanos.

E o que fazia eu lá?!, assim tão defeso de mim e muito penso a que-tais de distâncias mais nada planeadas e mesmo tiradas no certo improvisado?! Entre os anos todos que mediarão das mortes, daquelas duas já tão e tanto contados e somadas, entre, então, o passamento e queda de avô e de Tio, Josefo e Eli, Eli e Josefo, entre elas duas e minha descida ao-meio de tantos bastantes soldados pracinhas, na ponte balançando feito fosse a já-paúra do ignoto que espreitava em barulhos sem tradução nos agredindo ouvido e peito com suas estranhas estrangeirizas, entre esses momentos dois não há muito o que de-dizer. Exato por não ter havido coisa nem migalha de plus-valia. Que a casa-grande se botava cada vez mais agrandada em seu solitário parecer, enquanto encurtava à vista de todos a vida de todos nós, espreitando que estávamos, no coice dos dias passados, o que era já tirado dos dias da-frente, estes que chegavam cada vez mais ralos, coados pela sensaboria de manhãs sem jeito, pelo desplante de tardes à-toa, pelo despropósito de noites com acanho. Que os dias, eles, eram como que passados a-ferro e engomados com anil de pedra do mais duro e secados na chapa dos fogões-a-lenha velhos de séculos de aceso fogo! E nada nem sobrava de peso em prumo para habitar-mos cada um dos instantes com o desplante daquele Tio, o Eli, volvendo de suas andanças e bastanças de boas bruacas provadas em noitadas sem pé nem ré, nada nos sobejava do empertigado existir em cada minúcia de seu que foi o do avô Josefo. E mesmo dos vivos e vivendo, a feira de travos e amargos se ia amiudando em silente composição de todo-efeito. E feito fosse de nós todos tirada a míngua até do que nem mais tínhamos de-muito e nosso! Pois não era?! que de quem – nós mesmos – já quase nada possuía, ainda se vinha subtrair, até ao osso, a falta e a lacuna?!

E no mais de todo cúmulo, a avó se havia botado em silêncios enormes, como que ajuntando nela inteira a gagueira de existir que aos outros restantes dava e danava no seu costumeiro habitual de agora então. É que estavam todos eles acumpliciados no esquecer de coisas somenas, feito fosse um desfiar caprichoso

de suas hesitações, costurando no revés o que as horas e os anos antes haviam a toda a gente dado. As tias mães arrenegavam suas horas de dedicar-se às lições de escola dos maiores, às besonhas dos menores, aos apelativos dos maridos, e só atendiam por modo de alguma grande inadiável precisão de urgentes contornos, e os tios pais se olvidavam das falas e fatos do diário, os ralhos de-sempre, as tundas da vez, a observação de-longe dos retireiros empinando costas e descendo brancas linhas de leite no boião, que só na maior das grandes calamidades é que parece eles se moveriam além do respirar morno que era agora o deles. E até a gente de cria e casa, a vassalagem antes lépida e certa nos afazeres de comer e nos fabricares de beber, toda essa coluvião de cozinha e copa nada de demasias não concoitava e nem um passinho miúdo iam além das igualhas sem muito de prazo e preço, e a criançada só é que ainda punha algum esmero no artimanhar-se em enredos enroscados de curvas brincadeiras pelo pomar e cercado de porcos e galinheiros, indo em estrépito da frente da casa-grande aos riachos dois que fechavam o quintal sem cachar o mundo fora. Mas era só? Era possível? Nada mesmo não! Que as gentes adultas se caprichavam no forcejar em nada não ver da correima e gritama da criançada, persistindo no esquecer de si e só! Não era? que isso fosse possível presença do não-se-esquecer de Tio e avô já passados mas ainda insistentes em nossa mesma mesa? Mais não era mesmo, que o esquecer de tudo e todos era sempre a cada dia e mês e ano mais sólido e solto, pondo pendores de pano roto no vácuo da casa e nos ventos da fazenda e nos ares da cidade. E o silêncio da avó Joana João era sim o modo mais matreiro e convicto que encontrou ela de dar voz a essa lesada acalmia. Não sofria?! no-mais, então a avó, nesse desconcerto de si seu tanto?! Claro e sim, muito!, pois que, se a voz faltava a encontro de fala e senso, os olhos ganharam lá seu ofício de nem piscar, abertos que ficaram em desmesuras de ver o-tudo, em dias cada mais compridos por sonos cada dia menos dormidos. Em tudo a avó parece que já se antecipava ao azo da sina e perscrutava nos mais

moídos dos instantes a iminência da dor e do dano, talhe que lhe ficou inteiro, de seu todo, ao perder marido e filho e, por nós, ainda desfazer-se de Tio e irmão e pai e avô... Acho que a fala dela secou tão preste e lesto para não nos dar o tempo de pôr e dispor o luto, ah!, que esse era só dela mesma inteira, aplicada em marcar até nas sombras o fio de dor e pena que lhe vinha, sempre açodado, mal ela em nós os olhos punha, aqueles olhos abertos imensos como que tragando o até ao tutano das lembranças que ainda nem queríamos carregar.

Daí que esses anos todos, mais de dez, no-seguro e certo!, daí é então que esses todos anos se passaram como corredeira de pouca água em enchente de pouca monta. Houve alguns rebuliços no lá-longe de outros Estados, agitações que a nós até chegavam sujeitas, agora, à intermitência dos reclames e dos noticiosos do rádio na forma de assembleias e golpes e contragolpes e abortadas revoluções, mas é mesmo que nada de nenhuma coisa alguma nos empurrava a atroar algum desacordo ou desacorçoo com o ramerrão da rotina seca e fria a que nos atínhamos. Aldebar e Altair, os tios idos a São-Paulo para os seus estudos, passaram por aqueles anos e escolas, meteram anéis de causídicos e alianças de casados, esmeraram-se em empregos públicos cavados nos tempos e termos de governo de Adhemar Pereira de Barros e nem mais deram caras e vistas na casa-grande, eles também esquecidos, e mesmo talvez mais. A criança da cumpriu seu ofício de ir crescendo e saindo, agora cada vez mais cedo, para os devidos e já esperados estudos no Ginásio Nogueira da Gama de Guaratinguetá e no-depois a partida para São-Paulo à exceção das meninas que ficavam é mesmo no curso normal e se formavam mestras-de-escola sem que escola houvesse para elas, voltando então para aquela casa-grande agora cada vez maior e imprensando a pequenez das gentes a golpes de imensidão enorme! Das tias, apenas Lunafflor Rosália sempre lá ficou, saiu nunca nem nada para longas feriadadas viagens ou demoradas visitas, quedou-se ela em si tecendo a sina de tentar olhar junto com a avó, essa Joana João que aos poucos se finava e definhava quanto mais via e enxergava em nós o que

não queríamos mesmo saber. Mas a tia, Lunafior Rosália, essa não se definitivava em nada, cumpria apenas a pena de ficar, a ver se ainda tocava em algo que o tempo deixasse ao ir-se embora no de-vez do fim. E eu?!, então, que fazia eu lá por lá, nesse mundo desmudado e não mais desmudando?!

Pois não fiquei!, então, e nem jeito e maneira houve de eu ficar entregue à patacoada de contar dias sem horas, anos sem meses, gentes sem caso! Que o olhar cada vez mais imperante da avó Joana João ia deitando suas cinzas de silêncio em todo cômodo e coração da casa-grande e das pessoas que lá viviam. E, se quisesse eu saber o restinho ínfimo da história mal começada e já parada de contar pelo avô Josefo, nada não teria a ouvir, que era como teia de espessas linhas a que ia pousando, suave e férrea, sobre as vontades e vozes das pessoas. Iria? em boa hora para o normal dos estudos no-fora de Guará e São-Paulo? Nem quis mesmo, pois não sabia eu já?! que nem ali, nem lá fora, em nenhum lugar agora eu veria aberto algum caminho e jeito de sair da chegada minha embarcado em jacá de Juca Capucho para chegar à minha saída adulto e reconhecido da casa-grande?! E digo adulto e reconhecido medindo mesmo e bem engolindo as palavras todas e cada uma. É que eu ia envelhecendo mais do que os minutos se azafamavam em passar, manducando minhas carnes por não saber os exatos nomes de pai e mãe meus, e nem tendo quem se não desviasse de assunto e história esses, à menção menor!

E foi assim que, depois de anos nessa parada gangorra, mais e menos um dia, viemos e vim a ficar sabendo dos ataques perpetrados a bárbaro modo pela germânica nação nazista. Ao menos era o que se mostrava de chinfra de novidade e arredava seu tanto da cortina que íamos vendo se imiscuir entre nós e a gente. Ficamos sabendo, sim, e muito, naqueles idos meados de 1942, na esganiçante indignada voz do locutor do *Repórter Esso* entregando a história dos afundamentos, a cada dia, dos navios *Baependi*, *Anibal Benévolo*, *Arará* e *Jacira*, com suas centenas de pessoas civis tripulantes e civis passageiros sendo deixados depois de algumas horas poucas nas praias, e deles restando apenas os



corpos à terra entregues sem medidas mais que a hesitação calma das ondas e das marés. Talvez alguma centelha de algum-caso se tenha acendido em alguns, talvez mesmo em maioria de nós, até posso arriscar falar em todos, já que inclusa a criançada redesiava a atenção pouca que tinha para a hora do noticioso ou para o toque se-anunciante especial de inesperada e importante nova notícia, no rádio. E vai, daí, que ponto enrosca ponto, linha fia linha, e cada caso entorta e afia sua sina e sorte como convém e se dispõe ao cada um de nós. E daí vai que não é difícil entender que, alguns dias passados, estava eu me apresentando, sem consentimento aberto, mas, pior, sem interdição evidente, da família, ao 6º Regimento de Infantaria, em Caçapava, agregando-me ao pelotão dos voluntários listando-se em rol de quem tinha lá suas vontades de sair mundo-afora até alguma Europa que seja para pôr cobro a tanta desmesura de violência e desrespeito. E não era que estávamos lá, nós todos de voluntários, movidos pelo apenas sentido da injustiça a reparar, ah! não!, que em cada esconso de cada um que lá estava, dormitava no-certo seu motivo menos altaneiro! Ou será que media eu os outros por mim?! Ao melhor, sim! Mas nem vim só e pouco, que comigo se despartaram e vieram mais três silveirenses. Ou quatro, seriam? É, sim, quatro foram os que comigo se embarcaram, dali a algum tempo, no General Mann, passados os treinos necessários à arte de desarmar existências outras sempre e constante se mantendo ao rés da vida.

E assim é que fui e fomos, eu e mais os quatro silveirenses. Um José Feliciano Brito Ruas, caboclo meio seu tanto espandogado lá das beiras do bairro Peitudo, mulato sem telhas e de tretas muitas, arrelizador de toda sorte de moça e mulher que lhe passasse pelo perto das ventas, mas fiel e fiável como ele seria só ao espoucar das muitas balas e canhoneios zunindo ardores por em cima e nos lados todos da gente naqueles 14 e 15 de abril de 1945, datas a nunca não esquecer mais, quando se entestou abrir passagem entre linhas teutas por Montese e Farnese p'ra chegar a Pravento! Um, havia também, Constâncio Ribeiro, bicho bexiguento já de

anos, pele crestada na enfermidade e couro lascado de lanhos e linhas escusas, brabo de meter pio em saco, de quem contavam ter arrancado, à mão!, faca de oponente pegando pela lâmina e corte para soverter o seu sentido dela e meter até o cabo nas entranhas entrelinhas do outro, que era mesmo desatinado esse Constâncio, sempre no seu quieto estar o todo tempo, sentado em poucas palavras e alguns gestos apenas de imediata serventia, seja no treinamento no quartel de Caçapava, seja nos dias poucos que nos deram passar no Rio-de-Janeiro repartidos entre guarnição de soldados e guarida de moças na zona, seja no navio atravessando seus tantos de água e ânsia, seja nas marchas e tiros pelo através da Itália que íamos cortando feito faca sem fio em pedra da-dura. Outro, um Moacir, ou Moacyr, Sá Boaventura, moço mocinho bem mais novo dos todos nós, tímido mas de acesa curiosidade parece que buscando sempre o assentimento dos graúdos para seus pareceres próprios, esse um que só alistou e assinou seu nome quando viu que alguns iriam mesmo de jeito todo, e sempre se apressava em ficar perto, apreendendo desmazelos tanto quanto espertas espreitezas, seja na novidade para ele de fumar, seja no manear o fuzil Springfield, aprendizado que tivemos de ter e fazer nem bem mal chegados à terra italiana e ainda antes de entestar fogo e fereza da alemoada ferrenha e da italianada já desfrouxa, um Moacyr Boaventura que lá se deixou ficar entre tantas tumbas brancas, todas, em Pistoia enterrado. Um, último, José da Costa Espíndola, matuto pouco maduro, mulato muito, viúvo de recente tempo e sem filhos para reclamar de idas e partidas de pai ou parente, homem de seu sério circunspecto parecer que tornou-se falante da noite para o dia, como houvesse atinado em descontar naqueles meses poucos a hipoteca de tanto engrolada voz e engolida fala de-anos, que alguns até clamaram ser aquilo paúra atrasada, medo protelado, chegado demais de tarde para impedir seu alistamento forçoso, mas que foi embalando a viagem por navio e, depois, as caminhadas e as refregas e os raros instantes de algum descanso, Espíndola falativo que ia ensaiando conversas

de soslaio com a gente italiana nos vilarejos por que íamos passando e que entendia sempre algum comentário feito a medo *Negro brasileiro, non mangi il mio bambino!*

Comer e engolir?! Mas era o que a guerra nos fazia, nada mais nada menos ao nos circundar o todo tempo, na medonha espera e ansiedade no-antes das saídas e combates ouvindo os estampidos que nem precisavam de estar sendo detonados, e no durante as refregas rastejando ou se acostando a trincheiras meio bem mal improvisadas empurrando para o lado algum inerte corpo ou seu cheiro adocicado de sangue mal saído das veias ou bufando expulsando dos pulmões o acre cheiro das pólvoras todas nos zumbindo do coração à mão e à palma. E nem se fale então da primeira e mãe de todas as batalhas, que nem se pensa nada no átimo de se saber e quando se vê já se está é no meio exato do inteiro tirocínio e morticínio todo, pelejando primeiro contra si de pejo então de que algum companheiro, ou pior, comandante veja o molhado do mijo mal contido marcando as calças do enorme medo. Mas isso seca sim, seca, como resseca toda veleidade e todo seu próprio orgulho, que só aprendemos a de fato avançar sem que o travo dos dentes passe para as pernas, só mesmo nos damos inteiros à briga inteira, quando nos damos por bem mortos e rematados ainda antes de direto fazer face aos campos da morte. É bem nesse momento em que nos morremos por dentro, já passados e oficiados a nós próprios, e a nossa consciência imensa se amofina e se afina em desaparecimentos cada vez maiores, é só aí que nos damos conta de estarmos já mortos e a única desgramada maneira de voltar à vida é avançar sem pensamento algum que o de lanhar e cortar-se se escondendo bem detrás dos tiros dados à frente e em quem nos enfrente. É só assim que se entrevia poder em algum tempo futuro adiante recuperar a vida latrás perdida. Alguns, nem isso, nada nhumas! Que o Moacyr ficou e fica e ficará é por lá mesmo, nesse primeiro dia de vero combate, bala atravessou o finório aço do capacete lá dele, sem capacidade de aparar ou só desviar pouco que fosse

o chumbo vindo em sua direção dele, de sua cabeça, digo! Anos depois eu lia algo que me deixou lembrando muito da pessoa dele, algo assim como *Jaz morto e arrefece, o menino da sua mãe*. Nem sei onde vi isso, mas sei bem e muito que esse aí das palavras é exato e próprio esse Moacyr!

Palavras? Poucas aí então dizíamos em alta voz viva, no avivado fogo sobre nós derramado, mas muitas entrefalávamos para a gente mesmo. Talvez que nos maus instantes de algum descanso entre uma marcha e outra, entre tiroteio e outro, em meio aos bombardeios, nessas lacunas de falsa acalmia fingida se tirava algum tempo para seu devido palavrório. Mas curioso era, ah!, isso que era, que nada não se dizia de táticas, estratégias ou planos, apenas se comentava a qualidade má do cigarro que mal e mal se conseguia ofertado por algum mais previdente, ou se criticava o tempo, clamando por estio se chuviscando estivesse e por chuva se sol forte e céu aberto houvesse sobre nós, ou por calor se fôssemos expostos àquela brancura de neve a todos mais estranha e por frio se caísse entre nós o a-pino de sol forte sem vacilos de nuvens.

Mas quando se falava, e se falou, mesmo, foi nos momentos de licença, em maiores cidades acolhendo nossos olhares de curiosidade, nossos modos de estrangeirice exibida evidente inquirindo estranhezas de finas poucas comidas postas em seus mostruários, e sutilezas de tortas casas de encanecidas vielas, aquela toda arquitetura que nos deixava no espanto falante de tanta novidade agora podendo ser vista e apalpada sem demasia de atropelos. Quando, no iniciozinho de maio – era 1945 já! –, veio expressa ordem de cessa-fogo e findar de hostilidades, estávamos muito bem perto de Novara, numa localidade acho que ainda chamada de Vercelli. Ou coisa que o valha parecida, mas importante mais de tudo nem era nome nem localidade, mas o tempo que tivemos para exercer caminhadas sem prazo e entabular conversas entre nós sem freios, sôfregos da próxima partida de volta, finda que estava a guerra toda e seu todo seqüito de más jornadas. E nem travo tenho de dizer e contar

nos detalhes quase certos o que é que se fazia e fizemos em boas poucas passadas horas nessas cidades, agora a-meio liberados do alvedrio de chefes sargentos e cabos e tenentes todos em rol de mando e ao alcance de brado, que foi mesmo que nos dirigimos em chusmas alegres sem aleivosia alguma a bordel qualquer que se empresariava por lá. Fomos, dessa feita e vez, em grupo grande vário: os três silveirenses que ainda lá estavam comigo e mais uns dois três nortistas dedilhando já safadezas lambuzadas de algum atraso daqueles meses todos de marcha e guerra, mais algum ajuntamento de uns poucos paulistanos, esses sendo gente vexada pelo comum de apelativos e sobrenomes italianos que traziam de pais imigrantes, mas respaldados que estavam agora na tranquilidade de fim-de-guerra que a todos unia, libertadores e libertados. E fomos e entramos e expusemos a vontade de justa troca comercial, trazidos, introduzidos e traduzidos por um dos paulistanos, Marco nem sei mais de quê, mas que falava seu dialeto bem a se fazer entender e a compreender o tudo do que diziam, mesmo fosse à socapa em baixa voz disfarçada. Eu preferi gastar algum trocado no experimentar uns copos de grapa, forte fermentado que sabia ainda mais forte na companhia de uma daquelas de-lá, mais certo e justo uma Ângela, fortuna italiana de largas costas, mas mãos mais para o delicado, mostrando coxas de suavíssima branquidão e grandes redondos peitos escapando das dobras propositalmente mal dobradas do roupão. E estava essa Ângela mesmo bem tocada e mamada do que já vinha besbericando sem muito de tino, e aproveitou oferta e companhia minha para aprofundar sua tontice e desajeitar ainda mais as palavras que iam saindo sem jeito e gesto medido, mas que eu procurava recolher no não-entendimento nenhum que era a só coisa que tinha para dar a ela, além daquela grapa da mais vagabunda, sorvida em goles alternos de um mesmo copo por ambos nós dois, e alguma carícia hesitosa e escorrida de tantos e tais dias de engolidas receanças, agora no recolhido de um quartinzinho sujo de anos e desmazelado de sempre, por sobre

lençóis pintados de gafeira e aspergidos de seu respectivo bodum. E nem preciso deter-me em explicadas reentrâncias e gestos, que o que se fez por lá é sim o que se faz de-sempre e nem mesmo é preciso que algum qualquer venha exercer sua capacidade de ler em minhas entrelinhas de gestos para se procurar o que lá foi exercitado por mim e aquela Ângela tão italiana. No depois do ato feito e fato, esticado na cama e ao lado da moça pública, me deixei ficar escutando e assuntando o que é que era aquela ladainha que dela voltava a sair tão entonada assim, feito fosse ramerrão de pregoeiro ou kyrie-eleison de velho cantochão. E aos poucos fui vendo e ouvindo que o que ela dizia e repetia de novo, e mais uma vez, e parece que sempre e definitivo, era uma coisa só única, fieira de palavras e feição de frases que nem nunca pude conseguir esquecer nunca mais que quisesse e que era *Tutti quelli che sono nalcun destro, due avranno in propensioni e passioni hanno avuto e hanno offeso a toccare e mettere pericoli e raffinati giorno suoi vitte da impegnata gente, gli anima, di antenati per osare che li negli angoli dell'avicinamento, di cogliere nel fuoco la amorosa abitudine*. Transcrevo mal? É possível, sim, que no apoiar de ano sobre ano e no atravessar de idade em tempo, pouco sobra de certeza e claras ideias, mas, tirantes tudo noves fora, o todo isso, palavra em cima de palavra e coisa por loisa, foi o que dei em passado papel, muitos e bem anos mais tarde, a um tradutor comercial de São-Paulo, Capital, a minhas instâncias insistentes e mediante a óbvia espórtula devida, que veio a traduzir sem nada nadinha entender, segundo afiançou ele e acreditei mesmo muito, mas que no Português todo nosso dava em algo como *Todos que estão em algum azo, dois terão em pendores e ardores tiveram e ofenderam a mexer e meter perigos e rebuscados dia suas vidas de esforçada gente, os anima, de ancestrais para ousar o que aí nos esconsos de aproximação, de colher no fogo a amorosa costumia*.

Nada eu não sabia nem perifrasava do que seria isso em seu senso mais fundo e vero! E olhe que tempo de sobra tive sobre vir isso pensando no navio que nos aportava de volta, naqueles

dias em que ainda pelejava em mim dentro contra a memória das horas que foram sidas e tidas estropiadas por essa Itália nos longes ainda estando, mas tendo ficado tão perto de alguns de nós em demasia. Certo é, é bem certo que a voz da moça profissional nada não arredava de meu ouvido e lembrança, mas, aos poucos, tornou-se já oco outro bem junto de outros tantos que me haviam inaugurado desde o início, naquela chinfrim miuçalha de gente sendo chacoalhada e trazida no vazio cheio a meio de mim no jacá de Juca Capucho. Mas, dizia eu tão perto de nós ter ficado essa Itália. E verdade é mesmo sem sombras que, de alguns de nós, ficou ela mais perto, mó que se esfrega tão rente que nada não deixa de sobra e respiro para o vivente pego e preso em seu deus-dará! Se o Moacyr nada mais tinha de si e apenas suas sobras dele é que ficaram lá guardadas em Pistoia, no cemitério militar, o Espíndola voltou de espírito arriado, arrenegando toda dose de certeza e evidência de siso, parecendo que uma parte dele mas a mais valiosa e alentada tinha por lá restado, e o mais que veio era mesmo o menos que ainda podia de ter ficado com ele. Mas aos poucos foi isso, não de repente dado e acercado dele, não! Começou o Espíndola no devagar, como que algo lá de dentro dele vinha é mesmo divagar aqui fora e logo retornava a seu cerne e fundo, quando se indagava que modos eram aqueles de estranha maneira de dizer coisa sem causa. Mas, lento e sem retorno, começou ele a meter cada vez mais no fora o em-dentro de si, pesado e cinzentão, que só podia carregar ele. Tresvariava aceso, então, e, no repente, ficava apagado de si, arremedando como que moirão sozinho, mero resto de cerca, para então dar-se chuvas de berros, invocando a proteção nossa para evitar o cair de céu e sina sobre si, esse rastro pesguento de canhoneio certo a ele endereçado para o resto da vida e que ele a medo ainda queria evitar. Meses depois, deram de levar o Espíndola a hospital militar, em São-Paulo, e foi só a custo e muito que os amigos dois que com ele foram e levaram o tiraram de lá, carimbado agora o Espíndola, esse mesmo, com o apelativo de *neurótico de guerra*

definitivo e sem retorno. Mas então é mesmo que, na certeza, nem mesmo o Espíndola havia voltado da Itália, não estava aqui, mas também lá não estava na companhia do Moacyr, apenas se dava o trabalho duro e sem lei de ficar entestado em estar onde não era e ser onde não estava.

E é claro que, à primeira vez que os vi a ambos, nem de longe ou perto podia eu adivinhar transe tal se passando com o Moacyr, justo o mais moço de nós, nem com esse Espíndola, quieto e quase quedo para logo dar-se a estripulias de falações sem fim e, no depois da guerra, a deambulações sem tino algum de palavra que seja. Mas as causas de alistamento de um assim tão cedo e jovem, e a mudez de fleuma fixa do outro, fui adivinhando mal e logo neles botando os olhos. Pelo assovio fino e fraco saindo por vezes dos lábios desse Moacyr, enquanto olhava o céu para cima e arrumava sem ver perceber o cós da calça, fazendo acompanhamento orquestral em gestos de tal e coisa, não era mesmo nunca possível de esconder as grosseirices diuturnas de pai e mãe, acostumados à lavra e à cria de plantas e bichos, mas sem saber algum do jeito de lidar com mocinho desde novo se mostrando mais delicado que o de-costume esperado, e o Moacyr só viu jeito de se dar aparência e visos de macheza foi mesmo se oferecendo sem compulsório para o alistamento. E vai daí que a morte lá tão longe dele até deve de ter trazido seu alívio para esses pai e mãe tão assim desprevenidos em seus prazos de ter mundo e pôr nele filho. Do Espíndola, se arreparava logo sua usança de levantar os dois ombros no mesmo instante e de leve e muito imperceptível quando começava a ficar quieto depois de alguma frase ter soltado e muito bem dita, querendo pôr nisso o possível de todo efeito e decorrência. Foi bem aí que entrevi os meses seus de intalento todo, sem saber o devido que-fazer à beira da cama da esposa novinha entregue às refregas de fim de causa de cancro certo e já imenso no abdome dela, e o desalento que a silenciava aos poucos devagar também ia retirando som e sentido da boca do Espíndola, incapaz de cuidar da criação, de botar água por sobre os pés de abóbora e feijão,



deixando os leites escorrerem das tetas não de todo mamadas das vacas paridas, e o mato tomando muito seu espaço nos pastos já poucos do sitiozinho que era de-seu só e, logo, de ninguém mais mesmo. E até daquela grande redonda Ângela, pude entrever sua causa e coisas, acima da história por todas elas sempre contada e recontada, de desgraça feita por rico mocinho deixando-a à sanha dos seus e à agrura de prover filhinha linda que de-nada sabia da mãe profissional. Nada disso, então, mas o que se podia nos fáceis, para mim ao menos, ver era sua delicada maneira de piscar o olho no mesmo instante de abrir tantinho muito pouco as narinas belas brancas, enquanto sorvia seu ar com prazer sempre renovo, era aí que toda a história sua vinha à ponta da unha e à palma da mão, desde os encontros com primo mais novo, bem mais, ela já entrada nos vinte dos anos, por beirais de tulhas e esconsos de celeiros e de-atrás de grandes árvores do pomar, para ser pega, ou melhor, serem pegos no melhor da festa de corpos sem-cerimônia despidos e à sanha de si entregues totalmente. E expulsa daquele paraíso justo pelo tio e pai do primo que a acolhera tão órfã como nunca tinha dantes sido.

Mas, de mim mesmo menos é que sabia, a cada vez, e sempre! Não pautava laço de vida, nem esticava a corda de conhecer para lado nenhum por que puxasse ou quisesse, que dos outros, e só deles!, chegava à completa adivinha de tempos idos e fanados lá deles, mas do de-meu nada ficava no ar à espreita de ser pego por meu entendimento, miúdo que fosse! E nada não se resolveu na volta à casa-grande, ainda sob as expensas do olhar agigantado cada vez maior de Joana João, avó minha. E como poderia? mudar, digo, se era eu mesmo que retornava às voltas com as mesmas incertas questões, trazendo apenas de novidade a dureza aprendida em combate e no medo, que acresci ao calado que já vinha cortejando nesse em-dentro tão pouco pacato meu, e mais os pesadelos que vinham ensombrecer as madrugadas com os recordos de tiros e os tropeços na Morte e da Guerra, mas que foram aos poucos sumindo, ou engolidos sendo, eles também,

como se escafederam as pistas que me levariam no até-antes do ser eu embarcado no jacá do Capucho. Como se foram sumindo e de vez sumiram as pessoas quase todas que davam seu ar e fasto à casa-grande, ela agora também tão grande de sozinha em seu imenso estar apenas... Na volta, então, encontrei-me direto e perene, parecia, com o olhar ainda mais agrandado da avó Joana João, pondo ela, por ele, nas coisas da casa e nas ganas das gentes, uma teia de pejos que se sobrepunha ao que se poderia dizer ou fazer demais e mora. Por sobre tudo, ia imperando e impedindo o olhar aberto e tônico dessa avó. Até que ela morreu, mesmo parecendo meter eternidades no contar seu dos dias seus. Lá por volta de 1947 ou 1948. A data é assim incerta, devido ao dia e hora escolhidos, pois que, a bem verdade, fechou seus olhos de vez, a avó, num 31 de dezembro na exatinha meia noite, lá pela sexta badalada dos relógios, a-menos do seu, esse da sala, que teimava em parado, desde alguns dias pouco passados da morte do Tio, o Eli.

## Pelo vento vindo

E certo vero foi o fato de que tudo veio num se-desmi-linguindo inteiro, mas nos aos poucos mínimos, nesse avaro impercebido que é o de as coisas sempre se tecerem, feito ar que se vai juntando, juntando e, num repente, é já seu todo encorpado vento. E que-é-de se saber isso no antes dos acontecidos?! Depois da morte e enterramento da avó, essa Joana João agora de fechados olhos para o-sempre, depois da cerimônia e dos meses de luto devido e contrito, dei-me a gosto de entabular conversas de alguma séria leveza, com as tias que lá ainda estavam nessa teima de ficarem que parecia e era mais preguiça de cambiar-se para outros afazeres e estares, do que mesmo o tentamento de soverter a agra ação do tempo. E dentre elas todas, afoitei-me foi mesmo no me-aproximar de Lunaflor Rosália, tentando gestos e jeitos de saber o mais pouquinho que fosse daqueles dias de-antes em que eu era ainda a criança deambulando por pomar, horta e quintal e era ela a moça que espanejava sonhos seus no aéreo das falas e dos quererer. E o que me movia e incitava, no mais de tudo, era mesmo calar direto em mim o devido e indevido mister de conhecer o direito das coisas no indireto das pessoas, aquela apreensão toda que havia tido e sabido da cigana Esmerência, pois que é?! que me adiantava botar na frente das palavras alheias o já-saber adivinhado e advindo, para perder no azo de instantes a surpresa e o gosto que o outro punha em revelar e que perdia eu o gosto e surpresa por antecipar-me a coisa-e-loisa??!! E podia,

mesmo?! Nada coisa nenhuma!, que eu apenas fingia não atentar para os detalhes que contavam no-antes o de-depois que se soltava das frases que ia ouvindo, pretextava pretensa distração e até conseguia me enganar e botar meus espantos mais sinceros no rosto a atentar os maneirames e entonações com que as tias se recordavam já nostálgicas delas próprias. Era como que um meter-me na armadilha para tentar inútil dela escapar; mas, tirante essa teima toda, que mais restava de mim que fazer?!

Pois, como disse, aproximei-me mais das tias e mesmo mais bem mais de Lunaflor Rosália. E se, logo nas primeiras confabulações, pude posver, no seu de-sempre esfregar os dedos mata-piolho no fura-bolo enquanto divagarava quieta nos alguns instantes em que pulava de frase a outra, se pude, então, aí perscrutar seus dias de menina molecando pela casa-grande, industriando roupinhas e bonecas, levando imprecações de avó Joana João por sujeirame deixado ao léu de chão de sala ou em roupa recém-quarada e passada, se tive ao alcance de vista e senso o que foi feito de feio e belo da infância sua lá dela, também não deixei de conseguir por vezes fazer de-conta que nada não atentava eu nas demasias dos gestos da tia, aquela Lunaflor Rosália, e surpreendia um algum nada fingido espanto meu pelo que contava ela de novidade para mim, e revelava ela como nunca tivesse eu percebido, sempre tão pudica até no supetão de sustos que gostava agora de narrar, essa Lunaflor Rosália. E, ainda que afeita às brincalhônicas costumeiras das crianças, arteira normal da época sua, se dizia também ter sido criança de sobejos silêncios, no que se esmerou inteira ao adentrar resoluta em mocidade e, mesmo até muito mais, na cinzenta maturidade insossa, como gostava de falar de si. Nas tardes em que, agora, inventávamos serões e senões para nada não fazer, a não ser o trocar palavras sem direção imposta de antemão, percebi evitar ela o perguntar-me por lutas, batalhas, violências, esforços sofridos na itália terra, como que para não dar-me azo a voltar àqueles afligimentos por que havia eu passado. Mas também – e

nisso não precisei nem pôr argúcia minha em desvendar, no bem depois, aquelas intenções – para não tocar muito na história com ela ocorrida, naqueles idos e dias de 1932, com o soldado Alberto Dioto. Como se não fosse eu saber! passado dia menos dia mais, como se não tivesse comigo a capacidade de dispor do mais dos acontecimentos no ínfimo menos das coisas!...

Gostava então Lunaflor Rosália de perambular por fatos e datas e ocorridos de longes tempos já, entregando a mim, ouvidos todo, essa iguaria de finas falas que vai chanfrando palavras como que a pôr nelas o devido efeito dos feitos e afazeres, seja louvando o nunca nenhum de avô e avó ter nela botado mão alta levantada para seu tapa de corretiva maneira, seja relembando na tona do coração – feito fosse agorinha mesmo há poucos minutos – a vez primeira e última em que ouviu corrupio de cardeal trepado no jambeiro imenso de grandãozão, que dava seus contornos de taltanto-tamanho à entrada do pomar, seja retomando as leituras de seus doze treze anos, em que se embrenhou, segundo sério ela me disse, por *A Ondina de Capdevilles*, *A casa dos rouxinóis*, *Magali*, estes de M. Delly, ou por o *Fogo de amor*, este de um Elinor Glym, romanceados que, nem não!, davam mais que fazer e pensar e assenhorar-se à mocinha que já se prenunciava evidente na criança que não mais ela era. Tinha assim seus sestros de sonhar-se, Lunaflor Rosália, mas não como o bem habitual das meninas entrantes nessas idades! Contou-me ela dos desesperos que já experimentava ao ver as mais velhas das irmãs lambisgoiando-se inteiras para algum rapaz que lhes passasse à mão dos olhos, que ela, Lunaflor, Rosália, nem mais devaneava com as casinhas de bonecas antes para ela especiais montadas de caixas de fino papelão de sabonete trazendo delicados olores, mas também nem se intrometia em meter-se atavios de falsos fundos e intuitos, pondo-se em posturas de artifício só para semostrar-se a estranhos, dando em poses de desenxabida maneira, como as das irmãs, essas mais velhas, quando espevitadas por espetos de namoricos possíveis.

E é assim que se ia fanando a Lunaflor Rosália, sendo que, na vera verdade própria, aparecia que ela se ia mesmo desvanecendo de si desde que nascera e criança fora. Ou, melhor dito e mais ainda explicado, tinha-se ela se havido desde sempre com essas suas sementes de silêncio circunspecto, seriedades de bem dentro vindas para, no de-fora, ir temperando de parcas estranhezas a criança que ela ia sendo e que, no mais, era toda normal como as tias outras, irmãs dela, no seu fabrico de brincadeiras e invencionices de histórias. E, se digo isso no-agora mesmo, aqui, é para dar conta do que só vi nem soube explicar desde que por gente me vi e tomei, e até muito estranhamente desde que eu tinha sido outorgado com estigmas da arrevesada maneira de antever o sido no sendo que me havia dado a mim aquela Esmerência. Mas isso que agora conto e digo, e que foi ocorrido nesses dias e horas de 1948, vinha era mesmo meter aços de só dureza na vida, essa, de Lunaflor Rosália, que ela estava era sim se entrevando em suas pouquidades íntimas lá dela. Pois é mesmo que a história do Alberto Dioto tinha mais é ficado entre eles, dois, e mais tarde comigo ficou, pelo que pude ter visto em uns dias que com ela me aproximei na casa-grande, e de mais ninguém, acho eu sim, talvez!, tinha sido sabido! Pois é mesmo, então, que quanto a Lunaflor Rosália mais ia crescendo e se encorpendo em mocidades, mais se ia afastando do reto trajeto que esperam as gentes das mocinhas que vão se crescendo e apontando para namoros, noivos e núpcias. Mas não aquela Lunaflor Rosália, que parecia querer de-seu guardar para o sempre os tempos de quieto criar, esses de estar à beira de ribeirão sem mais frases com que vituperar ceca e meca ou inventar certo e muito, pescando com os irmãos, em especial com o Tio Eli, que, pareç!, era o fino artesão de varas com especial feitio em fogo fabricadas e arqueadas para rijo manejar-se, sabendo ademais as distintas precisões curvas dos certos maneios de linha e as várias premências de puxar o anzol no revés da tona, fosse o peixe um cachorro-magro, fosse cará, lambari ou manjuba fosse, ou o bagre das locas, ou a traíra dos alagados...

Mas o fato bem mesmo era que Lunaflor Rosália parecia se ir entregando à sina de assim ser sem meneios, assuntando aos poucos as solidões que deviam de doer no fundo de suas coisas lá íntimas. Ou será?! que não causa espécie nem traz transtorno o isolar-se desse modo de mocinha que aponta para seus treze anos ainda querendo apenas e só manter-se em companhia de irmão?! Ou, mais tarde?!, de moça que não cultiva seus trajes de costumia da idade e apenas melhor se aplica a passeios sozinhos pelos matos, enquanto as irmãs, tias minhas, se esmeravam no aprender mais e mais o fazer de doces, o tecer de linhas, o cerzir de panos, o zurzir de parentes?!

E, agora, se assunto e disponho no diante de mim as figuras das tias outras, vejo mesmo que todas elas até que tinham esses tiques e traços da Lunaflor Rosália, também elas se davam seu pouco a ares de azos de solitária lentedão, somando nada a pouco, em tarde de despaciência com a vida e consigo. Mas nada não mesmo como ela, é certo! E vai daí que à Lunaflor Rosália pespegou de vez e jeito a sina de velhos anos antigos da família essa nossa, de que sempre algum dos filhos não se casava nem se arranjava fora, mas ficava é mesmo na serventia de tocar e ajudar o diário da casa, no quanto mais iam entrando em suas idades os mais anosos, pais e avós. E é bem como exata ela se vestia que até dava o feitio de assim ser ela própria: as camisas de fino algodão sempre todo esbranquiçadas de alvuras mas tendo por baixo a proteção fechada de combinação, golas finas e altas e apertadas por botões beges até quase o limite da fronteira entre pescoço e rosto, mangas que, à feição da gola, também se iam aumentando e encompridando como que a empurrar as mãos para longe dos braços, as saias de algodão escuro, quase uma percalina, e descidas sempre mais de palmo no-abaixo dos joelhos, e as pernas esconsas debaixo de meias-de-seda acinzentadas ou puxando evidente para um escuro de noite mal começada, tudo terminando em escarpins de baixo salto, invariáveis no azul-escuro quase preto. E é claro que nem sempre assim se trajou Lunaflor Rosália, mas não

foi impossível perceber o quanto ia ela compondo seu de-vestir, acrescentando um detalhe e outro, uma peça a outra, à medida que os anos caíam e ia ela enchendo de perdas e buracos os seus tempos sendo e a-ser!

Mas, durante esse todo tempo, até ainda se dava Lunaflor Rosália a alguma deambulação, sempre a pretexto certo, encomenda expedita, visita de consolos e comiserações, nada por ficar espiculando a alheia vida, mas por formalidades gentis lá dela. E, acresce ademais, foi que bem foi no pouco-depois da morte da avó Joana João que ela permitiu que eu a acompanhasse a algumas dessas saídas, mesmo me chamando a atenção que, no último átomo do átimo!, sempre desviava ela seu olhar e palavras da presença e rastro e passagem meus, no evitando comigo intimidades que se dariam a maiores falares e a bem maiores pensares, parece! E parece mesmo que a morte da avó deixou-a na soidão de mais nada ter de seu dever a vigilar e cuidar, daí passando aos poucos, nas timidezs evidentes ainda, a aceitar pouco a pouco a pouca companhia minha, ancorada em frases inicialmente de ofício, dos *bom-dia!* aos *cum-vai?*, para entretecer-se em enredados cada vez mais largos de charlas bem demoradas. Então, como dizia eu, assim, chamou-me ela uma vez a fazer companhia até o centro de Silveiras, sua légua-e-meia distante do Bom-Jesus, a fazer pêsames a família de amiga longa relação com os avós, uma certa grei de Quintanilhas que lá haviam perdido em acidente de montaria um menino, moço, na verdade homem feito já, derrubado da sela, enganchado pé no estribo e arrastado, pelo ar e o tanto todo necessário pelo chão, através de valo e morro e cerca e moirão e árvore por bom tempo e caminho, por uma égua passarineira que como só ela fosse e seria!

E era um Tião Mariano, esse um que se havia dado a arrancos tais e tantos, rezado que fora, chorado ainda, cujo saimento se dera em véspera, não bem anunciado e de todos da casa-grande não sabido, mas de que chegara a notícia meio de longe, um pouco de perto, pela voz vinda varando a distância da



porteira à porta da casa-grande, para varrer a sala em que estava Lunaflor Rosália, atenta agora ouvindo a nova pela boca e gosto de contar do Dito Feitosa, dando conta e termo do passamento do menino, moço, sujeito, esse Tião mesmo. E foi daí, então, que se oficiara ela, Lunaflor Rosália de se ir render seus préstimos de companhia em dor, à família desse Tião, embora não fosse ele no exato um dos Quintanilhas. É que menino ainda tendo sido levado por sujeito de longes parentescos com a família, aquela, e tendo então sido pedido que dele se tomasse conta e lhe fosse dada a educação e os modos que achassem de seu conveniente, pois não estavam, seus dele pai e mãe, em medida de garantir a sustância de boca e roupa e cuidados todos. Não se dizia, então, à época, o exato nome desse tipo de gente, apenas se invocava algum longe parentesco e era essa alcunha que se sobrepegava ao nome próprio dele mesmo. Primo ficou sendo, assim, o Mariano, esse Tião, empregado em préstimos de toda feita e feitio, posto a aprender o ofício de tomar conta de gado, tocar empreita à frente, capitanear roçado de pasto, ralhar com camarada menos pronto e presto. Em pouco: pau de toda dobra, certo braço-direito do António Quintanilha, chefe deles todos. Mas sempre de seu não sendo mais do que o de-favor que pegava feito fosse marca de ferro em brasa rubra na pele tendo sido crestada por-jamais! E o Tião, esse, nem era mesmo o único dessa sua condição, sendo useiro o casual de criançalha largada e dada a quem se dispunha ao tomar-conta, mesmo quase em cada grande família vigorava essa estirpe de favorecidos serviçais.

E é claro que não podia não tinha como desviar olhos e sentidos da condição minha própria, no quase-exato parecida à do Tião, salvas as diferenças óbvias, como o não ter sido eu ao ar lançado e depois arrastado por égua nenhuma que fizesse ir ficando arrastada e largada no chão a pele do corpo. Mas, no normal exato e costumeiro, esse era caso de nada incomum acontecença, sendo aos bons magotes que sempre se havia desses tipos, uma classe de desavisadas pessoas, largadas de pais verdadeiros em seus

variados estados e anos, de ânimos tão distintos mas que o tempo ia-se encarregando certo de aplinar e aplastar, tivessem sido chegadas às famílias de empréstimo pelos seus quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze e mais anos, ou entregues sido e ainda nem nada falantes de tudo – petizes de todo pequenos escorrendo leite da boca ou chorando à seca sua má condição e sina, vindos em lombo de mula sem ainda o poder de andar por próprio ou a pé tangidos feito só criação fossem, arrastando as costas das mãos no fungado renitente do nariz justo por onde saíam seu quinhão das lágrimas que também brolhavam da raiz dos olhos e chegavam até à comissura da boca, deixando no lerdear dessa andadura – cada um dos passos deles miudamente postos entre si e a casa de cada um de onde vieram –, deixando no torpor de todo passo, então, se espalhar a dor e a leseira que haviam de para o sempre todo do resto de vida entortar suas costas e seus intentos à vontade de outros. Era assim, sempre sido assim no mais dos tempos de que se teve notícia. Mas, e comigo?!, era no igual assim exato?! Era nada mesmo não! Nunca desfrutei desse estatuto de infimezas que, aos outros demais, era dado concedido: o-comer no junto das ainda quentes cinzas do fogão em apartado dos membros demais da família, o-pedir sua licença em qualquer azo, caso e cômodo em que se estivesse, o-dar sua paga por ignota dívida nunca ao fim chegada em labutas infindas e dias sem termo. Mas não e nunca comigo assim era! Fosse que fosse até pelas deferências ainda que parcimoniosas que dos outros sempre recebia, pela diferença que sabia eu existir entre mim e demais primos e criança, mas diferença que nunca pouso fizera nas palavras e tratos que comigo entretinham os todos demais da casa-grande. E não era?! que fui eu mesmo a intrometer diferenças nas palavras, ao lançar ao ar a pergunta, aquela, a avô, em mesa diante de família inteira entretida em almoço, ainda de domingo se não finjo engano?! E essa pergunta, foi justo ela que me legou sua porção de custo e peso, me levando a buscar no tecer das palavras, quando às vezes soltas distraídas, que comigo os demais usavam, as finezas com que ajustar a bem árdua busca de uma família

alguma além daquela que mesmo de empréstimo me tinham acertado em dar, nessa busca, digo e repiso, em que já não mais tinha e mesmo nunca tive como não me meter! E certo é que, ao justo, nem se tratava de luto sentido sincero pelo Tião Mariano, mas pelo pequeno que em mim havia se morrido bastante antes do que useiro e vezeiro ocorre com os demais, que adultam para ir matando o infante que tinha neles havido. Nada não em mim!, que em mim esse um foi por morto dado e acabado no bem antes do começo de existir, quando fui chegando e aparecendo em jacá acochado a lombo de mula e posto a existir na casa-grande e fazenda sua, num tal pequeno estado que nem mesmo palavra de descorço ou gesto de desconsolo podia eu largar a léu e céu, apenas aceitar os ditames que os mais, grandes, eles, determinavam para minha história, mina essa de profundezas e esconsas vontades. Eu nada sabia. Ou dizendo no melhor, eu só sabia era mesmo a premência de chegar ao cabo do começo disso tudo. Por o menos que afinal eu chegasse!

Que eles todos teriam me dado a grande e valiosa ajuda se comigo lidassem, no diário, como eram os outros demais agregados tratados, no-favor a seco pelas famílias que a eles deram acolhimento e a pouca deferência. Mas nada de nhumas nenhuma, comigo era no desigual! E, ainda, quando olhava buscava algum compadrio nesses outros a mim apenas a-meio parecidos, não tinha mesmo com quem me medir inteiro e terçar azares, o que ainda me agigantava demais em imprecisões que más impressões deixavam. Na volta da visita à gente Quintanilha, dei parte de um pedaço dessas amofinações a Lunaflor Rosália, nos circunlóquios e insinuares que eram e sempre de lei foram nessa matéria de assuntos. Nem nada disse e me dissuadir tentou ela, mais para o calada estava, menos para entabular falas prestou-se então, apenas entregou seus alguns poucos olhares, como a pôr alguma benção e mais a devida sua reprimenda, mas sem que eu pudesse extorquir ao certo do gesto seu nem um nem outro. Destino e sorte de sempre os meus é que eu tinha mais mesmo é que me virar em riba de incertas menções.

## Todo fogo

E foi no retorno daquela visita de condolentes pêsames às gentes do Tião Mariano, descendo o Morro-da-Volta-Fria, tangendo a charretinha no eito que se podia fazer no por-evitar as grandes pedras e esburacados alguns, foi aí que pudemos contemplar o Sol coando-se em espanejos para, lá embaixo, botar rubores no telhadio e paredes da casa-grande, escarlata de matizes vários por sobre ela toda e adjacências suas. Verdade é que, aqui, no estar eu agora pensando naquela descida da Volta-Fria, nem preciso de tortuosidades de saberes inquirindo os outroras das gentes, para adivinhar o que ocorreria em tempos bem depois, pois que era o a-vir futuro – percebo e bem agora, quando o tudo disso é já passado –, era assim o a-vir futuro que eu não podia ver então naquele momento mas que agora vejo: o como aquele ainda por-vir a acontecer se anunciava já no Sol batendo de chapa em cheio na casa-grande. É que, seus poucos anos depois, incêndio, um só e bastante, tomou de vez e toda a casa-grande, e os rubros do Sol que antes enxergamos eu e Lunaflor Rosália no descer a Volta-Fria, se converteram em lábaros de flamas. Certo é, mesmo, que entre um e outro, isto é, de permeio entre aquela descida de morro por nós dois feita, e o pegado fogo à casa-grande, um muito se passou e vi. Ou quase que-nada, se considerado por outro modo mais minucioso, se bem pouco importar nesse entrevero o que se deu de um a outro tempo, ligados pois que estavam ambos pelas agudezas do brasim desleixando cores outras e rabiscando seus impropérios de vistas purpuras.

Então, é que, entre o ido e o sido, não mais que a fina areia é que escorre dos dedos, e só mesmo sujeira gafeirenta dela é que sobra de resto nas mãos. Não é?! desse próprio jeito sempre assim?!

Tanto se passou entre momento e outro, entre descida da vinda da visita aos do Tião Mariano, os Quintanilha, aqueles, e a tragédia em vivas cores da casa-grande, mas era que nem fosse um nádimo de coisa nenhuma tivesse se ocorrido. Nisso aí, na ocasião do fogo-incêndio da casa-grande, voltava eu de viagens, mormente dessas que entestara, reimoso de teimoso segundo o me sentenciava eu próprio, em busca das mais leves suspeitas de menções tivesse estado por lá acolá ali algures o Juca Capucho, afincando levando adiante, até aonde não se desse mais, a vontade em perseguir rastro do que fui no onde havia estado esse Juca. E foi, então, assim, nessa ocasião em que retornei a Silveiras e à fazenda e à casa-grande, dessa vez e feita menos pesado em mim no apesar das demasiadas longas perrenguices da idade, um tanto anoitado pelo custo e pena dos quarenta-e-dois anos que trazia nas contas e costas, acrescentados de uns poucos dias de ida a São-Paulo e acrescentados das várias semanas de porfiante procura pelas serranias da Mantiqueira e da Bocaina, e que podia ter sido apenas, no ver dos outros segundo o que muito me davam a pensar sem dizer, ter sido então apenas empreita das mais impossíveis, essa de me procurar eu mesmo em outro, e buscar minha pessoa estando tão perto de mim-próprio. Que era e não foi assim nada mesmo! Mas, por voltar à rota do que se narrava, bem foi aí então que, dessa última feita e vez, botei rumo de voltar desses preâmbulos e perambulos que até antes deles haviam sido sem jeito de achar mais do que a míngua de sobra de notícia velha, do Juca ou de algum dos dele, que tinha até então sido como os rastros de tropa e boiada na poeira ajuntada pelo estio nos caminhos da roça, que dos animais deixa uma fímbria de quase-nada e que mesmo nulo desmostra deles. Sempre se havia sido esse viajar, até o-então, aportado a seu fim com as mãos repletas de vazios do espírito, dessorsego de ter enfrentado desaprovações

de tantos para tão pouco e nada ter encontrado e trazido. Mas tinha sido, porém, seu tanto diferente agora, dessa feita vez, no-depois de um último mas não definitivo ainda périplo, mas acabou que sendo coisa que nem tempo tive e nem jeito houve de pôr no proveito do espírito, pelo sucedido que se deu.

Tinha eu, então, como dito afixado acima, retornado à casa-grande depois de volteios de viagens, uma grande e outra rápida pequena na sequência uma de outra, e era lá pelo iniciozinho de agosto de 1954, talvez no certo mesmo dias 3 ou 4, esse da volta minha retornado não ainda de vez à casa-grande. Não de vez?! Nada, mesmo! Que certo eu tinha que d'ora em diante não pararia de jeito-maneira com a procura. Mas sem saber, no momento aquele, de chegada minha, que não teria mais depois mesmo como volver a essa casa-grande, apequenada em horas bem poucas pelo carcomer do fogo e de suas línguas lambendo e varrendo o que ainda teimava em de-pé restar dos tempos antes. E foi, então, lembro bem feito fosse o dia exato de agora mesmo diante de mim posto e exposto, recorro de ter chegado de estadia curta fora e viagem depressa a São-Paulo – no logo depois imediato de ter retornado de grandes andanças muitas por serras, morros e Vale –, no chamado que lá fui pelos tios dois, Altair e Aldebar, para caso de urgências de transferências de espólios e quejandos, e chegando do São-Paulo estava então no dia 3 de agosto, pelo fim da tarde, todo expedindo as poeiras diversas das variadas viagens. Nada a ninguém avisara, nem telegrama, nem chamado feito nenhum à D. Geralda Cardosa, cuidadora capitã que gerenciava o posto de telefonia de Silveiras, pedindo-lhe gentilezas e atenções de prover a alguma gente da casa-grande notícia de arribação minha iminente projetada, ou fazer de algum que pelo Bom-Jesus passasse ser o portador do recado, esse. Embirrei de voltar como se senhor dono das vontades apenas eu fosse, como se determinasse o inteiro do trajeto, seja a saída na busca do que eu próprio nem nada quase muito ainda sabia, fosse a volta no azo e tempo a mim apenas afeito e traçado.

E assim como vim, desse jeito cheguei, sem espezitar as pessoas no-antes do antecipo de notícia, sem chamar mais a atenção do que a devida a mim já era e sempre sido dada. E era, então, o 3, de agosto, conforme me sinalou o condutor do ônibus – nessa ocasião, já era um da *Pássaro Marrom* –, esse que me levou de São-Paulo até Guará, ao me vender o bilhete, ainda na manhã dessa data mesma, emprenhando a parte do dia, então, nas várias horas que chacoalhamos inveteradamente pela Rio-São-Paulo de sempre e tendo, ainda, no depois, de conseguir arranjar algum transporte de boa-vontade dado e ofertado por quem fosse até passar por Silveiras, já que eu tinha à-vera perdido a única ligação de ônibus de linha, daquela *Empresa de Ônibus Santa Luzia*, essa de meia-propriedade de um distante tio, e que me levaria dito e sabido até lá, Silveiras. Um tal Totonho Tostes, conhecido de outras feitas e empreitas, carregador de leite no caminhão seu *Studebaker*, por um acaso desses que acometem as existências nossas no de-vez-em-quando, estava mesmo em Guaratinguetá, pegando pacote de encomenda e urgindo pensamento de ir-se direto e rápido para São-José-do-Barreiro, no intento de chegar-se lá por no finzão quase da noite, e me deixaria com toda mala e inteira cuia em Silveiras. E onde foi que cheguei lá pelo finzinho da tarde, tendo sido deposto bem defronte diante do Grupo, ao que ainda pude escutar o vozerio cantante ritmado das crianças se preparando para dar-se a saídas e a suas livres estrepulias, e entonando com forte voz de sentimento o *Faz três noites que eu não durmo, olará, pois perdi o meu galinho, olará...* E foi então que, do centro da cidade, saí no imediato, salvando a uns e a outros pelo ofício de educação e polidez a mim sempre ensinados por avô e avó, saí, então, também em boleia de caminhão, esse um que ia levando tropa de gente para abrir uns matos no Assassino, distante e estranhoso lugarejo daquele centro de cidade nossa, mas que se apontava também, para mais comodidade minha, no bem-certo exato do caminho passando pelo Bom-Jesus. Onde me depuseram com o de-meu armas e bagagens, naquele quase

começo de noite, na casa-grande ainda toda inteira em sua estatura mas já resvalando evidente para dobrar-se ao meio, como se veria ocorrer nas horas a-vir!

Lá, alguma coisa encontrei de um pouco diferente, a começar pela mudança de Lunaflor Rosália para o centro da cidade, o que contribuiu para o esvaziar-se dela, da casa-grande, digo, e talvez até que mesmo também da própria Lunaflor Rosália, desurpada dos sidos e sítios em que habitara e com quem estivera desde sua nascença no exato dos 6 de novembro de 1896. É como se, nos poucos, as gentes fossem se sentindo muito e pequenas na imensidão dos vazios ocios cada vez mais agrandados e precisassem de algum ar mais estreito onde escorar suas quizilas e quiças. E Lunaflor Rosália saiu e foi-se a ocupar casinha meã, herdada entre coisas outras a ela deixadas pelo avô Josefo, no ao-lado da Igreja, entre o posto de saúde e o Clube, onde já se estava instalada quando dessa minha volta a Silveiras, mas sem que eu soubesse e por lá portasse ainda antes de entestar caminho e reta para a casa-grande do Bom-Jesus. Mas era, então, o 4 de agosto, conforme me lembrar posso agora e consultando um devido calendário, pois notei no chegar que o empregadio da casa-grande havia deixado os tapetes para fora pendurados na janela, coisa que só se fazia nas tardes das quartas-feiras de sua limpeza, conforme havia sido determinado e estatuído pela avó Joana João, desde os antes-tempos de sua mocidade ainda recém-casada, e dos poucos preceitos tidos e mandados que dela ainda se seguia em repeito e obediência. Era mesmo e então o entrecomeço da noite desse 4 de agosto, e de 1954, atesto e afirmo, esse dia e hora em que entrei na casa-grande, saudei saudoso o povo que me veio mostrar o feliz espanto pela volta minha em-nada avisada e menos ainda por eles preparada.

À noite? Foi mesmo, então, foi assim no costumeiro dos reencontros, depois dos vastos meses tocaiando rastros e ralas vestes de algum vestígio que fosse do que buscava eu na pista do Capucho, mas associado a essa uma a outra ida das céleres a São-



Paulo e, nisso, sem nem tempo ter tido de contar o que tinham sido aqueles todos meses da anterior precedente viagem. Foi tudo então como se voltando eu estivesse direto da outra jornada, aquela bem maior disgramada. Na casa-grande? Ainda por lá estavam as cozinheiras, elas duas, Mariana e Marianinha, mãe e filha, no desde-sempre por lá arranchadas e que me arrumaram jeito e algum talento de descobrir as boas comidas sempre lá havidas, no guarda-comida quando fora da hora vezeira, ou no em-cima da chapa sempre quentona do fogão-a-lenha quando nos arrebaldes dos horários certos para as refeições lá estipulados. Como especial de familiar voltante que era eu, atropelaram elas as liturgias todas da cozinha e, foras de horas, aprestaram bom angu fresquinho e bastante quente, o mulatinho feijão com grossuras de caldos e nacos de pé-de-porco, em conúbio direto com a carne-seca frita na banha e couve-mineira de finíssimas quase invisíveis lamelas como só elas duas sabiam fazer e cozinhar com toicinho. No então, a fazenda com o seu agítame e exigências de capatazia estava entregue agora ao Thiagão Motta, circunspecto consorte de Rosibel Branca, e que me lá recebeu com alguma sua menção de ser afável, o máximo do possível em todo ele que lhe era mesmo possível. Naquela altura do dia, quando tiveram a nova do retorno meu à casa-grande, já estava o criançame no quarto, entregue às tarefas de arreliação e fim de expediente, preparando o seguinte dia com sua coorte de escolas e entreténs, mas não deixaram de vir ver a chegada minha, que não era estranho, eu, claro!, além de que trazia as estranhezas de quem se ausentava para lá além, muito, dos Campos de Cunha, que era o máximo do-longo deles conhecido e sabido. E enquanto eu era servido dos comes todos, à mesa, já era quase que como engolido pelas perguntas dos pequenos e das pequenas, a ponto tal teve o pai e tio deles, o tal Thiagão, intervir exigindo o retorno imediato ao quarto, que me deixassem a mim comer na paz do que meu cansaço exigia e impunha, que amanhã e nos depois dos dias, não teria nada de viagem nenhuma a São-Paulo e haveria ainda

bastante de tempo e calma para eu a todos eles contar, crianças e também adultos, o que me desse e aprouvesse. Foram-se, não só os pequenos, mas aos poucos os demais todos, pretextando cansaços e compromissos para o dia-seguinte e fiquei eu mesmo mais é entretido com a comida e, finda a fome e a fartura, com as mobílias e ademanes da sala. A foto ovalada, em marrom moldura, dos rostos de avô e avó, para lá sempre inspectando coisas e gentes com seu ar de severa intimidade. O relógio de parede parado ainda e sempre desde os seguintes poucos dias à morte do Tio, Eli. A mesa imensa de jacarandá com suas doze cadeiras que, nos préstimos da imaginação de-pequeno insensava eu ser as dos doze pares de França, e será?! que algum dos pequenos agora nisso se aplicava inteiro em imaginação sua?! A cristaleira sempre cheia da fina vidraria e das pratas de exibição nunca de uso, e evitável de-sempre pelos menores em peraltices suas. A namoradeira que de alguma serventia foi para as tias antes do por-vir mas já então aprazado casamento. Eram conversas, entre mim e as coisas para bem muito tempo, essas que eu ali já ensaiava. Apenas que eram mesmo trelas para serem ancoradas em enfiada fieira de vários e vários dias e dias, não para o agora momento em que chegava ainda mordido do pó e levado dos chacoalhos das viagens! Mas quem?! é que exige e cobra da resma de fatos o ser condizente com o que de nós queremos?! Conversa que houve, esticou-se não mais em dias seguintes!, ficou mesmo é restrita e fechada às poucas palavras que nos olhos pus e às que pude eu beber de tudo o que via na sala e no por fora da janela.

Porém, sem o saber devido do que iria ser já-sendo, foi bem assim, então, que me recolhi ao quarto meu, dando o convindo contributo ao silêncio que pela casa-grande e por seus quintais se ia construindo, como obra comum nossa de todos mas sem que nenhum de nós se apressasse a disso dar notícia ou combinação fazer uns com outros.

Lá bem pelo início da madrugada, já no dia 5 conseguintemente, acordei em vazios de respiro, falta de meios de sorver a

ração devida e aquinhoadada do ar nosso de todos. De fato e à certa é que ainda havia um inusual de um cheiro, como fosse sonho pretextando descidas a infernos e conúbios conturbados com enxofres de satânicos jeitos, mas era mesmo o mais terrenal possível que seja, esse olor de incendidas coisas e casa, espanejando suas cabíveis quenturas, aspergindo de viva cor o paredame da casa-grande. Fogo havia, é claro notório, faltando apenas, naquele momento em que acordei de mim e parecia era apenas eu só desperto em meio ao mundo todo inteiro quedando-se adormentado, faltando que as pessoas demais da casa-grande se tirassem da inconsciência em que se refestelavam indevidamente, para dar acordo de rapidez de movimento e decisão de gestos e tomada de decidires. Era fogo, mesmo e então, e nem se precisava de saber notícia de que causa e coisa o levou a levantar-se assim, bastava o urgente de pôr no a-salvo e seguro os menores da gente nossa e o possível dos haveres de alguns. Mas que-é-de tempo e senso de medida, nessas ocasiões?! Nenhunas de nada, é claro e certo, e o certo mesmo foi a algaravia levantar-se quase tão presta quanto o fogo, quase! E foi uma correição de gritos, e uma suplicação de ajudas, e uma pressa de espantos que davam a impressão de infindar ligados sem distância de uns a outros, mas que teriam mesmo que terminar, pois o fogo assim já ia determinando com suas leis próprias e surdas, impondo um seu calado estado nas latejantes questões que nós então nos fazíamos à falta de outras: *Por quê?, Como?, De que jeito?*. De fato, no que nos demos vista e por nós, estávamos todos no largo no defronte da casa-grande, não podendo nada mais não fazer que ficar espiando o trabalho sério e decidido e prestimoso das chamas lambendo cada viga de madeira, estourando cada taquara de bambu das paredes de pau-a-pique e todo tijolo das que eram alvenaria, flamas chamadas a ir destorcendo as estruturas da casa começando pelas mais mínimas das menores até chegar ao telhado e até a sua cumeada. No que, então, nos demos conta e siso, estávamos tentando pôr número e quantia nas pessoas à volta, descontando os vizinhos que se

desadormeceram assustados pelos gritos nossos, e vendo quantos de nós podiam ter ficado na casa, e era felizmente mesmo nenhum de ninguém que lá havia ficado preso ou morto.

E ainda é que, no que talvez importasse, devo dizer que poucos viram ou notaram com esmero e certeza o olhar meu, agora desmudado do susto espantado do começo disso tudo, para uma quase fixidez de estranha fatura. Era como se eu botasse empenho e inveja na labuta mui séria do fogo... À exceção, assim, desse mirar meu soslaiento e pespegado de bem escansas emoções, as pessoas outras se puseram em sérias posturas de improvisada comiseração, algum ou outro soltava o esperado comentário dando conta de nunca ter passado por nada de semelhante jaez de que algum antepassado, mesmo longínquo e quase-legendário, tivesse tido e sofrido desgraça desse tipo tão impressionantemente disposta a meter pavios pela vida afora e casa adentro e nunca mais que teriam podido daí em-diante esquecer tal instante e evento. E eu?! Eu me sustinha na firmeza de manter aquela certa forma de pôr olhos nas coisas e gentes, colocando ainda mais pasmo no que, no normal das outras gentes, pessoas e criaturas, era apenas e só a certeza de estar diante de algo que feriu e estuporava o viver delas todas. Mas, para mim, eu próprio, não?! Nada mesmo, coisa alguma! Que a cada segundo a casa se ir queimando mais, era mesmo o trazer aqueles outros – família minha – a proximidades minhas, então, que agora perdas e danos eram igual sentidos e compartidos! Mas!, se estávamos todos no igual de nos quedarmos no contemplando derrocada de casa e casos, eles de mim se desapartavam pelo exercício efetivo e pronto, que era o deles, de ficar exportando melancolias e prejuízo. Ora, senão, pois que, em mim – e isso que eu já sabia há tempos muito idos, e sabia ainda mais e claro naquela madrugadinha mal começante –, em mim, então, esse deslucro que eles ora lastimavam, já se havia sido inaugurado em perda, desde início, essa própria eu já trazia comigo, no quando que vim cheguei trazido pelo Capucho, lacuna essa que dava ao

jacá o seu peso enorme de séculos e toneladas... Mas disso eles outros todos não tinham a menor ciência mesmo, que, no até-ali-então, perda e prazo pareciam não pender para pretense parente meu daqueles nenhum!

Depois de horas de desacorçoo e algumas poucas tentativas de conversa, foi que se veio a saber que um dos filhos crianças menorezinhos de Maria Rosaflor, menino de seus nem bem sete anos, se havia levantado, a meio desperto e a meio ainda esbarrando na lassidão sonsa do sono, com fito de ir à cozinha besbericar seu tanto de água que atendesse à sede de febrícula de resfriado nele querendo se instalar. Foi, então, à cozinha matar essa alguma sede, onde e quando tropeçou no saco de lenha magriça ressequida, bem essa de acender fogo rápido ao início do dia, e tudo deixou ele espalhado pelo no-soalho perto do fogão, de onde deve de ter pulado aquela alguma última brasa sobrando do borralho do dia anterior e que jogou-se bem na mira da lenhazinha espalhada e... Preciso de contar o mais ainda?!

Talvez que sim, mesmo, que muito há ainda que mostrar! É de se dizer como aos outros demais da família causava pena e espécie esse dano tão total e brusco, já que os guardados de anos e décadas e mesmo séculos se haviam esvaído em horas tão poucas, e tomem lá mães externando as chorosas suas lamúrias de se terem perdido por derradeiro e definitivo as lembranças de suas e das filhas primeiras-comunhões, ouçam lá o jeremiar dos homens pretextando o desaparecer de documentos de transação e de garantias de posses tidas e havidas e quase no por-haver, atentem para o macambúzio olhar da criançalha a espalhar seus choros de susto e muito, no que se davam por cientes da forçosa separação de com seus jogos e brinquedos. Total e tudo, a cada um incumbia seu quinhão de rezingas e detrimentos, e cada qual envidava esforços de forcejar no rumor da desolação. Quase todos, diria melhor mesmo, que eu, como já sobredito e bem, estava costumado desde há bastante e sempre a mínguas e sobras, muitas umas poucas outras, no desde que cheguei e me vi a partir

de mim próprio e de cima de algum jacá balançando ao ritmo do sinete da mula madrinha de tropa do Juca Capucho.

E os dias seguintes? Não foi nada de reconstrução da casa, que essa derrocada apenas vinha apor seu selo de peremptoriedade às vidas das gentes da casa-grande, estabelecendo evidências do que desde-muito se vinha insinuando nos foros de todos de lá. Eu é que me colocava como desde-sempre na transversa via das pessoas da família, buscando difícil o que eles já tinham tão facilitado! Fogo mais que os outros eu trazia e tinha, nos imos bem em mim dentro e desde meu sempre ser, e feito na força dessa moessa de nascença que eu carregava sozinho e não via jeito ou fina artimanha de dela me livrar, fogo de seu silencioso feitio carcomendo no esconso da alma mas botando suas evidências sutis nas expressões que levava eu no rosto. Eu já era mesmo o que sempre fui, pessoa de melancólico talhe: mesmo aos outros demais falando minhas palavras saíam sempre pejadas de silêncio, e que-é-de mãe?! que me botasse em colos de alívio, e que-é-de pai?! que me aprumasse em rumos de decidido opinar?! Eu era sem! Eu estava é a descoberto, em minha sina! E não havia sapiência de adivinha de conhecimento de demais passados de outras gentes que compensasse o não saber eu o de-meu mesmo, e o tudo que disso se decorre! Mas isso tinha ainda de ter seu fim, de jeito ou outro!...

## No Rio-de-Janeiro?

Mas tudo o que vinha eu recontando parece que foi é pulo de vastos tempos, que, entre a descida da Volta-Fria e o incêndio da casa-grande, vários alinhavos se deram em percursos mesmo até bastante extensos. E não?! É ver. Naquela primeira época, estava mesmo é muito morta a avó, Joana João, e entregue a casa-grande ao já não-se-fazerem umas rotinas diretamente como gostava e impunha ela em vida. E também rodava em seu centro em falso a fazenda desgovernada de si pela ausência do avô, o Josefo, aquele. De uma a outra, quero mesmo dizer, da casa à fazenda e da fazenda à casa, se traçava um laço de desperdício de gentes, que todo o esforço dos que lá ainda ficavam eram mesmo leves bategas batendo no seu inútil contra grossas paredes. Pelas salas, quartos, cozinhas, despensa, banheiro, quartinho-de-arreios, escritório, varandas, no total dela, casa-grande, o que se via era o acúmulo diário de desleixos, fosse tivesse sido algum azado sortilégio contra ela lançado e atingido desde as suas fundas fundações ao topo do telhadio. E a ausência da avó era então sentida como se estivesse ela à nossa mão e diante quase de nossos olhos, evitada apenas no último átimo em que se daria a ver sua sombra a cada um e a todos de nós. No sabor que se lastimava não haver em algum certo alimento que sabia ela ser mestra em artefazer; no modo como se desseguiam suas maneiras de concertar a posição das toalhas e das chocolateiras de folha-de-flandres na cozinha, que todos percebiam mas ninguém mesmo

não corrigia; na mania que queria no-inútil forcejar e nos impor a todos em definitivo de tirar fora os sujos sapatos e botinas e ir andando às esfregadelas, com os pés nossos arrastando algumas das flanelas colocadas ao lado da porta da sala de entrada, mas coisa que agora mesmo é que não se agia mais de modo algum. Mas era talvez, o avô, Josefo Pereira Mendes, certamente quem até mais se esmerava em sobrepor faltas e de lacunas encher nosso diário. Ao que, à sua ausência, era como se, tiquinho a tiquinho, fosse o vacume leiteiro quebrando sua produção, perdendo suas gotas diárias de feição imperceptível mas inexorável, como se as contas de haveres e deveres não mesmo mais se encontrassem na boa aritmética dos lucros, somando, cada vez mais, os menos no lado pesado do passivo a descoberto, como se faltassem suas gritas e ralhos com a animalhada de criação e as culturas de plantio, bastante bons para dar engorda e encorpo sob animação sua diária e que, agora, tinha mais mesmo não!

E que fazia eu?! por lá, então, nessas idas e contra-idas, se meu lugar de-meu mesmo era o incerto saber que desde o começo carregava por dentro, e agora sem a valia da esperança de receber as claras palavras de avô ou avó?! Nadas de coisas nenhuma, e nem mesmo aquela uma ida-e-vinda da Guerra grande havia me resolvido em mim, e só restava o sair mascando sortes, acasos e azares, a ver se algum caminho ou outro percutia ainda alguma marca de quem, único e só, poderia me dar a entender o que foi feito do que primeiro se inventou de mim, e esse alguém era a própria pessoa do Juca Capucho. E foi que houve o acontecer, então – caso de alguns meses poucos após termos eu e Lunaflor Rosália ido nos Quintanilhas –, de ter passado pela casa-grande aquele Boanerges, Boanerges de Souza e Silveira Maciel no completo do nome e família, que indagara estranhado da ausência do Capucho quando do enterramento do Tio, o Eli, e que, agora e no azo, por lá passava em coincidência das mais extremas. Estava envelhado de todo, esse Boanerges, a brancura de cabeça anunciando seu tempo ainda passante e inte, mas já



quase passado e ido, e morava ele, então, com filha caçula, no Rio-de-Janeiro, para onde se despachara meses poucos depois do citado enterrio do Tio, e após de ter vendido o parco que ainda lhe restava de seu e liquidados os compromissos com conhecidos e meios-sócios. Passou por lá, a modo de resolver pendengas velhas que ainda tinham restado dos deparados negócios. Portou na casa-grande para seu dedo, se tanto, de prosa, a ver notícias destes distantes parentes – no dizer que era seu – e bem que deve de ter-se impressionado no bastante com o desmazelo ostentativo da casa-grande e da fazenda, mas nada disso não disse, preferindo guardar a aparência do respeito, de-certo por sentir direto, como os outros todos que lá estavam sempre ou eventualmente passavam, a presença da falta deles dois, avô e avó. Deu suas notícias da cidade outra e grande, esse Rio-de-Janeiro, lastimou nela a falta de olhos e conversas, jogou culpas aqui e acolá e saiu pela tangente de um boas-tardes sem mais delongas, apenas deixando, no ar e inacabado, o comentário de que teria encontrado por lá o Juca Capucho, velhando, ele também, em casa filhial. Estava?!, então, o Capucho, esse, no Rio-de-Janeiro?, era a certa e só pergunta que me fiquei eu fazendo pelas horas que se seguiram à partida daquele Boanerges...

Mas aqui ando ainda falto e falho, por não ter bem dito e racontado nas minúcias a mudança não de somenos importância e digna de nota que se houve, evidente e prazenteira, nos jeitos e gestos que para comigo começava a derivar a Lunaflor Rosália. Certo é que nunca é que eu a havia chamado de Tia ou senhora, sem que por isso deixasse de pôr sempre o mais cortês dos tons na voz e maneiras minhas, quando a ela me dirigia ou olhava. E nem ela nunca isso não me exigiu, esses apelativos de costumeira solenidade, que, para os mais da pequenada que comigo emparelhava de idades estava na ordem-do-dia e na boca-do-caixa. Ao não saber e nem querer mesmo eu saber o porquê disso, quando comigo ela estava é como se houvesse nela um silêncio maior mas como que pretextando possíveis proximidades

futuras, advindo tal, quem sabe?, de alguma comiseração pelo meu situar-me em tão incerto modo. Mas fato foi que, passado seu devido do tempo decorrido após o sepultamento da avó, deu de reparar-se que Lunaflor Rosália começou a de mim se aproximar sempre ainda mais, tentando sua maneira, meia desenvolta e meia estavanada, de arremedar os já sidos e silentes carinhos a distância que exercitava a avó, Joana João, até quando bênção em mim punha. Poderia ela?, essa Lunaflor Rosália, me dar a saber o que era o insabido meu maior de todos? Podia mesmo não! Nada tirava nem dela tirei, nas vezes poucas em que a inspecionei nos mínimos dos gestos, para de mim saber, mas dando de imediato de frente e cara com a impossibilidade das impossibilidades, estouvado de inábil que ficava eu sempre que algo de mim passado tentava ver, e que eu só podia mesmo é ver como jura contra mim rogada e assacada por aquela Esmerência cigana. E nem com conversas adrede invencionadas se deixava arrolar Lunaflor Rosália, que semostrava ela, nessas vezes em que eu intentava uma tal estratégia, a maior expressão de insabidade que lhe era cabível e que me mantinha ao largo de qualquer esperança de dela de lá tirar a informação mais abreviada mínima que fosse. E ia eu aprendendo que o muito querer ouvir era um cada vez menos escutar.

Mas, nisso, dizia eu que de mim Lunaflor Rosália se aproximava, lenta e certa, um nadinha a cada hora e dia, inotável para os todos outros, mas de evidências gritantes para meu perceber. E foi, aí foi que obstinei de ir ao Rio à busca do mesmo chão e ar em que pisava e respirava o Capucho, rasgando estrada e impondo léguas à cata da chuva que tanto molhava ele quanto poderia enfim me embeber. E foi quem?!, quem mesmo é que foi veio garantir a sustância e a premência, o dinheirame necessário para tal empreita?! Ela mesma e própria Lunaflor Rosália, que ganhava eu algum chinfrim soldo de ex-combatente, o necessário suficiente para os trocados, como se dizia, da pinga e cigarro, mas nada de afazeres de tanta pompa e custo. E quem foi?!, mesmo

quem foi que veio sustar a intenção da vontade que eu tinha mas que nem podia dela falar claro e aberto com todos os pontos e pingos nos corretos devidos lugares?! Ela, Lunaflor Rosália, própria, acalentando agora em si as atenções que ela sabia me daria ofertadas e gratuitas a avó Joana João, em seu aquele encoberto disfraçado jeito. E é claro que nem disse a que ia – a ela e a ninguém mais –, apenas preteitei algum projeto de trabalho e mudança, vista haja que era mesmo o normal das gentes todas de Silveiras, no então, o intento de cambiar de sítio e sina, e seria eu apenas o mais-um que se enfileirava na saída da cidade por tempos longos e vida breve.

E assim como vieram as novas na boca do Boanerges, assim fui eu de corda-e-caçamba, todo de baração-e-cutelo, e mais de armas-e-bagagens, apetrechado de ideias e fornido de algum caraminguá que daria para coisa de quase mês de esticada estadia, pagando o abrigo, provendo a comida, ensejando percursos pela cidade e, vai, quem sabe que na boa sovinnaria até algum restasse para o forçado festejar de noturnas mariposas e algum de beber menos fraco que os cafezinhos esquentadiços do dia-dia. A ida para lá?, o Rio, de-Janeiro? Mas foi mais é meio como acabei vindo a chegar em Silveiras saindo de Guará, foi mesmo é pela caronagem posta à disposição pelo Zito de Cunha, não por oficial transporte em linha de ônibus ou carro-de-praça fretado e pagado a preço de todo ouro, foi não! Quem Zito de Cunha seria e entraria nessa história, a minha, então? Mais uma coincidência, advirto já no toque-e-pegue do nome, dele, e do caso que conto, que o Zito era motorista cursado e concursado da prefeitura de Silveiras, indicado há anos, bem mais de dez, quando algum irmão do avô Josefo sido havia prefeito da cidade, lá pelos idos meados da década dos 40. E desde, então, e antes até, a política sempre tinha sido feita nos arredores e moldes da família e da casa-grande, sem tirar nem pôr, talvez apenas tirando algum de nós bem próximo para pôr outro de igual valia e quase cara. E, ora, sendo a capital federal não lá muito extensamente

longe da cidade, a nossa, Silveiras, coisa de umas quarenta léguas, era habitual o ir-se de vez em vez até a cidade essa do Rio, para preitos pedidos ainda não atendidos, e quem levava os pedimentos e as pessoas, por vezes o prefeito ele próprio, era o Zito e conduzindo naquele então o novíssimo recém-adquirido *Chevrolet 1950 Deluxe*, que atendia às demandas e às luxices do poder de plantão e seus chegados ou conhecidos. Era deferência, sim, e grande, o deslocar-se no favor do político e no vapor do vento, no carro, aquele, mas, tendo e sendo do pretense sangue da família, nem foi nada de nunca difícil de saber que haveria o deslocar-se do Zito e do carro até o Rio-de-Janeiro e, mais ainda no imediato, a aceitação de com ele levar-me a mim e alguma trouxa a trouxe-mouxe arrumada, nas pressas de aproveitar a ida total, então, desse Zito e do carro quase seu.

E preciso de contar?! as extensas horas e caminhos suspensos sobre sustos de buracos e movimentos de outras conduções e gentes, adelgçando os cansaços a poder de alguma charla decostumeira de sempre?! Nada não!, que o importante e central do que falo aqui e mais buscava lá, no então, era mesmo o situar-me diante da enormidade assombrosa daquele Rio, tendo apenas a tênue notícia a nós dada pelo Boanerges de-tal, esse que habitava e mais filha nos lados da Tijuca, Rua de São Francisco Xavier, para mais exato ser, e como ele, no então da visita à casa-grande, havia deferido com grande pompa a circunstância de a todos abrir convite e visita para o azo ou acaso que por lá nos levasse. Ora, ia o Zito mais era no centro da Cidade, para o Ministério da Agricultura, levando questiúnculas e senões em mensagem recado posta à apreciação de um tal João Cleophas, que parecia de dever mandar em tudo e mais, no tal Ministério, coisa-e-loisa já bastante distanciada de meus propósitos e pormenores, pois que eu queria mesmo era a direção da Tijuca, com o que botei empenho e fito em aproveitar a sapiência que detinha o Zito das trajetórias possíveis e melhores, no Rio, lá, e me vi – depois de algum tempo de boa-vontade dele e perambulação nossa – e fui

por ele deixado com mala-e-cuia instalado numa pensãozinha de requintadas maneiras, nas proximidades da Praça Afonso Pena, isso, bem claro esteja, depois de ser saudado na veemência de quem dá desejo do melhor da boa-sorte na busca do emprego e carreira, que era o que acreditava firme e piamente o Zito de Cunha estivesse eu à-busca, após de escutar alguns comentários meus de nebulosas feições apenas insinuando o possível dessa empreita de empregar-me. E lá se foi o Zito, aquele, de Cunha de nome, e lá fiquei eu, atoleimado quase pelo barulho insistente dos autos se deslizando céleres por ruas e mais ruas, feito fosse como uma água correndo em seu borbulho sem cansar-se nunca demais de si.

Eu tinha, claro e certo e líquido, o endereço do Boanerges, amarfanhado no junto dos dinheirames que trazia em saco acosturado no por-dentro da calça, como sempre ensinou à gente a fazer a avó Joana João, no que alguém se dirige a cidade de grande tamanho e esconsos procederes. Instalei-me, então e assim, na pensãozinha, *Iemanjá* de nome seu em evidente placa à frente em fachada posta, indicada que fora e já de há-muito reconhecida pelo Zito, em outros casos e vezes em que por lá estive na injunção de se permanecer por mais de dia. Dela, a dona? Era mesmo a pessoa de mais estranho modo que se havia de inventariar, mesmo. Mas não insinuo um nada de falsos passos em proceder seu dela, a proprietária, de nome Leda Máris Ribeiro, nada mesmo disso não digo nem afirmo nem desconfiei, no quando todo em que lá estive. As esquivanças de seu jeito e modo vinham, primeiro, era sim das vestimentas de que se recobria, os muitos panos amarrados e enrolados em seu corpo e feitos de leves rendas fininhas mas que, postas umas sobre as outras, à moda de lençóis se justapondo muito em uma só cama, dava-lhe a ela seu ar de lembrar-me no imediato aquela Esmerência e toda sua ciganice provada e aprovada. Segundo, vinha o espanto de estranhezas com que arremedava na fala as inflexões de coros e cantos recendendo a velhas igrejas, feito fosse uma algaravia de

cuja significação não se atinava com mais do que pequena parte, a outra toda porção restante da fala dela era mesmo para não ser entendida, ao menos naquele átimo e no ato do dizer, deixando quem a escutava na missão de ficar reecoando seus sons e palavras até dar-se com seu sentido certo, mesmo talvez anos bem depois! E mais ainda, não era?! que, nos avessos seus, essa Leda Máris ia ainda mais fazendo lembrar essa mesma Esmerência?! E vejam se não!, bem percebam que o verdejar dos olhos da cigana ribombava no pretume de azeviche da Leda Máris, essa, e o enveludado da pele do rosto e dos braços daquela respondia na velhudez vetusta, de gretas e rugas marcadas, da pele desta! Era no exato o contrário uma da outra! E ademais de ainda, exercia a Leda Máris o ofício de ledora de baralhos e figuras, taroísta de mão cheia sempre das cartas e boca repleta dos dizeres de avançar tempos e recuar sapiências. Ao menos foi o que pude aos poucos ir dela tirando, nas noites em que, farto e esfaldado das muitas esforçadas andanças pelo Rio-de-Janeiro, retornava eu àquela *Pensão Iemanjá*. Contou ela, então, seu muito, louvou suas hábeis artimanhas e jeitosidades todas, disse da quantidade de gentes fortes de governo que vinham se dar à consulta sua, em altas horas disfarçadas da madrugada. Um dia lá desses, mesmo tentou ela ler nas cartas a sorte minha ainda a-vir e o que se revelava de fato passado e devoluto com pessoa minha. Mas, no-aí de isso tentar bem e muito, foi aí que ela se viu em palpos-de-aranha como nunca dantes mesmo nunca, que as cartas saíam em mais desfeita impossível ordem, não dando a ver nem o que seria no em-dentro de cinco minutos. Ao *Valet de espée* se seguia no imediato a *Reine de bâton*, trazendo pela mão o *Chevalier de deniers*, arrematada pelo *Le jugement* e vindo então depois o Pendu acossado por uma carta *XXI* sem nome, e assim pelo adiante, a cada uma nova que surgia e caía na mesa, a Leda Máris via era mesmo o contrário da anterior e, nesse uma tirar o que dava a outra, viu ela que nada sairia mesmo de naipes e figuras. Tentou, então, dias depois disso, retomando em si a forte confiança que dizia

sempre ter, meteu-se essa Leda Máris a perscrutar mãos minhas e linhas suas respectivas, em busca de dizer o que as cartas haviam escondido de peremptório modo. Mas, de novo, outra vez era como se um largo e rombo arado houvesse lavrado palma e sina minhas, tirando e obumbrando de cada linha o que pudesse ela fazer brotar de senso e medida. E nada também então não via ela ali!, mesmo, para desapontamento completo de si, Leda Máris! De mim? Nada coisa alguma nenhuma, que já estava eu avezado a isso e tudo daí.

E falava eu? acima das muitas esforçadas andanças pelo Rio-de-Janeiro? Sim, mas ainda não afirmei certo e raso que eram e foram mesmo inúteis de tudo e no todo. Claro evidente que eu me estribava no que pôde me aprender o Boanerges, solícito sempre no sem-cerimônia com que recebia a todos e com que me convidou a entrar em casa de filha sua onde habitava, já no seguinte do dia em que o Zito de Cunha a mim me deixou instalado hospedado recomendado na *Pensão Iemanjá*. Lá fui, sim, fui à casa dessa filha e desse pai, a ver se colhia os dados e os fatos com que entestar busca, sem o susto de nada ter de ideia a mais mínima de onde pudesse caçar estares e passares do Juca Capucho. Depois do devido cafezinho na hora feito e já servido e sorvido, pouco deixei de espaço e azo a conversas de maior envergadura e proceder, de que dava mostras e provas de evidência de estar sequioso e muito o Boanerges. E bem foi mesmo assim, que tirei dele, como se buscasse outras coisas assuntar e saber, a apenas informação de que, um dia há quase ano atrás, lá pelas onze e meia da manhã, na *Central do Brasil*, no-próximo e no-entrar nas linhas de subúrbio se dirigindo à zona norte, ter ele, Boanerges, visto ao longe o alongado vulto do Capucho ainda sempre coberto de seu chapéu Ramenzoni – como era e foi famoso sabido por todos ser esse o luxo único a que se dava o arrieiro –, e depois ter dele se aproximado para as poucas mínimas palavras de saudação e indagar de saúde, nada mais do específico de destinos e endereços sendo dito e cambiado. Apenas então isso ouvi!, eu que

certo estava de que pudesse esse Boanerges me sentenciar direto o específico de parada, endereço e número até de casa do Juca! No que reconheci que nada mais mesmo havia que daí tirar e saber, já lhe estirei então olhar e falas agradecidas, estendi mão para o certo cumprimento de bons-dias e meti-me no primeiro bonde que me levaria da Tijuca, daquela Rua São Francisco Xavier, à Estação aquela. Se só tinha desse parco de dado e desse muito de dano, não havia mais que fazer a não ser o perseguir tal miúdo e pouco de que era ao menos sabedor. Pelo sim pelo não é que, então, lá eu fui, que era talvez e quase provável tivesse o Capucho alguma certa rotina de tomar, pelo necessário de visita ou compromisso, o mesmo trem à mesma hora, só não atinando ainda eu que até pelo dia específico da semana podia ele se pautar então! Mas, mesmo nisso acabei vindo a pensar e executar, pois, dia após dia e nas bem seis ou sete semanas em que lá consegui ficar no espremendo cada conta e gota do dinheiro meu, tive o tempo de muito e mais que necessário. Mas, fato foi, e para só resumir, que dia após dia e semana depois de semana, nada vi nem de longe ou leve parecido fosse algum estranhoso capiau, do Rio-de-Janeiro inteiro destoante com o carregar chapéu de evidências outras e longes costumes. Ao início, ainda tive bons tempos de mal-fundada mas porfiada esperança, quando levantava no bem-cedo, o café com pão-com-manteiga tomava na Pensão, e me punha ao caminho da *Central*, onde restava quedo atônito por horas a fio, mal comendo – à hora do almoço, bem tarde por volta do meio-do-dia – um sanduíche de mortadela mal ajambrado e pior ainda armazenado, trazendo pelas crostas do pão e pelas beiradas da carne certamente alguns rastros das moscas muitas que por lá voejavam. Mas nem com isso me importava, apenas ao ofício de assestar atenção e olhos aos passantes todos é que eu dava meu empenho e seus merecimentos.

E assim foi, desse jeito e maneira, que passei as horas todas e seus dias respectivos, enquanto estive naquele Rio-de-Janeiro indo à *Central do Brasil*. Até comigo vieram uma vez me falar,



um sujeito mau-bofejado da Guarda-civil e que chegou com inquirições e perjuros, sem que eu tivesse mais de mal nada a fazer! Expliquei-me a ele, no que devia e achava justo, também por não arrancar arenga que de minha vontade e projeto me desviaria no-certo. E, ainda que desconfiado, até que o tal cujo sujeito acatou as explicações que lhe desferi, mesmo porque pôde então ele verificar que de-vera ficava eu no-esperar apenas, olhando sem conta de tempos aquele horizonte de gentes onde nada parecia se descortinar anunciando meu Norte. E voltava no final da tardinha, vazio de mãos e notícias, apenas no teimando e mantendo a tença de ser o dia seguinte diverso do que foram os seus todos anteriores. Mas, é claro que aos poucos fui me dando por ciente do disparatado do caso em que me metera inteiro. Às noites, ao chegar, comia meu pouco da sopa sempre disponível na Pensão aos hóspedes de mês, como exato me havia eu me tornado, e ia para a cama, naquele quartinho pequeno ínfimo, de apertadas paredes e escassos ares, mas que tinha a vantagem de caber só exata uma cama e suas poucas mobílias, o que vinha por evitar a companhia de estranhos desconhecidos, a que eu nunca na verdade fui lá muito afeito, mesmo pensando naqueles tempos de guerra passados por que passei. Tirantes, então, minha pessoa só e apenas, o que havia? Paredes de encardida caiação de anos muitos já depassados, donde tirinhas cinzas de teias se despenduravam e a que aranhas nenhuma nem mais se agarravam, fio elétrico melado de velhas gorduras descia do teto escorrendo pelo ar bem ao meio do quarto e terminava em comutador feito pera e que teimava em ligar ou desligar a débil luz da lâmpada apenas na terceira tentativa ou primeiro aperto raivoso dos dedos, um armário apetrechado de seus todos cupins e que acumulava mofos de toda sorte e olor forte de fechado sempre estar e expondo vazios que as poucas roupas minhas eram incapazes de preencher na totalidade, criadinho-mudo ao lado da cama com pé penso e amolecido e guardando na gaveta única sua um velho caderno-borrão, cheio de curiosas coisas e lá esquecido

há anos por hóspede outro antigo, além da cama toda pequena estreita e coberta por lençóis puídos que malmente escondiam as ainda sujeiras debaixo de forte cheiro de *Q-boa*. E era aí, nesse quarto desse jeito, à noite, que eu buscava recompor o que fora, o que fui e o que havia sido durante o dia transcorrido, quando me deixava no divagar de sina e sono, meio que indo de uma a outro, de outro a uma, tecendo nesse vaivém algo como um rosário de melancolias, eu que nunca me dera por rezador fiel credor, mesmo naqueles tempos de morte roçando nossas fímbrias de vida, lá na Itália, mesmo aí nunca me deixei convencer por histórias loroteiras de almas salvas e perdidas, pedidas preces por padres e santos. Mas me vi então rezando o que era possível dessa oração minha, sem que isso pudesse mesmo me afastar da tristeza acabrunhante que me ia paralisando vontades e certezas. Mesmo abalada e muito ia ficando a fieza e segurança do que queria eu, pois que não havia mesmo! meio maneira de topar com quem de mim tivesse alguma certeza, e só conseguia era ficar olhando para o dentro meu sem ver nem saber o que lá se encontrava! A noite era então povoada por agastamentos e paúras, mas nada dos fantasmas e assombrações e mulas-sem-cabeça da infância, que ouvíamos, respeitosos de medo, nas conversas entre a criançalha na casa-grande. Nada disso coisa nenhuma!, que o sobrosso enorme vinha mesmo era de ficar diante de mim sem nada ter a ver, falto que era e estava do quê, e de quem me havia dado um mundo e o muito de mim! Já senti alguém?! o que é essa coisa de ficar na noite sem sustentação mais do que o querer pôr-se a dormir, mas sem conseguir dar com bom escorreito sono, pois que nos atormenta o corpo e esvazia a alma essa certeza em nós que se esvai, como fosse sangue escapando por ferida bem aberta por mal dado golpe de punhal imigo?! Na noite, nela, não havia mesmo como escapar de mim próprio!, mas é que nesse em-mim faltava o exato contorno meu mesmo, e me vinha então aquela sensação de susto sem sustância, de tragédia definitiva porém demais de ínfima, de perda do que nunca tive! Era o que

eu me dizia ou experimentava, a cada vez que ouvia o carrilhão do relógio-de-mesa da *Pensão Iemanjá* tocar as horas inteiras, e a toda vez que oscilava entre o dormir e o doer, em que fechava os olhos e os punha então inteiros todos sobre minha pessoa, até que o cansaço do estar de pé o dia quase todo vinha me entorpecer de vez e dar-me o seu refrigério até a manhãzinha, quando que acordava por usança velha adquirida lá da fazenda. Depois de muito perambular à roda da pessoa minha! sem préstimo que fosse ou houvesse e que jeito desse de entabular saída para aquela amofinação inteira!

Até que deu-se o definitivo cansaço e armei bagagens e decisões de volta a Silveiras, tomando, naquela mesma *Central do Brasil*, trem até Cruzeiro e, daí, pegando lugar na jardineira que, sempre lá pelos fins das tardes, fazia a ligação de cidade a outra, pulando e parando aqui e ali, nesse périplo repetido sempre a cada dia de todo mês e que só vinha mesmo a conhecer parada era em Arapeí.

## Muitos morros e montes

Daquele Rio-de-Janeiro, lá, então, desci em Silveiras, finda essa uma jornada, e que expus a quem dela então me indagava como tendo sido metade baldeação, metade férias, em algum caminho meu entre o nada e a coisa-nenhuma. Mas claro! que essa última constatação guardei cioso somente para eu próprio! Pretextei vexos e impossibilidades de toda ordem e feitio, para dar conta de pretenso fracasso meu em instalar-me total, com certo e garantido emprego nas capitânicas do País. Verdade também é que ouvi alguma arrelia dos mais próximos familiares, por não ter levado carta ou que seja mero recado endereçado ao politicame devido e conhecido, que só assim um se ausenta de dificuldades no obter cargo, função e salário.

Mas mente minha estava era em outras instâncias, pelejando em si e contra muito por porfiar em manter-se quieta em sua solicitude para com a vida, e distância boa para com as demais pessoas. Mas repiorava mesmo era a situação em que me encontrava, hesitoso ainda e sempre e mais entre ficar e sair, sentindo as cada vez maiores aproximações de Lunaflor Rosália, nessa parece empreita de pôr as suas no lugar das secas solitudes da avó Joana João, mas sem evidente tento ou tino com que pudesse eu acatá-las, que no mais das vezes preferia ela entabular conversas moles sem dar azo e jeito de eu enfiar alguma pergunta mais séria direta que – ela podia bem saber! – esperneava em minha goela pronta e perfeita para sair aos ares da evidência toda. Ou então ela, a mesma Lunaflor Rosália, se

deixava ficar em silêncio reto, acompanhado apenas do meu que-fazer inventado e algo desnecessário – pois que os camaradas da fazenda lá estavam para o seu próprio ofício deles –: amarrar um garrotão já crescido para em seu sobrecouro meter o *Neguvon* com óleo-queimado e matar bicheiras nele instaladas, jogar creolina no chão do quartinho-de-arreios a fim de exterminar população de piolhos lá fazendo casa, arrancar pés ressecos e há dias fanados de milho nos fundos do quintal da casa-grande, verificar grampos tortos quase arrancados saindo dos moirões da cerca do mangueiro e amolecendo seu arame-ferpado... De fato e na verdade!, eu caçava no fora o que não encontrava alhures, era isso! E apenas ia sentindo a morna presença dos olhos da Lunaflor Rosália inspecionando meus gestos e jeitos em aprumar, molhar, aplicar, arrancar, pregar, endireitar tudo que me caísse à mão ou sob os olhos, mesmo metendo o mais empenho para apagar do bem dentro imo meu o traço fundo dessa ponta-de-agulha que rascava minha vontade de ser. E foi assim, bem desse modo fui eu e foram todos os demais nos dois ou três anos seguidos a minha viagem ao Rio-de-Janeiro. À-vera, mesmo no duro, nada há muito que contar ou dizer desses dias, que um igual ao outro torna tudo uma coisa assim insossa e solene de platitudes.

Platitudes e ninharias? Mas nada mesmo!, que nem faço a bem o enganar-me eu a mim próprio, mesmo forcejando à marra em teima! Daquele Rio-de-Janeiro duas coisas eu trouxe, na palma e na alma. Do quartinho de acanhados espaços e pouquidades exíguas de mobília, acabei botando na bagagem o caderno-borrão no criadinho-mudo esquecido e deixado, caderno de caligrafia com curiosidades candentes e que arrastava vários escritos, sendo que dois deles me chamaram muito bastante atenção. Uma delas? Era mesmo frase meio longa, espevitada de antigas letragens e atavios, mas me deixando com meu tanto de espanto com a semelhança que apresentava ela para outras já ouvidas e guardadas em fundo proceder de silêncio. E era, mais ou menos no exato, algo assim como *Todos os que ahí estam, algum dia em dous suas*

*vidas teram & tiveram de o aso meter colher em pendores ardores & perigos rebuscados de esforçada gente, ofenderam a mexer & para ousar ancestrais de costumia no anima, que nos esconsos a aproximaçam de fogo, e amorosa.* A outra escrita era um finório latinismo, coisa de padres mas sem a evidência da religião alguma e que fazia constar, em página só contendo e mesmo cabendo isso só e que era um algo assim *Basilica chymica, continens philosophicam propria laborum in fine libri additus est eiusdem autoris tractatus novis de signaturis rerum internis* e que me acordava bastante do que um dia me disse e dizia avô Josefo Pereira Mendes, mas, motivo por quê, não sei e nem quis mesmo muito assuntar. E mais ainda teimava circundando minhas prementes memórias – das coisas e de mim e dos próximos – com uma das cartas aquelas do tarô e exibidas pela Leda Máris, a do *Pendu*, que transduziu ela no como sendo *O Enforcado*, mas que, pelo jeito e gesto seu lá da imagem, e que era bem e exato um moço dependurado de seus pés-p'ra-cima, se figurava para mim não podendo ser outra coisa a não ser o Tio, aquele Eli, em seu fatídico fatal dia último de vida sua lá dele, até mesmo na posição definitiva de que se lançou ele, o Tio, da cabeça para-baixo, da sapucaieira, e de onde, de seu lado, se assinalava com modo ladino aquele *Pendu* ainda mesmo dependurado. E fato foi que durante bastantes tempos, talvez todos que transcorreram no daí-em-diante, lembrei-me eu disso e mais, menos para encontrar imediatas respostas e vias, mais muito para ficar acariciando, no recordar, a atenuada imagem do Tio, Eli, e do que teria sido e feito ele, naquele tal e tanto dia...

E saberia eu? um dia aonde me levaria certo e escorreito essas impressões e instintos? Nada não!, sabia mesmo coisa alguma!, no agora em que pensava em carta e pensão, naquela ledora Leda Máris, nos dias de Rio-de-Janeiro e na busca pelo que não se portava nunca ao alcance de saber e entender eu de meu! Feito como fosse, eu apenas habitava certas as dúvidas, e pretextava o seu tempo devido para adiar conclusões a que não chegara nunca ainda. Espinhos de minutos, era como se transcorriam os dias,

exatos iguais uns aos outros, no inevitável descer de morro-abaiixo em que se convertera a mediana existência de todos da casa-grande.

E foi quando, ao cabo desse tempo, esse de dois quase três anos passados transcorridos desde chegada minha do Rio-de-Janeiro, tive notícias outras, mais corretas, parece, que as da outra feita, e que davam seguro indício daquele fugento esconso Juca Capucho. Dessa vez, deram voz de ter sido ele visto pelos lados de Maria-da-Fé, isso é mesmo o que foi que me disse, garantido e firme, um tal de Olavinho, Olavo de Barros no exato-todo e só, mestre de obras carapinas e bom especial no de-erguer telhados com que se empregava ele em construções e consertos pelas fazendas afora, tendo até fama escapando do Vale-do-Paraíba e chegando às raias do Sul-de-Minas inclusive no Estado-do-Rio.

Olavinho foi mesmo positivo e claro, dizendo no por-alto das palavras suas que estava ele ido e embarcado foi em empreita de erguer mangueiro novo em Maria-da-Fé, sul bem de Minas e próximo bastante de Itajubá onde lá ficou por uns dois dias se tanto, à espera de condução e estivesse abrigo pronto terminado para o trabalhame seu a que se enroscava direito e aceito, esse de fazer subir do chão um mangueiro com ao lado casa de comer para gado e mais ainda ao lado lugar de pôr lavagem para porcos e, tempo e madeira dando, algum cercadinho para galinhas e patos, em propriedade demais de grande imensa, de um tal e certo Senhor Doutor Querêncio Terra, dos Terras esses de Ouro Preto. E era fazendão atarantado de muitas reses a perder de vista e o monte de pés e pés mais muitos de café ainda produzindo suas rubras bolinhas como de gude fossem. Itajubá era para ele então pouco mais que pouso apenas e, uma vez de vez embarcado em caminhão adrede empreitado para o transporte de material e mestre de carpintarias, foi-se ele Olavinho carregado em armas-e-ferramentas para o interior dentro de Maria-da-Fé, e lá ficou-se entregue à faina e à sua, sem que deixasse de pôr, de quando em quando, seus pés e de correr seus olhos pelos arruados limpinhos da cidade, transitando por sobre silêncios de fim-de-

tarde e começos-de-noite malmente quebrados por cantoria de galos cacarejar de galinhas latidos de cachorrada soltos berros de moleque apregoando à venda puxa-puxa ou manjar... E nisso se interrompia o recontar, esse Olavinho, nem adivinhando meu interesse nenhum que se ia tornar grande imenso ao ouvir menção a Juca Capucho, a seu nome, no transcorrer dizer da história narrada. Se interrompia, então assim, o Olavinho, para devida ínfima talagada de cachaça a fim de remolhar goelas e memórias, diante de chusma de ociosa gente, no bar de Dito Feitosa, ainda lá no Bom-Jesus, todos quase curiosos de conhecer os meses de ausências em que se pôs ele deambulando pelos exteriores de Silveiras, esperando esses quases todos que ele achegasse à conversa alguma aventura de moça e cama. E pois, foi aí, depois de um gole dado e sorvido na cachaça, bem aí que ele deu nos dentes com o nome do Capucho, no enfeitado casual que o levou a fazer menção ao dito e cujo, que estava e tinha passado por Maria-da-Fé, portando aqui e ali em casas de antigos conhecidos lá dele, Juca, dos tempos idos antes, de suas perambulações de tropeiro de anejos destinos. E que podia eu?! mais fazer eu mesmo e próprio, senão também perambular tergiverso entre ouvir e sair, entre escutar toda completa história indagando porquês e comos e de-que-jeitos e ondas e quandos, ou esgueirar-me como se nada tivesse a querer de saber mais de Juca nenhum coisa nada nenhuma?! De fato, aliás, nem sei – agora falando – como foi que ainda suportei o pesadume duro de de-novo ter expectativas, de ainda supor na alma e ter de segurar como na mão o gume acintoso dessa possibilidade de achegar-me ouvindo as verdades ao Capucho. Seja como fosse, nem bem mal percebi e já espichava olhos ouvidos e atenções para cada letrinha que saía da boca daquele Olavo, no especificando ele ter visto o arriero e com ele falado largos minutos, talvez mesmo até por horas tenha sido, trocando notícias de conhecidos e parentes, embarafustando a conversa por distâncias e proximidades dos ofícios dos dois ambos, dando-se notícias de quê por lá operavam,



acrescentando os depois que cada um intentava de se fazer. E foi bem assim mesmo que vim a saber que estava o Juca em trajetos antigos de tropas suas, buscando passar pelos de Minas-Gerais e, nos traveses da Serra-da-Mantiqueira, no provável em algum ponto entre Cruzeiro e Queluz ou Barra-Mansa, buscando depois a passada outra pela Serra-do-Mar, via Bananal ou Lídice, e subindo novamente e de-novo descendo com a devida volta à antiga casa sua lá. Desdita toda era essa minha, que novamente de-novo não acostava a nada de-mais certo nem de-menos obscuro, de que esses perambulos das palavras do Olavinho e dos passos pretensos do Juca Capucho.

E era mesmo então nada de coisa nenhuma, não!, de endereços e nomes de logradouros, como sói sempre de ser no normal das gentes, que todas têm lá de seu as ruas em que moram, as casas em que vivem, os pais para que olham direto ou que choram se mortos estão, mas nada disso eu tinha, e nem sabido endereço do Capucho eu conhecia. E se quisesse ir atrás até do que nem ninguém muito mais sabia, tinha mais era que esquecer essas ânsias minhas todas e me meter nos passos e rastros do outro ora contados pelo Olavinho, ensimesmar-me pelos caminhos desse um só e mesmo, o nomeado Juca Capucho e que ainda havia! ora se havia! de me dar nome só de meu próprio! E tinha eu então de meter-me em percursos dele, assuntando as pessoas que o teriam visto, buscando alguma réstia de sua fala, uma rala menção de destino, o acaso de ter esse Juca entregue a alguém recado ou carta no devido do endereçado que era ainda para mim o certo insabido seu. Tinha fim?! algum dia esse périplo meu, sempre em cima do dos outros feito e tentado?!, sem que nunca nada de meu próprio fosse ou acabasse sendo?!

E fiz que ia e mesmo acabei indo de-certo e cedo, o mais possível, entestando caminho à reta em frente de minha persistência e atrás do que tinha escutado do Olavinho carapina, Olavo de Barros, daqueles Barros moradores velhos da Rua do Tijuco, em Silveiras. E seguindo suas histórias é que seguia eu,

erguendo já no ar projetos e atavios meus próprios e que talvez ele, pragmático que era, obstinava em meter de-pé e à-vera, que entre castelos no ar e telhados de mangueiro há quase que pouca nenhuma diferença, quando se bem olhados nas certas distância e maneira. Aprazei então empréstimo, dentre as muitas que na fazenda havia, de uma mulinha marchadeira, a Guaraná, boa e certa como quase nenhuma havia e há, ruça de pelagem e boa de ritmo sacudido em trote, muni-me da patrona cheia de algum come-e-bebe, fiz, já a caminho, a devida retirada de pecúnia dos cabedais de que ainda dispunha na Caixa Econômica, em Cruzeiro, e enfiei-me definitivo à busca do que nem mesmo muito sabia. A Lunaflor Rosália nada nem se quis ouvir de explicações, antevendo o enrosco de palavras que me faria produzir, dando-lhe a ela para escutar o muito, para que dele saísse um nada de entendível. E foi assim que fui fazendo que não ia, exato e certo para ir, circundando distâncias, antevendo volteios e paradas, querendo contas e medindo as vontades, tudo e tudinho como se apenas fosse para não parar-me em vida antes do tempo e tentando nada não antepor do que sobreviria à descoberta dos exatos vestígios do Capucho, esse Juca.

De Silveiras até Piquete, foi jornada de um dia puxado corrido: saí no comecinho da manhã, da casa-grande, tomei rumo de Cruzeiro, onde parei alguns minutos justos para a retirada do dinheiro, como acima disse já, e toreí então para Piquete, aonde cheguei no findarzinho da tarde nessa indecisa hora entre cachorro e lobo, no tempo de buscar um quarto que fosse em pensão ou casa-de-família assim disposta a acolher-me, ou até mesmo em desvão de sacristia de igreja topava eu ficar abrigado. Mas o tempinho mesmo que gastei, antes de encontrar pouso e acolhida na assim chamada *Pensão Morro Velho*, foi de subir ainda um pouco a estrada e os primeiros espigões da Serra-da-Mantiqueira, com sua cerrada mataria de muitas diferentes árvores e flores e cheiros e pios de variados passarinhos, aberta aqui e ali por pastos de variados tamanhos. Bem lá do alto, a rarefeita luz

da tarde já coava uns inícios de névoas, mas deixava eu ver os rasgos esparsos de alguma cidade e vilarejos, e a cicatriz aquórea do rio Paraíba se mexendo em seu lugar mesmo de sempre. E era bem lá do alto que os apovoadinhos de Piquete se mostravam inteiros em sua estreiteza mansa, quase a pegar da mão, ofertos à contemplação em seu fechamento em quase-silêncios, postura que parecia se modificar um tantinho de nada à medida que se ia descendo a Serra em direção outra vez ao centro da Cidade onde, já disse e repito, encontrei aquela *Pensão Morro Velho* em que me abriguei depois de livrar a Guaraná de cabresto, arreo, baixeiros e rédeas, dando-lhe o devido milho a quebratinhar entre os dentes. E mesma *Pensão Morro Velho* de onde saí mal antes de o Sol se pôr nascido e clareando os cumes e picos da Serra-da-Mantiqueira, na manhã seguinte do dia depois. E saí, foi mesmo é ainda levando as levianas impressões de bem? mal? dormida noite, que tinha eu sido acordado lá pelas quatro-horas, se tanto, por sensação de queda em vazio de espaço, despenhadeiro que o sono parece montar para a gente cair de dentro dele para o acordado cá fora, essa uma vertigem de sentir corpo lançado jogado por si de só e saber-se meio estremunhado carregando restos de sonho ainda nem bem acabado, e que no caso sonho era com Lunaflor Rosália dizendo três palavras que eu não havia direito ouvido ou de que não me acordava mais mesmo não!

De Piquete, fui subindo a Mantiqueira, em direção a buscar a rota daquela Maria-da-Fé onde não tinha mais Olavinhos de Barros nenhuns, mas onde deveria de haver algum laivo de passagem do Capucho por lá. Mas era percurso angustioso de viradas e subidas súbitas, esse agora, com cotovelos de morraria apontando num só tempo p'ra riba e p'ra baixo, tanto tão disterso que levei a toda jornada inteira para dar conta e cabo de léguas tão poucas fossem na planura lá no-embaixo do Vale-do-Paraíba, esse que, às minhas costas, se ia dizendo e se deixando longe. Pois não foi?! que apenas somente lá pelas quatro da tarde é que entrei definitivo e certo em Wenceslau Braz, descendo da mulinha

Guaraná?! e, pela primeira vez em horas muitas, botava firme e rijo os pés bem no rés do chão daquela Vila. A hora exata? Nem talvez não fosse essa uma aí, das três-horas, mas no certo não era mais de quatro, que se podia escutar, aboiando o silêncio da tarde já quente, enquanto eu entrava na principal rua se podia ouvir, então, nos dentro das casas a chiadeira dos aparelhos de rádio sintonizados na *Nacional* e dando os estertores todos dos sofrimentos d'*O Direito de Nascer*. Nem lembro ao direito quem falava, personageando-se, mas era alguém que se queixava do muito que havia tido de ocasiões de lamuriar-se, uma moça no então se dando a amores rápidos com outro, para dever de esquecer um primeiro e fatal que lhe havia marcado a vida dela e a futura-p'ra-logo-depois morte dele para todo o sempre. Claro e certo mesmo é que não peguei isso nos instantinhos em que trafeguei no rente do chão daquela Wenceslau Braz, descido que estava da Guaraná por fito de descansar os lombos de ambos nós dois, mas sabia já do muito das idas-e-vindas dessa história no rádio narrada pelo falar infrene da gente mulherio lá da casa-grande. Wenceslau Braz? Pois foi ficou só nisso mesmo, que o maior atravanco foi ainda arranjar teto sob que me arrancar direito e protegido dos serenos da noite, e onde foi que tive mesmo é que apelar para o conhecido nome de avô meu, Josefo, e obtive permissão do Padre de lá, de Wenceslau Braz, aquele francês velho Padre Terroir, que apenas atestou que *Clarrô qu' s'nhôrr pod' ficarr, iss' m' fais bastant' prrazerr*, e me deu apontado um colchão de palha num canto da sacristia, sob o dever imperioso de pôr-me de pé até antes das cinco da manhã, que era quando chegava sacristão para os acertos da primeira missa. Dito e feito, apostado e ganho, mal entrou porta adentro o dito sacristão, até hoje para mim sem nome, saía eu porta afora, já botando mãos em arreios e apetrechos e pondo-me então em caminho e rota de continuar a ida e a chegada àquela Maria-da-Fé.

Mas antes, ainda havia de ter a passagem pelo Itajubá, grande cidade de casas muitas e demasias de gentes se enroscando

pelas ruas... Mas nem pense! que ela se dava e mostrava desse jeito e jaez desde o início em que lá se entrava, nada não! Era aos pouquinhos que se atinava com o tamanho desmesura das construções ajuntadas, o farnel ruidoso já das habitações e os pregões de vendas barulhando ofertas por aqui e por ali. Mas, bem no antes de a isso se chegar lento e evidente, se ia descortinando os vestígios da urbanidade: casebres de pau-a-pique que apareciam aqui e ali muito raramente, iam se dando mais amiúde e alguns chegavam até a trocar a parede de barro-e-bambu pela tijolaria, além dos raros passantes em rasos instantes que iam se deixando ver cada vez mais numerosos e demorados. E algo antes de ao centro chegar, sua légua e meia, até mesmo vim a topar, nos fins da área rural do município, no rio Sapucaí, que a cidade corta, melhor-dizendo no seu ao lado, do rio, esbarrei foi com um ajuntamento acampado de ciganos, como já conhecera há muito lá na minha Silveiras de outros tempos. Era também finzinho de tarde e, passado pouco bem logo após o provisório sítio dos ciganos, demandei mais espertos passos da Guaraná, entestando de chegar o quanto antes à cidade à-vera, para tempo ter de buscar a de-sempre devida acomodação onde descansar quartos e quinas. E foi quando passei pelo alto da ponte no rio Sapucaí, vistosa construção de madeira boa de-lei de durar seu bom século e mais não havendo cheia e enchente que a leve com seus contrafortes, e foi bem aí, transpondo a ponte, então, que entreouvi e soslaiei moitas se mexendo em estranhas demasias no ao-lado dos baixos do vão. Sopitei a marcha da mula, parei mesmo de vez evidente, e pude então ver os dois daquele casalzinho que se sofregava em amorosas andanças no por-terra deitados. E foi meio entrever e foi dar com as esporas no lombo da besta, que não tinha eu tino nem tento com que atrever-me a interromper devaneios desses tais e tantos, forçando tamanho junto com a montaria que, em três tempos, já estávamos nós eu e ela em pleno centro do Itajubá buscando local de hotel aquinhoado com cama e quintal, uma para mim, outro para a Guaraná.

No dia depois, então o seguinte, apanhei rumo agora de vez mesmo em certeza para Maria-da-Fé finalmente! E, se demorei mais que usual no percurso, esse, era, foi e é mesmo devido ao forte calor que esbatia qualquer vento de seus refrescores e impedia ágeis trocas de pernadas da mulinha. E esse sobredito caminho, então?! Também ele se havia bastante demudado, pois que não mais era, como foi até o Itajubá, estrada de muito uso de gente, mas tinha se tornado agora, como seriam todos no daí p'ra frente, caminho de roça, desses de terra em tempo de seca e barro em dias de chuva, estreito de às vezes somente três braças e máximo de cinco. E, no chegando a Maria-da-Fé, pude, como qualquer podia, ver que era burgozinho meão de não muitas maneiras de pessoas, falto de maiores edifícios, como se mostrava o Itajubá a todos quantos. E a pouquidade de casas assim contemplava a ausência de vento, no que dava esta acrescida colaboração ao calor que invadia as goelas da gente com seu sufocar de ar e pó, tossindo ao revés nos pulmões nossos toda a toada de aflições possíveis que pode aguentar um vivente sem desesperar-se de incômodos. Aproveitava eu o sufoco, esse do calor gritante com que me recebia aquela cidade de Maria-da-Fé, para devanear com lembrares que trazia do menos de um dia ficado no Itajubá. Na noite essa, da véspera em que, já instalado e obrigado pelo pago antecipado em uma das muitas pensões que também por lá havia – estabelecimento de que nem preciso mesmo de recordar nome e razão –, na noite então do anterior dia, fui passear, em meus deâmbulos, pela praça central daquela Itajubá, onde no defronte da igreja-matriz vi quase bem de perto uma cigana, ledora de ofício e lesa de aparência, abordando um homem lá de seus quase trinta-e-quatro trinta-e-cinco anos, tentando empurrá-lo à visão de futuros e passados que nem ele mesmo sabia de-si por-si. E era ela na-certa à-vera uma das que faziam bando com os restantes dos instalados à entrada da cidade. E ele? Nada soube, a menos no nome entreouvido ou quase, no quando a ela se apresentava como dizendo que *Eu? Tupã!* ou será que seria o inteiro nome sendo Entopan?, e ela replicando imediato se dizendo ser a

graça sua que era *Cleóprata*. Fiz que via? Nada de jeito nenhum não, no que percebi do que era se tratava, que dei destravos às pernas e discorri meu andar por outra direção e arruado, pois saberia eu?! lá se não era essa da estirpe daquelas que andarilharam em antestempos pelo Bom-Jesus?! Mas em Maria-da-Fé, no contrário avesso do Itajubá, ciganagem nenhuma não havia. E lá, o que tinha era mesmo nome certo de Higínio Mendes Caldeira, primo perto da avó, Joana João, e que, sendo e estando possuidor de alargada casa a uma Rua das Marrecas, me daria ofertoso o pouso pouco mas necessário a minha por-lá estadia. Assim fiz, assim foi, assim falei ao primo, que nem me conhecia de vista e mal de nome, mas abriu braços e histórias às minhas pessoa e chegada. E dispôs-se a ajudar no vasculho de quem quer que fosse estivesse a-par das andanças daquele Juca Capucho, que, desse sim!, se lembrava ele muito e bem, pelo afamado de seu nome e pelas boas palavras que sobre ele tinha ouvido discorrer prazeroso o avô meu e também meio primo dele, Higínio, o Josefo Pereira Mendes. Mas nem nada ninguém, mesmo com a inquisitice sestrosa daquele Higínio, meio nem jeito houve de saber o por-onde vivia o Capucho, e o que pudemos nós e pude eu recolher, nadica de coisa alguma acrescentava ao que eu já escutado havia daquele carapina Olavinho, que tinha o Juca por ali passado em quista de reaver andanças lá suas de tempos-idos e que restava é sim a mim que porfiasse eu, motivo que fosse e tivesse, em seguir suas trilhas e jeitos por aquela serrania toda lá da-Mantiqueira, se quisesse instar mais de sabidas informações do que as que me obsequiavam todos de Maria-da-Fé. E foi no-exato o que foi e o que fiz, nem ficando então naquela cidade mais do que o par de dias necessários a saber que nada dali eu saberia não, e que eu tinha mesmo mais é que esprear as palavras que tivesse de si largado aquele Capucho nos pousos e parlas que tivesse tido em dali em diante em viagem lá sua por aqueles lugares todos.

Toquei então adiante de Maria-da-Fé, dirigindo rédeas, estribos e esporas na direção do Lourenço-Velho, povoado que era para onde me disseram ter o Juca Capucho se dirigido, mais

ou menos à mesma horinha de bem começo da tarde em que eu também ia, agora na tocada macia da Guaraná, Sol quentando o chapéu na cabeça e cada grãozinho de pó – brilhosos todos, até parecia – que reverberava por isso na estrada-de-terra no diante-de-mim e na mataria luzente como de-novo no entorno meu. Essa ida ao Lourenço-Velho era de fato à-vera um meia-volta, pois se tratava de repisar parte do caminho já trilhado e que levava do Itajubá até Maria-da-Fé, ao meio a dizer verdade, quando se enveredava e enveredei às esquerdas e tomando alfim a estradinha para o Lourenço, aquele. Cheguei ainda com tarde por terminar, a tempo e disposição suficientes para apreciar a pacatez do ajuntado de casas, com a pracinha chamada de São José e sua correspondente igreja, estando ladeado à direita pelo cemitério da cidade, e dos mais caiadinhos e livres das ervas que já vi. De onde me instalei e dei algum descanso à Guaraná, foi na ponte do rio de igual nome, que era este também batizado de Lourenço-Velho, e onde usavam as pessoas se ficarem no que estavam desprovidas de serviço a-fazer, escutando atentas as dadas lições no prédio acanhadinho de janelas que era o da escola, onde se percebia meninada atenta e empenhada no sério ofício de aprender a ler o hoje-agora deles nas letras e figuras de velhos livros sebados pelo tempo e maltratados pelo uso de si e de outros, sendo eles, alunos, levados na ponta da língua e das ideias pela professora que, segundo o tom e altura da voz devia, era de ser bem moça, e me dava azo até de pensar na boniteza que podiam ter seus olhos e a levez mestra de seu corpo ensinante. Foi aí então que, na ponte, nessa do rio Lourenço-Velho, deixei-me lá um bom algum tempo, até que um primeiro anúncio de friadeira de começo de noite veio me despertou dos devaneios em que estava. E estava mesmo eu é muito longe, que, das falas daquela criançalha que aprendia a ler pela outra, a moça de circunspecta séria voz, fui devagar divagando até a escola do Bom-Jesus, e de lá saltei fácil e lépido para tios e avós e primos e assuntando fiquei boas profundezas, assentindo até comigo mesmo nas conclusões e



lembranças que ia destecendo e amarrando como cipó cordoal do que eu ia fazendo e tramando naquela minha empreita e percurso. Do Juca Capucho, me lembrei!, nem não!, claro que lembrei!, mas botei recordo mesmo foi no modo como eu tinha, até ali, ouvido dele falar, mais aliás em dois momentos que só agora eu via jeito a poder explorar e dar-me por entendido, justo por estar no-longe de casa, e que era naquele Lourenço-Velho. O primeiro, foi na volta do enterramento do Tio, Eli, quando ouvi os tios e tias a ele, Capucho, se referirem, e acreditei muito era ter ouvido um *bater-lhe*, mas o que tinha vindo depois, algo como deixou *ele e foi-se* não dava liga nem grude com o antes falado. E foi aí, bem aí foi que tive a conclusão de que podia muito que bem não ser mesmo bater-lhe que eu tinha ouvido, mas um mais evidente pai dele, o que até se atinava com o súbito silêncio sério que, no quando me viram entrar na sala, tomou conta e jeito da conversação dos tios e tias lá! E isso mais ainda se afinava àquele sequente *deixou ele e foi-se!* E isso com o que me havia dito insinuado direto o avô Josefo. E esse, ah!, esse avô, então!, também me havia negaceado com suas falas cada vez mais raras de seu fim-de-vida, tendo o acobertante atordoado do adoentar-se para pôr porta e tranca no que queria e não queria dar-me por revelado e claro. Mas, na Santa-Casa de Cachoeira, para aonde foi levado em vias de morrer direito e remansoso, o avô Josefo Pereira Mendes, na última vez que o vi, muito acamado, mal conseguia ter ar e voz ao mesmo e um só tempo, e é claro que preferia ele o primeiro a dever de usar a segunda para dizer, ele que parecia nem mais saber a que servia a fala de alguém. Mas, quando me viu ao-perto da mão e no alcance de som seu, lembro agora, bem, muito, que me puxou como que de lado e soltou, fracamente e quase atono, o que entendi, e podia apenas entender!, como *Ele!... Ele!...* e que somente tinha de ser a continuação daquelas conversas na mesa-de-café! E *Ele!...* só devia mesmo é ser o Juca Capucho, que me trouxera à casa-grande e que se avizinhou como sendo só possível de ser o meu pai ele mesmo! E não sabia

eu de isso tudo?!, somente sem o dizer a mim devido?! Claro é que sim!, o de-fato é que não tinha é ousado me dizer isso no todo inteiro e claro, escandindo palavras e tenteando em minha pessoa essas ideias, de medo certo do que aonde me levaria isso então!

E essa conclusão, meio já sabida mas nunca antes a mim-próprio confessada em evidências, foi de fato certo o que de mais proveitoso pude angariar naquele Lourenço-Velho, que ninguém de lá dos moradores pôde me dar certezas de por onde estaria andaria o Capucho, nem de morada sua dele, que certamente tinha e devia de ser no Rio-de-Janeiro, como eu já sabia e a eles todos ensinava novidadeiro. Tanto bastou um dia, aquela noite em que poisei de abrigo dado e concedido pelo dono da venda, um Prudêncio Dias dos Rios que conheceu e reconhecia o Tio, Eli, sim, de idas e viagens dele acompanhando o seu pai Josefo Pereira Mendes. Seu pai dele, mas não avô meu então?! Nem queria pensar nisso e deixava era o hábito de alcunhar avô e avó, no provisório a que me havia habituado desde bastante muito. E que importava isso mesmo então?! Se impunha era de fato e bem sair do depósito da venda, agradecer a Seu Prudêncio o pouso e o pouco de incômodo que eu lhe havia dado a ele, e tomar o rumo que me disseram ter sido o do Juca Capucho, em direção que foi em demanda do lugarejo nomeado os Pintos-Negreiros. E se o Juca Capucho tinha lá seu forte parentesco comigo, era verdade! que eu realmente já disso sempre pareci saber e nada mudava da busca, essa, nessa hora! Nem a estrada se entortaria por disso e causa!, nem seria a queixa mais facilitada ou dificultosa a menos, então!

Pintos-Negreiros era a distância de pouca monta, coisa de algum tempinho no lombo e trote da mula Guaraná, e, saído pelo princípio da manhã, no fim dela no quase meio-dia já estávamos nós botando entrada no arruado de poucas casas, algum comércio chinfrim, sua praça feito centro, e a igreja. E, parado silente circunspecto, só me demorei mais pouco para tudo completo percorrer, foi à causa de um enterro que se fazia passar no diante das casas acompanhado de alguma gente que

se repartia entre carregar o esquife e botar fundos olhos uns nos outros. E devia de ser o morrente pai de algum dos muitos meninos e moças que acompanhavam o cortejo em lerdos passos, pelo se distribuírem em lágrimas e soluços. Mas padre não havia, carregando breviários e adequada roupagem, apenas e mal um congregado mariano, vestindo a oficiosa humilde opa, é que fazia as vezes de oficiante, puxando o terço e reza e incutindo nos presentes todos o temor da terra que, dali a pouco, receberia mais um troco do que foi, ao tempo, emprestado. E, se pouca gente havia restado no fora da procissão feretral, um apanhado de uns poucos fazia jeito e gesto de jogar conversa fora no balcão de um certo *Bar e Padaria Terra Rocha*, ainda disso bem me lembro hoje!, a quem abordei com as usuais perguntas que já estavam ficando conhecidas minhas de velhas, *Por quê? Como? De que jeito?*, primeiro respeitante a um enterro, aquele, e, no depois, um *Quando?* e um *Aonde?* para falar e ouvir de quem é que teria devido de conhecer alguém alcunhado de Juca Capucho, tendo passado talvez por ali em dias antes de ora. Certo é mesmo que, das respostas que me deram sobre a morte e o morto, nenhuma me ficaram nas memórias mesmo não, e de tudo que perquiri guardei o só indicativo que me deram. Ou que não me deram, pois, máximo dos máximos que tirar pude deles, foi dito de um contraparente de antigo vizinho do Capucho e que o conhecia de longe e de vista, de ter ido a uma vez a Silveiras, e que apançou sim por lá ter passado esse Juca, mas que nada se demorou, apenas o tempo de adquirir de seu uns comprimentos de fumo-de-corda e palha respectiva, para dar continuação à viagem lá sua, rumando direção de Dom Viçoso. Para onde me fui dirigido direto eu também, ora é claro!, nem duas-horas de parada estadia tendo eu por lá, naqueles Pintos-Negreiros apertado de poucas falas e ladainhas muitas, e aproveitando o tanto muito de sol que ainda havia de ter o dia. No geral e no de-perto, nem diferença excessiva havia entre um e outro, aqueles dois vilarejos de escassas construções. Mas lá eu fui cheguei pelo meio da tarde, gastando

um pouco tempo se tanto em algum come-e-bebe em beira de estrada, com comestio adquirido nos Pintos-Negreiros e engolido ali mesmo, no frio sem prato, enquanto a mula se fartava de si em touceira de capim-gordura encontradiço em qualquer brenha e barranco onde se pousasse olho. À entrada do povoado, como para saudar chegada minha, vinha tropilha de bezerrada até que bem ajeitada e limpa, os macios pelos nem mostrando berne ou bicheira, costelas de nenhuma parecença denotando com isso os muitos cuidados merecidos e dados. Quem tocava a animalha em rumo do pasto era um e outro, um mais velho já anoso, seus mais de sessenta quase setenta, e menino de lá pelos dez doze anos, ainda atrapalhado pelas ineficiências da pouca idade e vendo o como o outro, avô talvez mesmo, vá se saber!, produzia barulho de tapa estalado no ar pois mirado bem no lombo dos garrotes. Mas passou a boiada futura e passei eu pela cidadezinha, também mal pequeno arruado como sempre das poucas casas e menos gente ainda disposta a contar caso ou conversa trocar com quem de-fora assim chegava sem anúncio e apresentação. Repito? Mas tudo mesmo é que se reincide no igual de ser a si! Talvez, se ousasse eu, nem precisaria de entabular perguntas interrogativas jogadas ao vento e era só ir botando na mesa as respostas: que haviam visto, sim, um Juca Capucho que se assim anunciou, levando solene chamativo chapéu no por-sobre a cabeça e buscando nem sabiam direito quê ou quem, mas que havia mesmo de si dado ausência depois de pouco restado naquele Dom Viçoso, tomando rota mais certa era para Virgínia, no que concordava a maioria embora um recalcitrante se dizia capaz de afirmar que tinha ele ido isso sim era para São Lourenço.

Entre um e muitos, acabei pegando no ar o seguro conforto da maioria, e entestei a mulinha naquele próprio dia e tarde para ir à direção de Virgínia, então, e não para São Lourenço, que isso daria e mesmo deu outra história. Mas já a noite apontava suas unhas apoiadas na morraria e acabei foi mesmo ficando abrigado e pousado numa santa-cruz dessas que há sempre aqui e ali nas

beiras das estradas de roça. De fato e mesmo, não é só noite e hora alta que se anunciava, mas negrume preto e trovejante dava conta de quase logo tempestade a despenhar do alto, a despeito do calor parado que até então fez e fazia. E foi assim a noite toda, meu abrigo da capa boiadeira mal dando para afastar os encrespos do vento que se levantou e não mais desceu, vento quente, sim, concorde com a época e o ano, mas não tendo poder sobre a friagem dos pingos de água que choviam sobre mim, esparramado, então, que eu estava, no chão-batido da santa-cruz, com a cabeça no arreoio pousada e tentando dormir entre aquele mundaréu de quebradas estátuas de santos e anjos, ali deixadas pelos fiéis tementes do azar maldição de guardarem em casa essas rotas imagens. E o resultado disso, dessa noite, mal-abrigado e mal passada, foi eu acordar dia seguinte com febre desanimada, pondo perrenguices e achaques que me fizeram acordar no bem depois de tarde do que me era muito usual, encostado em dormitâncias do corpo, que se dizia, em evidências, a mim, de ele estar já seu tanto cansado dessa labuta meio sem tino e sina. Mas não havia mesmo o que-fazer outramente, que retroceder era coisa mesma que avançar, e assim fiz, mantendo o caminho e o fito de chegar a Virgínia ainda antes do meio do dia. Na pracinha da cidade, dormitada à hora de-depois do almoço, quase ninguém se atrevia pelo frio da chuva casado ao mormaço quente filtrado através de nuvens. De fato mesmo, já havia estiado, e uns dois três velhos conversadeiros é que não puderam se impedir de dar caras e passos no fora-de-casa. Dei os bons-dias de uso e educação a eles, descí do animal, amarrado então às ordenadas toiceiras que faziam de murozinho baixo do jardim, e entabulei conversa sobre tempos e climas, a ver se desterrava dessa conversa alguma informação a tal. Um deles, Seu Jontônio Quental, como se apresentou em corteses ditos recheados das filigranas que há muito se desusaram de todo, um deles, então, esse Seu Jontônio, carregado dos nervosos movimentos rápidos e muitos, de braços, mãos e olhos espalhando-se para todo lado, expandongado de

sestros e diria eu febril à sua maneira e no avesso da minha, esse senhor não demorou eira nem beira a acertar no direto aceso da interrogativa minha. É que ele conhecia de longe e perto, quer dizer, de vista e fala o Juca, e com ele havia até mesmo conversado em algum tempo antes de que eu, como o Capucho, também entrasse em Virgínia e até aquela pracinha chegasse àquela quase mesma horinha da tarde. E pôs-se, depois disso dizer, mudando a direção das palavras, pôs-se a atravancar a tarde de carpiduras, pelo que de indecências se recobriam as famílias quase todas do lugar, sem tenência maior com que meter-se em fios pavios atavios de novas usanças modernas.

Ora, a febre, essa, diminuída mas ainda pespegante, dava o ar de sua graça opressiva no modo lento como eu atordoava as palavras, pesava cada sílaba antes de iniciar responso às falas do velho beirando a quase inabilidade no dizer coisa-com-loisa. Mas entender, entendi! E bem! Também lá nada havia de-certo e seco direto sobre o Capucho e estava eu mesmo destinado às vias de taramelar caminhos e apertar os passos e pés no a-diante de seguir a estrada que era a dele e era a minha e de nem sei mais quanta gente. E, se mesmo era eu progênito dele, tanto mais de obstinada teima em prosseguir metia por sobre as febres e as patas da Guaraná. E, a mais falar sem muito dizer, que mais?! se poderia tirar dessa precária certeza que era minha?! Então, mais cedo que de costume e evitando as noitadas em santa-cruz, danadas para engripar e afebrar um ser-humano, saí daquela Virgínia logo cedo pela manhã mal raiada, tendo de novo feito meu pouso e portagem em pensão disponível de lugares para estranhos que por lá se instalavam fugazes no muito vez-em-quando. Fui para o aonde? Mesmo e direito fui é para Passa-Quatro, conforme me ensinou taxativo e categórico Seu Jontônio Quental que era e foi o caminho pretextado e apontado pelo Juca Capucho.

Mas ora e agora, a jornada foi é bem mais custosa de longa, fosse pela febre ainda renitente, seja pelos caminhos entochados de pirambeiras e morros descaindo por água abaixo de seu

normal natural, pelas infiltrações das muitas chuvas daqueles dias e estações. E o que se via e vi, naquele bem inteiro dia de difícil jornada, foi uma feira de fechadas casas e abandonadas fazendas e largados sítios, que, pelo que me contaram os poucos naturais e últimos moradores de lá, daquelas redondezas, as geadas tinham sido terríveis duras insistentes nos cinco últimos invernos, e todo o plantio se desmilinguiu de dar gosto de choro, e as gentes foram tudo largando como fosse mesmo o tempo de se ausentar de suas próprias raízes. E ficou retinindo em mim cada palavra daquele Seu Jontônio Quental dando parte de desencaminhações e perdidos procederem que iam dando caso e azo a que se perdessem as pessoas de si e todas de suas famílias e estas de seus possuíres aos poucos. Apenas no que quando me aproximei mais de Passa-Quatro é que houve aluviãozinha maior de casas ocupadas por gente com sua boa ocupação no diário de capinas de plantio e tratagens de animais. E trazia, agora, um quase pouco de deleitação e inclusive o olvidar da febrinha já se indo de-vez e daquelas pessoas que foram embora de lá do outro passo anterior dessa minha jornada, isso tudo me dava agora aquele som rouco fundo das correntezas dos dois rios que se alternavam em me acompanhar o caminho e se altercavam em vozes suas tramadas por água abaixo conforme íamos todos descendo aqueles espigões da Serra-da-Mantiqueira e chegando à beira bem perto da entrada daquela Passa-Quatro tão anunciada já quanto custosa de se dar a ver. Eram eles os próprios rios Passa-Quatro de igual e tal nome e o seu primo Rio-das-Pedras.

Passa-Quatro meio que combinava de gente e tamanho com Virgínia, assim como combinou com todas as anteriores na falta de certezas e de fatos. De pouco a mudar, apenas registro as alterações de timbre e toada que iam dando na maneira de eu ver a feição e os feitios do Capucho, que, já naquela hora, para mim, se situava de-novo no distante de padriagem minha, tornando a voltar a conceber que era ele mesmo tal sabedor de quem-é-que tinha sido pai meu e mãe minha, e que a ligação entre um

entreouvido *pai dele* antecedido de um *o Juca Capucho*, remendado por *deixou ele e foi-se* somente permitia ver saber só que o arrieiro tinha de si a conhecença dessas origens minhas e mais não sendo delas causador nenhum nada! Era o que passei a pensar naquele Passa-Quatro, em que descobri antigo associado de gado e política do avô Josefo a me mandar ofertassem quarto limpo vazio e, pela primeira vez naqueles dias, traquitanas de banho e pessoal higiene, que estava eu mesmo é precisado disso bastante. E dispôs-se ainda, aquele conhecido de nome completo Seu Fortunato Arroio, a me acompanhar por arruados e praçolas da cidade, na inquirição por nome e traço do Capucho, crente firme e rijo ele de que era para negócio mal-explicado e pior conduzido e nada feito em bomtom que ainda me ligava ao tropeiro, isso sem saber que acertava em cheio no que nem pensava ou podia saber, esse Seu Fortunato, mas não pelos motivos e vezos que sobre tudo isso punha.

Mas, então, assim como acima disse já, em Passa-Quatro eu também não entestava com certa notícia alguma, e pior, nada souberam, nenhuns, me informar nem mesmo se havia por ali passado alguém com recorte e modos do Juca Capucho. Com o que me fui, findo o tempinho de mal um dia e meio lá passado, tendo de decidir aonde é que iria me levar agora a estrada, se nem eu, nem a Guaraná tínhamos mais remota ideia de para onde tocar a vida e o rumo. E foi mesmo até no acaso puro que decidimos voltar para São-Paulo, apostando que outras saídas daquele Passa-Quatro iam dar ainda mais fundo em Minas-Gerais adentro e que o Juca deveria estar indo era em demanda de rotas lá suas antigas. E por essa suposição delas, ia eu arrastando aquela teimosia de apenas seguir avante, que nada mais tirava de interesse e colorido, que já ia é mesmo vendo apenas a hora em que entrasse de novo na casa-grande e pusesse meus ânimos enterrados no mais-fundo lá do pomar, com pedra poderosa de peso por cima, para eu e ninguém mais dar nenhum jeito de retomar e sopesar e buscar!, nesse não mais querer saber de mim nem de pai nem de mãe!! e



apenas esperar que se desse jeito e termo pusesse eu próprio por mim e minhas mãos em tão vazia existência essa minha!!!

Mas, voltando a São-Paulo, então, o que me cruzou pelo no-diante do caminho foi o lugarejo dos-Pinheiros, chinfrim distritozinho do também arredado de grandezas município de Lavrinhas. Aquilo já não era mesmo quase o fim do mundo?!, cidade de gente rarefeita e percuciosa dos silêncios todos! E por que passar por esses Pinheiros? Ora, água pergunta por onde desce?! Nada não, mais não faz do que seguir o rastro que a terra abriu antes e a ela deu! E foi nesse descer de riba abaixo que fui também de Montese ao Vale do Pó... Explico, dentro em pouco de linhas. No por enquanto se ia descortinando a minhas vistas a Mantiqueira, resultado de velhas pelejas de chão contra chão, mas quem renhia era eu mesmo próprio, ora indo de um lado da cabeça e ora de outro, oscilando de tença a sentença e forcejando, no fim das contas no inútil, contra a falta de saber disso e daquilo. Daí essa descida que me lembrava e me lembrou, sim!, o périplo e a paisagem que lento se haviam desenrolado no diante de mim, nós, naquela Itália de já tantos anos passados. Truqueio?! Um tanto, assim sim! Que no contar agora, adianto, no que não pensei no momento, o que de fato à-vera logo depois vi nos Pinheiros.

É que lá encontrei, acorado em muro e ferros de principal casa do lugar, centralmente instalada no ao-lado da igreja-sé, como sói nesses casos, lá foi que encontrei o Pedro – no inteiro, Pedro Lameira da Silva –. E lembro bem agora como bastante bem me lembrei no justo que o vi, nem de frente foi, mas pelo aspecto com que se remexia em silentes gestos no tirar baforada longa do cigarro de palha, e no que mal surpreendi aquele perfil de vulto, voltou de átimo à memória minha o companheiro também lá da Itália, não tanto próximo quanto o José Feliciano, o Constâncio, o Moacyr e o Espíndola foram, por serem mesmo estes de Silveiras, mas ainda assim companheiro que conosco torou os mortos minutos de medo, e pão de amarguices soube ingurgitar em compadrio nosso. E mal me mirou, o Pedro,

também ele nada não disse, apenas o lento gesto e menção fez de me chamar, apertamos as mãos e instamos um e outro a dar notícias do que mais fizeram com nós dois. Mal e bem, aqui e não ali, nas boas horas que passamos no faladio, pusemos juntos resmas de frases, que a cada um incumbia, por turno, ir desenhando as desavenças e avenças tidas e havidas, as feridas e fortunas das famílias respectivas, os casos e fatos das cidades dos dois e de cada um, e por diante assim, fomos quase atravessando a noite, eu esquecido até no quase do momento daquele Juca Capucho, e ele por certo deixando de lado seus apesares certamente muitos. Foi em Pinheiros, então, por expressa gentileza do Pedro – que a todos dava notícia da companheiragem nossa naqueles tempos e passagem de Montese ao Vale do Pó –, foi lá que me larguei por mais de dia, na casa dele Pedro, casado então com certa Ana-Terra e criando no melhor as proles deles dois, quatro crianças em escadinha de tamanhos e idades, foi lá que fiquei assim então descansando do lombo da mulinha e lhe dando a ela o refrigério que tanto essa Guaraná também tinha por mérito. E que adiantava prosseguir?, mesmo sabendo por relações do Pedro que tinha sim passado por lá o Capucho, em busca demandosa de *quem sabe o quê?*, como afiançaram certas as pessoas todas com quem pude tirar prosa e informação. Do Pedro, muito me ficou daqueles tempos, sobretudo a carinhosa atenção que dava ele à tia sua Sofia, que lá com eles moravam e que ele tratava e considerava como se sua própria mãe fosse. De pai, nem quisemos falar e nem foi preciso nada combinar, que eu tinha purga forte em desviar até de nisso pensar, e o Pedro devido ao que por alto me fez saber que havia se dado morte o pai dele ainda antes daquele tempo de Itália nosso e era assunto que a nós dois distanciava de vontade de pôr em palavras, cada um por motivo mesmo diferente mas parental todo.

Depois então de descanso e paz provisória de que desfrutei naqueles bons momentos nos Pinheiros, com Pedro e sua gente, era mesmo hora e tempo de me pôr no caminho da volta minha

e encaço daquele Capucho. Assim, de lá ainda fui descendo seu pouco a Serra-da-Mantiqueira e cheguei aos baixios do Vale, atravessado tudo isso em dia e meio de estrada montaria na Guaraná, com precário pouso à noite num armazém de beira de estrada, em tulha a que me facultaram abrigo para parada e sono. E foi aí que fui indo chegando perto da serra outra, a da-Bocaina assim chamada, tendo tido notícia, como tive, em Pinheiros, de ter o Juca Capucho a alguém mencionado um cunhado seu morante e talvez ainda vivente em Areias. Só que, quanto mais me aproximava dessa cidade de Areias, já começava a sentir o cheiro de casa pelo vento vindo, que Silveiras era dali do ladinho e começava a dar vontade de tudo largar e inaugurar-me em dúvida irresolúvel mesmo no daí-por-diante!, que remédio?! Mas Areias acabou sendo mesmo a rápida passagem. De lá, muitos eu conhecia, de vista, de chapéu e até de bem muitas trocadas palavras, eu não era mais desconhecido, de mim sabiam família e mais muito da vida. No centrinho, defronte ao fórum e delegacia, aqueles nos costados da igreja central, havia a botica de um Alísio Sirocco, filho de italianos que por lá se haviam aventurado no comecinho do século, em demanda de terras e trabalhos de dignidades maiores. Alísio conhecia bem demais o Capucho, e mais bem ainda o tal dito cunhado, que já se havia finado há alguns anos, nada deixando de haveres nem de família que a ele ainda fosse sobrevivente. De lá, então, desse contraparente, eu nada teria de-certo e claro. Mais uma vez, apenas me sobrava nas mãos o indireto saber por terceiros e quartos interpostados os desvios e destinos daquele arrieiro, velho lá em suas idades dele mas espantosamente capaz de suportar as agruras imensas daquelas deambulações todas a que se dava e a que me arrastava infrene e enfim. Vivia esse Alípio na apenas companhia da mãe, de quem era mesmo muito próximo e de quem não largava nos horários outros em que não se oficiava de farmacêutico aviador de receitas e aliviador dos males de qualquer areiense que dele necessitasse. Fosse a festivas saídas, para procissão e quermesse

da padroeira, fosse a soturnos velórios, lá iam sempre os dois, a velhinha da mãe do Alípio muito a ele grudada e sendo secundada de perto pelo filho, e se tanto falo disso só posso pôr é mesmo na conta de funda frustração que era muito a minha, sim!

Por lá, pela segunda vez, sendo a primeira nos Pinheiros, tive a muito grande vontade de desviar de volta no caminho em diante de Areias e retornar a Silveiras. Era coisa de muito poucas léguas e algumas horas de nada quase. E o que foi?!, o que mesmo é que foi que assim me impediu?! Foi um quase cheiro, parece de novo que pelo vento vindo, do Juca Capucho, odor quase sentido cheirado da bosta da montaria dele pouco tempo agora a minha frente. É que o Alísio me afiançou no categórico ter com ele trocado algumas boas conversas, coisa de poucos dias, talvez no exato, que por lá havia passado o aposentado tropeiro, tendo tomado rumo certo direto para São-José-do-Barreiro, para onde me rumei então também, dando ainda algum descanso de pouco mais de dia na casa do Alípio, hospedeiro como foi e que agradeço sempre que seu nome menciono.

Mas agora, o tudo e as coisas se aceleravam. Nos cascos da montaria do Capucho, eu via já o alcançar ao menos a correta morada lá dele, ter preceita notícia de onde mesmo é que se vivia ele lá no Rio-de-Janeiro. Tomei direção assim para o Barreiro, admirando, no enquanto daquela jornada saída de Areias, no que acosteava os morros contrafortes da Serra-da-Bocaina, admirando então aqueles vastos cinzas desenhos que fumaça de todo fogo de queimadas ia fazendo no céu azul tão limpo. Um dia? Foi é isso mesmo que acabei levando, com a pressa assentada que ia rascunhando nos ares meus e no trote da Guaraná, entre Areias e Barreiro, tendo chegado por lá em mal começo de noite mas podendo ainda me anunciar em casa de primo meu nosso, morador desde alguns anos naquele sítio e cidade, no que se exercia como promotor público de justiça. Mas se pressa minha estava então investida de seu mero disfarce de lenteza, não se podia dizer que eu não era, no por-dentro, todo fogo e brasa!

no afã de pôr cobro àquela busca desteimada tanto! Fosse de um jeito, de outro modo fosse!

Primo promotor, se chamava ele Inácio Mendes, e em casa sua entrei anunciando curta visita e pouco incômodo, pegando-o assim lá pela saída do café do depois do jantar. Dia seguinte, indo ele ao trabalho seu no fórum, e estando já instalada a mula Guaraná para o seu descanso dela, desde a véspera à noite anterior, sorvi a goles grandes o café recém-preparado na cozinha da casa do Inácio e com ele me fui, tendo o cuidado de tirá-lo da porta da cozinha por onde já se enveredava para a rua, para com ele sair mesmo pela porta da frente por onde havia eu lá entrado em primeiro ao chegar naquela véspera. É que nunca eu deixava de reproduzir exato e fiel procedimento do Tio Eli sempre repetido nunca quebrado, que dizia sempre ele dar má-sina e azar jamais desfeito o entrar-se em casa de alguém por uma porta e sair por outra. E isso fiz, daquela vez, como até hoje ainda procedo. Coisa-e-loisa a que ninguém se ousa...

Cansado estava eu?! E como é que não havia de estar mesmo muito?! Mas o não-estar no de-cima da mulinha e poder-me desatar por próprios passos era descansório naquele périplo de dias muitos e poucas notícias. Acompanhei o primo Inácio no caminho seu ao fórum, enquanto verrumava em mim o modo como poria engenho em algumas sensatas palavras que dariam arremedo de explicação a ele no que fazia eu naqueles dias e por que tanto assim queria e punha obstino em chegar a notícias ou à pessoa do Juca Capucho. Verdade certa mesma? Nem bem lembro direito do que a ele fiz ouvir no explicado, ou se ele terminou mesmo acatando aquilo tudo que eu disse e dizia e que, pondo no plano e limpo da mesa, nem a mim mesmo eu estava convencido mais de convencer. Mas agora era assim desse jeito, que foguinho que pega em nascente ínfima touceira de barba-de-bode se espalha e sobe morro acima sem trégua ou piedade e chega queima até os grandes jacarandás venerandos de velhos. Eu estava em queimadas no por-dentro! e só via jeito e caso de delas sair era

entrando nelas adentro afora resoluto sem medo! Fui, então, no acompanhando aquele Inácio, primo, botando olhos nas coisas e ouvidos nas pessoas a ver se daí escapava alguma pista que fosse de para-onde seguir na busca atrás do Capucho. E, mesmo tendo mal ouvido ou não escutado inteiro o que propus, mesmo assim fez o primo consórcio meu no inquirir as gentes que ia encontrando e achando ele pudessem ter visto o tropeiro ou com ele trocado palavras. É que perguntas e interrogatórios eram hábil especialidade lá sua dele, ativo que ele exercia com magnificências de aptidões, com o que foi nada difícil, não!, chegar às vias do fato de ter, claro, sim, por lá, naquele São-José-do-Barreiro, passado o Capucho, dias antes daquele no quando fazia eu, pelo interposto do primo Inácio, as interrogações todas necessárias. E descobri foi, pelo através de um certo Feu Rojas, espanhol catalão dono de venda no Barreiro, descobri, então, foi que o Juca havia comprado mantimentos bastantes, no pretextando ter grande travessia a fazer por sertão quase desertado de gente e pouso, na muito antiga trilha que subia e depois descia a Serra-da-Bocaina na direção de Mambucaba em demanda do litoral do Rio-de-Janeiro. Era de fato trilha aberta no de há-muito, por escravaria empreitada no justo para tirar do seu lugar de lei de até-então as grossas matarias e pôr por cima da terra o acobertado de pedras de calçamento, trilha que serviria como serviu para fazer descer as grandes riquezas cavadas nas Minas-Gerais e enviadas para embarque em porto do Rio-de-Janeiro, estrada que por-essas ainda ia ganhar o apodo de *Trilha-do-Ouro...* mas aí já é questão para muito depois de tudo isso ter-se acabado e bem após de encerradas essas minhas viagens e falas todas! E assim é que sempre são as coisas, que os veros nomes só se achegam às gentes é no cair demais do tarde da vida.

No trilhando então esse velho caminho, empreguei meus dois quase três dias, eu e mais a Guaraná subindo lentos e a custo no ao-lado de forte pirambeiras, comendo caminhos a rápido trote quase galope quando descidas assim permitiam, engolindo

alguma poeira quando se abria inteira a Sol e céu a estrada no diante de nosso duo de mula-e-gente ou engolindo a fria umidade quando no acima e no ao-lado nosso se fechava a galharia de grandes árvores e folhas suas, cuidando a cada passo para não tropicalizar nas pedras do calçamento, muitas delas soltas espalhadas pelas chuvas e enxurradas de mais de século de idade, ou para não escorregar nelas pedras mesmas devido ao limo que em superfície sua se ajuntava no quando tinham no seu por-em-cima fechados matos sem deixar passar o menor sol coado. De quando em vez, ouviam-se barulhos fortes de quedas-d'água de alguma cachoeira, como as de-Santo-Isidro, da-Posse, dos-Veados, ruídos de vozes humanas, aqui e ali, parcas e ralas e tendo de seu apenas os metálicos resposos das enxadas eitando a terra a lavar, no mais, algum pio de jacu escondido insabido no mato perto, vozerio de sapos chamando chuva, arapongas malhando a frio o seu duro ferro, rinchos esparsos de um cavalo largado solto no pasto, longos gritos longes das sariemas todas. E o cheiro meio para o amargoso do carvãozinho aéreo que vinha apretejar rosto e roupa e peles e pelos de todos, flutuando leve e débil, mais lento ainda caindo sobre nós depois de ter sido produzido pelas queimadas, algumas ainda crepitando a distância pouca da trilha. Dois três dias? Foi o quanto deve de ter durado a travessia minha, sim! Até começar a ver gente, ajuntamento de despojadas casinhas, algum comércio, e uma primeira capela-igreja, fechada mas dando jeito de entender que rareavam já as desertidades da trilha e que me aproximava do mar, entrado que já se estava em terras de Angra-dos-Reis, mais preciso de ser dito na localidade de Mambucaba.

No Rio-de-Janeiro? Mas era bem lá, de-certo, que eu já estava, no Estado, digo, que a cidade do-Rio, essa ficava a distância muita e direção outra ao que iam rascunhando os destaramelados passos do Capucho. Mas como saber?, no fato e ato, a pretensa tomada direção por ele, quando aportou – como eu no-agora pouco dele depois – ao fim da trilha, aquela, vinda de São-José-do-Barreiro?! De novamente, e por segunda ocasião, era preciso

recorrer a algum bom-senso e impor que tornar à esquerda em norte rumo do Rio era afastar-se o Juca do espaço de sempre o de suas viagens de arriero. E entestar para o Rio-de-Janeiro ainda era voltar à mesma rala desinformação que por lá eu já havia tido e havido. Por o-aí não era mesma a nossa tocada, e daí eu ter decidido, com o concurso da Guaraná, que o melhor do possível provável era mesmo seguir em demanda de Paraty. Mesmo porque caía quase granizando chuva forte de-mais, grossos pingos tombando sem parada muita, parece que apenas poucos alguns minutos, meia-hora que fosse, para retomar as bâtegas suas com maior ainda empenho. E, em semelhantes casos, melhor de tudo mesmo era portar ligeiro em algum abrigo que se pudesse obter, de gentileza de gente obsequiadora ou pelo acaso de telheiro protegendo das inclemências da água toda caindo do céu, que assim chuva era boa apenas para dar cobro às queimadas lá do alto, rasgando apretadas cicatrizes na Serra-da-Bocaina e que, de baixo do sopé da serra ao lado do mar, ainda se podiam ver. Pois foi então, assim, que em Paraty, no Rio-de-Janeiro, paramos finalmente, em pensão que primeira encontramos ao sairmos da estrada grande e entrarmos na cidade. Só disso lembro ainda bem, que era a Pensão de uma certa tal Dona Yara, mulher de incertas idades e incógnitas frases, vivendo lá em comum de vida e dividindo seus dias e compartilhando seus negócios com o irmão, um de nomeado Periélio, de Tal das Quantas, que dos sobrenomes deles dois nem tenho mais nenhuma recordança não! E nada mais muito tenho a dizer daquela Paraty, a não ser a vetustez séria e se pondo distantes das casas, e o pouco dizer do povo todo, medindo suas poucas palavras com quem quer guardar o de-seu apenas para si próprio, aprazendo-se e alargando-se apenas no chiar os SS e azeitar os RR quando falavam suas pronúncias.

E deles lá, de lá, o que pude saber do Juca Capucho? Um cabal nada nenhum, dando-me quase certa certeza de que agora havia perdido no definitivo a pista dele. Voltar a direção no Rio-de-Janeiro? Valia mesmo a pena não, pois já dizia afirmava



acima que era retornar ao suficiente insabido que, esse, eu muito bem já conhecia da outra vez ida lá. Rumei então para Cunha, de onde, vencendo muitos morros e montes e passando pelo Alto da Boa-Vista e pela nascente do Paraitinga, alcançaria o Bom-Jesus, naquela Silveiras de onde eu havia saído há dias muitos... mas não suficientes para saber direito e certo! de Capuchos, pais, mães, moradas ou caminhos! Voltava com quê? Nadas de nenhuma coisa, a não ser aquela vista geral que de lá se descortinava, dando a ver, daqueles altos subidos todas as cidades quase por onde eu havia passado, perdendo apenas aquelas que, nas Minas-Gerais, se escondiam no por-detrás da Serra-da-Mantiqueira. De fato, eram mesmo muitos morros e montes que eu de lá podia ver, e muitos mais ainda os que havia percorrido e, sem saber o apelativo deles todos, não havia mesmo jeito nem maneira de saber o meu exato esconso nome. Vou rápido? É e era pela pressa de voltar a Silveiras e pôr final ponto e fecho às vontades que até então me haviam guiado. Mas é também afã de ligeirice de contar em-fim o que, em Cunha, se revelou total no inteiro inesperado. Pois não é?! que lá, naqueles campos de Cunha, tomando o tempo de dar descanso à mulinha e alguma água à garganta, encontrei o que nem procurava não mais quase?! A parada foi numa vendola, dessas de beira de estrada caminho de roça, que eu nem queria saber de entrar na cidade e assuntar com quem-quer-que-fose sobre o Juca Capucho, cansado que estava de perguntar para nada de muito sério certo escutar. Foi quando ouvi alguém chamando pelo nome do dono da venda, e que era então um tal – desse nome inteiro não posso mesmo mais esquecer de vez nunca –, era um tal Florêncio Capucho, sobrenome igual e nome idêntico ao de um irmão dele Juca! E entre o escutar e o dizer não se passou mesmo mais do que esse pouco átimo que levo para botar uma letra logo depois da outra. Dizer, disse, então, mais para o perguntando, se se tratava mesmo de Florêncio irmão de Juca, um que em Silveiras se havia homiziado com gente brava lá Dos-Macacos por se ter amigado com mulher já prometida ou

casada a um deles e que pelo tanto e pelo incerto jogou-se com mais ela no mundo sem deixar pista nem vista de aonde é que iriam. E que eu reencontrava agora em Cunha, a passos poucos de Silveiras, mas tempo bastante para ter feito esquecer injúrias por ele assacadas e juras de vinganças pelos outros feitas. Florêncio fazia renascer a esperança? Fazia sim até mais que isso, pois direto me obsequiou com papelinho em que escreveu nome de rua, de número, de bairro do Juca Capucho, no Rio-de-Janeiro, dando-se no satisfeito com as pobres ligeiras escusas que fui pretextando enquanto o instava muito a que ele tudo e direito escrevesse, que escrevesse a direção do como encontrar certo e sabido o Juca Capucho, irmão dele e pai da minha sina de não saber donde mesmo é que minha vida veio!

Nesse ponto e hora, afianço e digo mesmo que nada mais há que contar, que tudo já está claro e dito e atestado, e basta a qualquer um que veja escute leia direitinho o que acabei de narrar para tudo já saber claro e límpido. E atesto jurado que nem é preciso mesmo que especifique o como foi que, para o Rio-de-Janeiro, atrás fui do antigo arrieiro Juca Capucho – aquele que me trouxe em jacá seu balangando nos lados de mula de tropa—, nem é preciso mesmo que faça que ele diga, diante de todos aqui, o que ele souber de mim e meus inícios. Digo e repito: tudo já está e foi aqui dito certo e no completo, no que se acabou de narrar, e se vou ainda contar alguma coisa e algum fato, é mais somente para eu próprio, nada sendo necessário para mais ninguém não! Apenas o que parece que ainda não disse acima, obvia! É que, de Cunha, a bordo dessa notícia e no lombo da Guaraná, então, assim, voltei a Silveiras, à fazenda, à casa-grande. E se ainda algo vou dizer contar afirmar, é mais apenas pelo vezo de dar algum firme chão à desconstrada estadia em que me finco ora, hesitoso entre dar gume e trela à leveza aquela encontrada em Cunha e que me era dada pelo carregar no bolso o certo endereço do Capucho, e a malinconia dessa toda tinta que me transtroz neste escriturar de transtornos.

## Ruídos, barulhos, estrondos

E tinha mesmo que voltar a Silveiras, à fazenda, à casa-grande, que eu sentia o espinhaço já vergado latejante, bolhas e esfregões doridos nas coxas e bunda, ardume do Sol pegando esfregado na pele dos braços e pescoço, ferida aiada no todo corpo agrandando-se numerosas pelas mordidas dos carrapatos garupados na mulinha, resultante disso, era certo, dos dias muitos em cima da montaria e das noites todas deitando e mal-dormindo onde podia e pudesse. E a Guaraná também estava ela relada, manquitolando mais que andando, no sentir alguma pisadura nos cascos e necessitando talvez apenas do bom merecido descanso e farelo e águas por dias à frente sem muita conta.

Mas tempo houve houvemos de descansar?! Nada não coisa nenhuma alguma!, que tive que no-imediato do dia depois seguinte me despachar para São-Paulo em rápidos céleres instamentos, a chamado dos dois tios Altair e Aldebar, para caso de providenciar oficiais papéis documentados em cartório para negócios de legado e transmissão de bens haveres. E tinha eu modo?!, tinha o como de desseguir a injunção no categórico deles dois, para isso devendo de-certo explicar tim-por-tim o porquê certo de eu não poder nem querer lá ir, no São-Paulo?! Tinha mesmo nada não coisa nenhuma, tinha mesmo mais é que ir-me, e ir-me sem delonga alguma! E, no em-cima disso tudo, bem nos logo-depois da chegada-volta nova minha, agora de São-Paulo, ainda aquele esbraseamento da casa-grande!, e que foi foi como

que contágio espalhando farta fereza nos ares e dias todos daí p'ra frente! Por isso e então é que nem tempo dispus no aproveitar compartilhada com outros a fresca notícia do exato endereçamento do Capucho obtido lá nos lados de Cunha, fosse que fosse apenas com a Lunafior Rosália, que para coisas minhas próprias, ela, nos últimos meses, se havia mostrado interessada companhia, e por que não também?! propensa muito a transportar-se de gaiata leveza com o eu ter finalmente achado como falar à face e às vistas do Juca Capucho! No menos dos mínimos menores, ela havia de se entender com o que eu ia aprendendo, desde a saída de Cunha, até a noite fatal fatídica do incêndio, que era estar revendo aquele todo périplo, de Piquete até Cunha, passando por duas serras, muito rio, distintas distantes cidades, era rever, então, aquelas jornadas lá de então, nos traços do tropeiro velho, como se fosse isso tudo o exato transcurso dos dias meus inteiros desde a chegada balançando balangado no jacá despendurado daquela mula-de-carga da tropa do Capucho, até essa visão defronte da casa-grande se pegando em fogos todos. Mas adianto passo e perna, que a essa conclusão cheguei foi é bem depois...

Nada disso foi assim mesmo não!, de descanso e pacíficas calmas! Dia seguinte àquela chegada minha, estava eu é preso à visão da madrugada alta da casa se consumindo em seus ardores muitos e jogando o todo-de-si para o alto do ar, olhar meu que nenhum de ninguém percebeu. É que, entretidos em chorar suas perdas para eles nada parcas, ninguém reparou mesmo para aquela fixidez estranha com que eu parece que ia querendo contornar e cercar e ornamentar o findar-se definitivo daquela casa. É que ainda duas coisas me ocupavam no mais de tudo o espírito. Era preciso urgente arquitetar então outra ida ao Rio-de-Janeiro, agora não mais me jogando ao acaso da aventura como se de cartas ao léu lançadas se tratasse! Depois, era imediato obrigado preparar meu espírito para o que quer que fosse a revelada fala do Capucho e pacificar inquietação total que em mim me vestia, que, pois, em qualquer um que carregasse ligeira ínfima aparência

comigo, eu já me punha a desconfiar fosse aquele aquela que eu procurava muito há tanto. Mas, fosse o Juca o pai, fosse alguém outro com que sempre direto convivi em Silveiras, ou até nos dentro da casa-grande, eu tinha a vera certeza que de nada me valeria o inquirir direto esse povo se dizendo conhecido, amigo ou parente-meu, pois que sempre disso todos se escaparam, sobre-o-tudo estes últimos, aí se exercendo eles de carrancudos ou loroteiros. Era ao Juca que eu tinha que endereçar a direta pergunta e pedir resposta sem rodeio algum. E também serventia alguma tinha o eu lançar mão e apelo, naquele momento, ao perscrutar dos outros todos por mim próprio, aprendizado muito feito mas de nenhuma valia nisso, que eu havia tido ensinado pela cigana Esmerência. Não estavam?! todos eles e elas no seu atarantado da tragédia sentida e vivida?! Nesses outros todos eu experimentava a minha cegueira sobre mim e, querendo como eu queria chegar a saber e ver o que de mim havia feito a vida, tinha mais era que soslaiar meus olhares a eles e ver exatamente no que não via nada de jeito nenhum! Então, era mesmo o refrear ânsia imensa assim minha, e armar a viagem e a ida ao Rio-de-Janeiro, quando na certa alguma resposta eu teria do tropeiro e poderia voltar planeando as palavras e olhares – se de aborrecida comiseração, ou de baita vontade de tascar abraço e respeitoso beijo pôr na mão em pedido de bênção – que trocária com aquele aquela que eu ainda nem sabia quem o quê eram. E podiam mesmo ser qualquer um que fossem...

Lunaflor Rosália não pôde não demonstrar seu espanto meio contrariado: então eu ia viajar?! de-novo outra vez, mal chegado era e ainda, no em-cima de tudo, bem na ocasião daquela tragédia de destruição da casa-grande toda?! Pois que ia sim, mesmo, e já, no imediato de dia ou dois bastantes para preparar malmente a ida-e-volta e a estadia curta como havia de ser, sim, senhor! Na fala despedida da Lunaflor Rosália, ainda mais próxima quis ela se fazer e mostrar. Primeiro, imprecou bastante com essa desazada viagem, se pondo indrumista e implicando

com qualquer ventinho eu fizesse de a-mais. Depois, jogou-se em lamentações de que sozinha de-tudo iria ficar, sem assistência nos difíceis dos dias que se amontoariam a sua volta, que os sobrinhos demais e irmãos seus nada valiam por ela nos fundos da vida e tivesse ainda ela um filho, mas nada não! Nos finalmentes, estava quase que me dando dinheiro e especial comida ela de suas mãos próprias preparando e, no mais de tudo do desusado!, me pôs a bênção sem que eu tivesse pedido por nunca ter sido a habitude entre a gente eu e ela! No certo, ela experimentava muita a pena de me ver assim largando nossos ossos para chegar às raízes minhas, e naqueles curtos instantes de despedida, pude ver quão certo era que ela sentia e, parece, sempre sentiu esse danado de disgramado de esforço que eu fazia ao pelejar contra nada e ninguém a ver se daí saía algo e alguém. Até digo que ela ia dizer o que interrompesse decisão minha, mas suspendeu no ar a frase no mesmo quando em que sungou o quanto de lágrima se escapava de seus olhos, apenas pôs alto a evidência de um suspiro de imensos fôlegos, suspiro meio roído por ela mas suficiente para fazer-se imenso ruído ribombando em minha escuta pelos dias e meses e anos afora e sempre... *Meu f...f...fim...*, ela, a meio, havia dito no afirmado.

Preciso de resumir alongado o que foi e como fui de Silveiras até o Rio-de-Janeiro? Mesmo não nada! Que os caminhos e tempos eram os mesmos de-sempre nessa sem-prensa com que o mundo se avança em suas sérias competências no distante de nós. O que eu usava era mesmo o pensar demorado, insistente, imaginando nada de nome ou outro não, que eu deixava benévolo a ele, Juca Capucho, o a mim revelar-me quem eram os dois pai e mãe meu e minha, a ele outorgava com gosto a surpresa do esquecer-se as histórias e caras suas deles. A mim, mesmo, o que eu guardava era o gosto de direto aos dois dizer *A bênção, meu pai!*, *A bênção, minha mãe!*, e nada nem cogitava de poderem estar eles mortos e acabados, que havia pressa e préstimo e esperança em compor esses gestos e frases que nunca tive vera chance de exercer em minha vida até então. E foi assim que,

em cada légua bem percorrida na lentidão com que todo relógio se tiquetaqueava, eu fui costurando essa nova infância na velhez minha já evidente anunciada, a cada ponto da paisagem que minha atenção chamasse, eu botava especial colorido, me dizendo quase alto *Papai havia de pôr gosto nessa boiada branquinha de holandês! ou Mamãe deve de ter feito e cuidado jardins mais floridos e bem amanhados do que os dessas casas aí!* e me devaneava entrando manhãzinha na cozinha pegando o café no bule em cima do fogão-a-lenha e metia uns sequilhos na boca, tudo de pé e andando saindo, só pelo gosto de ouvir a mãe ralhando afirmativa *Esse menino não toma tento de tempo nenhum! ou chegando montado em pergunta ao pai dirigida de Como é que se corta mesmo o galhinho de laranja-de-bico para fazer o bom enxerto que pegue mesmo?* E foi nessas deambulações de mim em mim próprio que me vi chegando ao Rio-de-Janeiro e tomando táxi para em direção do bairro do Catete, onde estava residido e certo morando o Juca Capucho com a sua filha lá dele, na Rua Silveira Martins, número 42.

Mas claro e seguro é que no-imediato não fui onde residia o Capucho e mais a filha, e por certo família toda sua dela, que eu tinha que cuidar de pensar e saber a certa estratégia de a ele tudo perguntar, que não havia adianto algum de chegar na lata e cara dizendo *Sabe o senhor de quem é mesmo que fui filho?*, que talvez era provável que em minhas feições nem reconhecesse aquele pedaço de cria que foi por ele levado dentro do jacá, pois tanto de tempo se havia escorrido desde que pela última vez nos vimos trocando cumprimentos e palavras lá em Silveiras. Instalei-me assim, então, numa pensãozinha sita na Rua Dois de Dezembro, próximo pertinho do Largo do Machado, a nomeada *Pensão Ventos do Norte*, uma certa Dona Ardóris sendo proprietária sua. Instalei-me, então, como disse, e era ocasião ainda de sair à rua para reconhecer as imediações, que pouco pude trazer de proveito das argúcias do taxista que me havia transportado e mesmo até sugerido indicando a sobredita pensão, a não ser os comuns de nomes dos bairros e das ruas próximas adjacentes e

dos pontos por todos quase conhecidos. Demais, o finzinho de tarde se anunciava em pompa toda sua, céu aberto claro, vento de fina feitura suficiente para pouco balançar apenas chapéus e galhos, com o que meti-me à rua, mal acabado de botar malas no-debaixo da cama e roupas no-dentro do armário. E antecipações de espantos no interior de mim próprio! Saí como quem se anuncia vistosas paisagens, dando o protocolar do adeus, com as mãos e todo silêncio, à Dona Ardóris, batendo ligeiramente a porta e circundando a vista pelos lados todos da rua e prédios. Desci então a Dois de Dezembro, tomei direita minha na Rua do Catete e acabei logo-logo entestando com o Largo do Machado, onde, àquela hora, velhos dependuravam olhares e paletós nos bancos, trocando miudezas de silêncio quebradas de quando em quando por algum comentário de pouca monta. Sentei-me então também num banco e, agora, podem alguns daí dizer que é coincidência e invencionice adrede contada para o maior efeito e apressamento da história minha, mas juro que é a mais certa e vera das verdades que, no lado outro da rua e do Largo em que eu estava, vi passando um velho, de arcadas costas e alguns inícios de dificuldade em manter-se caminhando, seguindo ele uma mulher mais nova, em caminho-da-roça, isto é, postado bem atrás dela e pondo seus passos no por-cima dos dela, e ainda carregando na cabeça um chamativo porque lá raro chapéu Ramenzoni. E não é?! que era o Juca Capucho?! Era, sim, mesmo!, o próprio ele! Quanto mais não fosse pela inusitada estranheza do chapéu naqueles Rios-de-Janeiros, mais ainda pelo hábito de andar em fila de um atrás do outro, coisa que marca qualquer vivente da roça mesmo quando exilado velho no longe de qualquer grande cidade, e, deve ser dito, costume que não era adquirido e exercido por quem habituado estava desde sempre às charretes e carros, como nosso povo da casa-grande, mas sim pela coorte de gente mais do-humilde e que muito a raro, por assim ensinados no desde-pequenos, tinham montaria ou transporte que não fossem seus pés próprios.



Decidir, decidi a ele falar no dia seguinte, quando iria me apresentar à casa da filha e entabular a conversa que tanto e tantas vezes eu tinha inventado em imaginações. No por ora, não tive como não sair andando afoito, mal respirando o tremelir do coração desbatendo arritmias súbitas e surdas, metendo passos e pés, eu também, em fila um depois sobre o outro, sem nem bem saber aonde é que eles me levariam de por si sós. E foi que me vi, depois de alguns quinze minutos de hesitas deambulações, foi aí que me vi no diante e entrando em uma livraria, venda de usados e antigos livros, numa Rua Buarque de Macedo, a ver se as filigranas figuras e as finas falas dos impressos me davam algum peso com que acorrentar minhas ânsias, que corriam soltas todas no ar. Se chamava *A Salamandra*, essa livraria, seu Arizinho Ventura, lembro bem até hoje agora, era o nome do dono, ou foi como, insistente e repetitivo, ele a mim se apresentou, vendo entrar cliente pretendo depois de certamente horas e horas de vazio e de espera. Esse seu Arizinho tentou muito dizer e contar, avantajou-se do espólio, insistiu em sugestões, mas, nos poucos, deixou-me entregue ao que eu lá fazia e que era o nada mesmo na conta apenas exata de repor as ideias na ordem da vida. E foi aí que, depois de mais que menos quarto de hora, foi quando ora os olhos pus e vi, direto oferecido, naquele livro de antiguidades evidentes, e que carregava por nome a mesma exata frase que eu havia lido transcrita à mão no caderno encontrado na *Pensão Iemanjá*, daquela outra minha ida-e-volta ao Rio-de-Janeiro: era um próprio volume trazendo como título seu aquela inscrição *Basilica chymica, continens philosophicam propria laborum in fine libri additus est eiusdem auctoris tractatus novis de signaturis rerum internis*, da autoria de um certo Oswald Crollius, que só tudo exato e conferido posso transcrever, de nome e escritor, por tê-lo ainda hoje e agora diante de mim, seguro entre as duas mãos minhas que teimam obstinadas em percorrer as belas gravuras e as absconsas frases suas. Frases incertas, no impresso, sim, mas, às margens, em lápis de diversas cores e em tintas de variadas penas

e canetas, fui vendo que a quase totalidade dele estava mesmo traduzida do Latim para linguagem nossa de até quase possível compreensão, não fosse o disparatado de palavras e das ideias que lá pareciam estar cultivadas. E, ainda mais devo dizer, trazia o livro, entre páginas suas, guardada uma folha de antigo caderno escolar de caligrafia, com anotação manuscrita por alguém feita, que não era lembrete nenhum nem lista de compra coisa alguma ou rol de roupas de nada, e que, também de-novo em língua nossa legível, dava conta de expor que Todos os dois que aqui estão algum dia em suas vidas tiveram e terão o azo de meter colher de rebuscados pendores em ardores e perigos de esforçada gente, e ofenderam a costumia de ancestrais, para ousar mexer no fogo que anima, nos esconsos, a aproximação amorosa, encimado por um que parecia título ou ordenamento, mas borrado e meio apagado por molhaduras lá antigas anteriores, respingados de água mais mas que ainda permitiam entrever um *invento filosofal*.

Mas isso tudo nada me dizia de muito, na ocasião aquela. E foi assim então que, no de-noite, mas nem nada muito do tarde, era lá pelas sete, sete e meia, pus meu caminho na direção daquele endereço, Rua Silveira Martins, número 42, coisa que só no me aproximando percebi ser exata cabal a idade minha naquele dia. Era casita espremida apertada entre dois edifícios maiores, imponentes em si e altura, com porta dando direto na calçada e campainha de apertar por barulho, eu que tão habituado estava aos Ó de casa! e palmas batidas. E precisa dizer tudo? Ao menos os partejantes pedaços da história, que tudo se dá sempre é mesmo nas minúcias, essas que fazem o existir de todo o tudo. Toquei, fui recebido por menino de seus treze catorze anos se tanto, em muito e coisa parecido de igual ao avô seu dele, fui então por ele recebido e indaguei se era lá certo e direto a morada do Juca Capucho, velho arrieiro, homem de bons e sempres serviços quaisquer, capaz de capatazar grande chusma de camaradas tanto quanto ocupar-se de uns poucos menores de pequenas pessoas, traquejado duro fosse em eito de plantio ou tangimento de

boiada. E nem foi preciso muito aguardar, que a tosse roufenha do Juca ele próprio já estalou na sala lá dentro ao ouvir nome seu dito e qualidades suas assim louvadas. Aproximou-se de mim o Juca, meio lembrando, meio querendo esquecer, se indagando já e a mim também o que queria e qual era minha graça. Apresentei-me. Disse o nome bem escandido correto, menção fiz muita às gabações que dele apregoava avô Josefo Pereira Mendes, notícias dei, mais, da família, contei as mortes e as núpcias, as solteiridades de quem assim se exercia, indaguei alfim o por que é que era que ele se havia saído tão repentino do dia-p'ra-noite lá da fazenda e, emendado, de Silveiras. O Capucho puxava seus silêncios feito colarzinho de ocas aéreas contas, e às incomodativas perguntas nada não dizia, fechado em aspas. Fiz que não disse mas disse que sabia bem contado pelo avô ter sido ele o alguém que me carregou, em pequenininho, até a casa-grande, fornecendo a ele os desenhos de mula e jacá todos. Nem dava mesmo para negar, era o que eu pensava, já antecipando a pergunta que soltaria pelo rabo do olho no fio tenso teso do ar. Mas o Juca era demais de sagaz e tomou a si o anticipo da pergunta, inesperando-me no bastante ao afirmar *Então 'cê quer mais é saber de onde qual progenitura é que é mesma a sua, é não mesmo?! E o que mais ia eu dizer?!*, além do tartamudeio asseverando sim, e afiançando que claro, e sustentando demais positivo, e assegurando pois é mesmo?!

E foi aí, bem aí foi que vi a inteira sombra se passando velando o rosto e as palavras do Juca seguintes *Moço sabe o que é promessa feita em cima do sangue da mãe, seja da gente seja de outro?! Prometi jurado, em cruz lavrado, falar disso nunca nada a ninguém não! Pai seu e mãe sua, tem que buscar com outro, e não comigo!* E fechou-se em copas e ases, dando a entender ser bom palavreador com alheios assuntos, mas disso outro nada trataria jamais de nenhum modo. E, como para atestar o certo do que dizia ser mesmo lei sua e mais de muitos mais todos, ainda ajuntou no por-último: *Pergunte se não é assim como deve de ser à D. Lunaflor Rosália, ou a sua avó.* Ora, eu estava embatucado até a alma, eu que tanto havia

forçado para ali chegar e, no que ia escutar o meu nascer, nada saía da boca do Juca Capucho, emudecida por duro coração de empedernidas pedreiras. Valia seu tanto de humano?, desse jeito sendo e procedendo, ele? Todo o mundo dirá no átimo imediato que não. E não mesmo! E pior, de nada adiantava perscrutar as maneiras sutis lá dele, que o máximo que conseguiria e obtive foi saber do tropeiro, inspetando a maneira como ele piscapiscava os olhos e tremia uníssonas as pálpebras, o máximo das certezas a que pude recorrer foi me inteirar todo de eventos passados revolutos, da canelada pelo Juca Capucho dada no cocho e o atarantado em que ele se botou no-diante do cometa e o silêncio das animalhas todas em volta lá dele... Se aceitei o cafezinho foi pelo pasmo e pelo habitual da educação, servido em xicrinha de antiga propaganda política para eleição de um deputado federal um chamado Carlos Lacerda. E, bebido no quente o café, no cedo me pus à rua, no intento de desatarantar-me, em parte que fosse, da recusa porfiadora e renitente desse Capucho opiniático que só ele e mais ninguém mesmo! *Não falava?!, ah! não falava o quê?!* Assim fui me recompondo e assestando com jeito de à verdade chegar, fosse pelo jeito conseguido e dado, fosse pelo forcejar de vontades na ponta de ameaço e que-tais na marra! Que eu não ia! de modo maneira chegar até ali, no quase desabrir de tudo e muito, para escorregar de-meu pela teimosia de promessa antigosa e devendo de ser mais é esquecida largada de tropeiro nenhum de porcaria de merda nenhuma, não senhor!

Fui que fiquei rondando as ruas do Catete e do Largo do Machado e do Flamengo, pela noite e madrugada adentro, do 23 para o 24 de agosto daquele ano 1954, nem posso mesmo mais desse dia dele me esquecer não nunca. E foi então, bem na madrugada, aquela mesma em que já estava, que me aproximei ainda uma vez mais, talvez fosse lá pela sexta ou sétima, me cheguei então mais perto do rumo da porta da casa da filha daquele Capucho, olhando o tudo a ver se alguma ideia daí escapava e me desse jeito e me pusesse em fito de obter as duas simples das

coisas que eu só queria de meu. E, foi aí bem, disso é mesmo o impossível deslembrar, foi nessa última vez que, dando as costas à casa, andei nem quarteirão e meio, quando ouvi forte estampido seco, ganhando os ares à feição da batida que havia dado, anos lá atrás, no cocho, mas que, agora, eu sabia, era mesmo indício seguro e certo de que o Juca se havia abatido em peito pleno e que seu coração dele nem batia mais mesmo não! Era tiro, claro e certo, tão seguro quanto agora conto isto tudo e enfileiro as palavras sem ter onde delas mesmo me esconder. Era tiro, eu sabia por cansar de ouvir disparos em caçadas e mostrações de arrojado e adestrado de nós primos quando novos lá nos confins cafundós da fazenda. Era tiro e era certo, que o Juca não era homem de recuar no H da hora, nem de perder mirar por tremer a mão, e era tanto mais tiro e morte dele decorrida, que me deixei ainda ficar, já do lado do Largo do Machado, no fora do sereno o pouco de tempo que bastou para ver a passagem, pela Rua do Catete, de rádio-patrolha antecedendo de pouco a ambulância que para lá era firme certeza se dirigirem.

A promessa do Juca Capucho havia vencido, e o empréstimo que ele fizera às prestimosas palavras de uma mãe, daquela mãe, – posso? – da minha mãe, tinha vindo cobrar seu juro e exigir que seu sangue fosse posto a modo de selo por sobre as palavras suas!

E algo mais havia ainda de haver?! Voltei então daquele Rio-de-Janeiro apenas com o desalento a todo vento e o exemplar do livro, aquele, comprado no sebo *A Salamandra*.

## A Salamandra

Na volta a Silveiras, nessa viagem que eu porfiava em alongar atrasada e não deixar nunca que se findasse acaso, vim matutando o meu de muito, sem pôr sono algum desde muitas horas. Que eu emendei mesmo a noite madrugada com o dia – me havia recolhido à pensão só depois de ver os oficiais carros passarem naquela Rua do Catete –, foi mesmo para ficar deitado na cama, sem conciliar com sono ou sina, folheando a penumbra do cômodo por meio do sem-piscar dos olhos, com aquela fixidez que parece era de sempre minha. Pensar, propriamente não pensava, como as pessoas todos dizem e imaginam seja isso quando fazem, mas sentia era já toda se espalhada por pele minha algo como uma taturana passeando solene e me lixando e me envolvendo com seus fortes ardumes. Lá pelas onze-horas da manhã, ergui afinal a cabeça e o corpo atrás, botei tudo enrolado a trouxa inteira na mala, recolhi os pertences outros, nem almoço nem café pretextei ingerir, apenas acenei, tanto-mudo, a despedida à dona sua aquela Dona Ardóris, indicando as notas-de-dinheiros que bastariam a pagar cama e como daquela *Pensão Ventos do Norte*, e meti-me à rua em busca do primeiro táxi que me desse o início à jornada de volta. E era ali agora, no trem chacoalhando pela Central do Brasil, que eu matutava sobre tudo que ouvira e houvera, sem modos mais mansos com que lidar com a agonia silente e sufocadora que ia de mim fazendo seu pouco caso. Que fazer de-mais que isso?! Apenas? o ficar nesse

vai-e-vem entre a paisagem nos lá-foras da janela e os sucedidos de antes-de-mim? Nada mesmo não!, que até a vista daquelas terras era motivo e jeito de jogar as lembranças para onde eu não queria mesmo nunca!, como as palavras do Juca Capucho – que talvez até que tenham sido as últimas suas aqui neste mundo faladas soadas – ditas e sobretidas e ecoando em mim todo inteiras: *promessa feita em cima do sangue da mãe... Pergunte se não é assim como deve de ser...* E mais as palavras botadas pela Lunaflor Rosália, quando da saída minha lá de Silveiras, da casa sua dela, vendo as saudades desamparadas com que ela cercava o comentar meus atos e propósitos, aquela frase que bem parecia ter sido um arisco nem pronunciado e já engolido *Meu fim*, mas que era mesmo e garantido prenúncio do que iria comigo ocorrer e só eu mesmo é que ainda nem tinha por sabido!

Mas, aí foi, bem nisso, que liguei cobra com cobro, termo com ermo, sido com sendo, e me dei conta de que o Capucho se havia engrupido no muito, quando recomendou severo que eu perguntasse à *avó*, à *D. Lunaflor Rosália*. Ora e muito, ele, Juca, já havia sido anunciado alto e claro dos passamentos e mudados todos lá da casa-grande, eu havia a ele afeiçoado de viva voz minha da morte da avó Joana João, e, então, como é? que ele se mete a dizer que a consulte assim no-mais? Esqueceu da morte?, nada não!, que isso ninguém nunca faz nem fez desde o muito de-sempre em que há gente existindo neste mundo! Ele então se havia escorregado nos dizeres!, e soltou a recomenda de procurar resposta e caminho junto à Lunaflor Rosália ela própria somente, era isso! E o quê saberia ela de-mais muito que os outros? E quê? podia então de estar no por-cima dos gestos cuidadosos dela para comigo naqueles últimos tempos? Nem me atrevi a pensar, num primeiro átimo, mas já a ideia veio se forcejando entradas e residências no espírito meu, que, agora, eu começava a poder atestar jurado que a frase da Lunaflor Rosália, suspensa em arcos e suspiros quando daquela minha última saída de Silveiras, não tinha sido então *Meu f...f...fim...*, mas *Meu f...f...filh...*! Será sido

sendo certo assegurado isso?! Nada eu não tinha sabido até ora, mas já começava a conhecer! E o que seria?, assim mesmo então, também aquela história à moda de resumo – em que agora de-estalo nela eu pensava – e que veio vindo acompanhando parece que cada passo meu de vida, e agora ali se postava inteira, na sua concreta substância, só que em diversa ordem mais amena, naquele papelinho à mão escrito e deixado no tal livro dos latinórios? Mas, por ora então, isso já eram as demais demasias do pensar, e me bastava inteiro o me ocupar da conversa que com ela, Lunaflor Rosália, iria ter no logo-com-logo.

Abrevio légua e hora, para chegar então a a todos contar o encontro com Lunaflor Rosália, em casa sua, bem no centrinho de Silveiras, logo mal eu havia posto os pés fora da condução que lá me deixou de mala e meios. Lunaflor Rosália me recebeu de insólitos exteriores nos olhos, já sabendo? do que eu trazia nos-dentros meus? E nem perguntei mais do que foi o escasso e raso que tinha de-meu só, lancei bem a-direto e seco aquele *Você sabe! é mesmo o que fui buscar lá nesses Rios-de-Janeiros todos! não sabe?!* Isso disse e esperei dela resposta, que veio até antes que palavra qualquer sua aflorasse pela boca, que algo de água suavizou seu olhar todo inteiro e me deu a resposta que ela sabia sim e tudo e mais nem precisava não de dizer cabal, em ordenados argumentos.

E foi então, assim, bem aí foi que ela, a Lunaflor Rosália deu de tecer a sua desemenhada e parecia sem-fim de todo falação, começando por lembrares antigos lá dela e mesmo nossos de todos da família e chegando a grandes misturanças de gentes e de jeitos, lambendo os beiços nas lembranças reffloridas que iam se entretecendo nas algaravias mais do disparatadas que pudesse ela produzir de seu, e sendo assim um algo como *Me contaram... Aonde e quando nem sei mesmo... Pois que disse nada não sei direito. E veja bem miudinho – chegue aqui, de mim perto... isso!! – ... Que testemunha minha vale de nada mesmo... E consta o quê? em ata assinada, e tudo? Foi de ter sido 96, no findar daquele século anterior ainda. É sim, mesmo, foi aí certo, num 6 de novembro... Que tanto*



inaugurou-se mundo e todo fundo meu... Você me segue?, está me entendendo bem direto? Você me siga, então!, sem nada deixar escapar, viu?! É que direitas mulheres nunca dão motivos a falas ou entregam trelas a qualquer um... Você sabe bem demais disso... E todo mundo se arvora garantia e vigilância desse proceder, e mais as meninas é que são sempre mais queridas e mais testadas e mais guardadas... Em armário, foi sim, aí... Aí eu guardava os brinquedos e trastes que recolhia no quintal... Mais tarde os livros, lidos primeiro pela ordem da escola e imposição de professora, mas cedo me vi pegando os mais perigosos dos possíveis em que podíamos pôr olho e mãos... As mãos no quintal lavavam o diário dos costumes, tão repetidos... E a paisagem?!, então, que ia sempre ganhando toda o seu quinhão de novidades lustrosas, brilhantes?!... Como o Cometa, aquele... Que se pôs alto lá no ar, e veio vindo, vindo e indo se foi, mesmo! Só deixando de si por todo o resto da vida nossa algum rastro de desarranjo... Esse desassossego, eu sei, sei muito bem, vem dele, sempre virá... Pobre e parco e econômico no fundo de tudo, simplicidade de cerne bem formado, bem lá dentro dele... Só que emoldurava-se insolente quase, solfejando a noite como fosse dia todo... E sabe quê mais? Ainda pondo pontinhos de luzes vagalumas no breu do escuro meu até dar-me a mim toda claridade... É, foi ele assim, mesmo!, e como foi no mato adentro que o envolvia e me botava em pintura só vista em livros mesmo... E ainda havia a frescura do frio, ou fazia quase frio, e ele me impunha ímpetos de tremor, e eu? Ah! eu tinha o medo de pôr-me em frente dele e confessar dos olhos o que mãos e pés e pernas e colo e peito e rosto já dizia todo inteira... E é assim que fui inteira me deixando entrar pela figura dele bem ali no encima de mim... O mato e seus silêncios apenas ouvindo o tanto que eu arfava, e que o resto do mundo todo inteiro nada escutava... Nem ciência tinha... Nem adivinhava o que eu agora levava dentro de mim, ganhado e havido do Cometa, foi, daquele Cometa, sim!! Isso assim mesmo, sem qualquer outro pensamento de falta ou feio proceder, toda inteira... Mas depois não fui mesmo inteira nunca mais! Nunca mais! Mesmo tendo mais, eu era menos!... E eu que nunca bercei

cria de mim própria gerada?! As dores?, que bem maiores mesmo são as de-depois, que não se afastam e apenas afiam suas garras no devagar dos meses passando... Sempre fiquei no sonho e na vontade de suster nos braços o corpinho respirando suave, cheirando aquela mistura que é suorzinha dele e leite nosso da amamentação... E nunca sentir o suave do gesto da mão passando lenta nos pelinhos fininhos da cabeça... E a moleirinha?!, com que se devia tomar o maior cuidado?!... Nunca ouvir os choros fracos e poder correr até ele pondo espasmos de pavor no meu rosto só pelo gosto de dar o peito e sentir a calma dele todinho tomando conta sendo assim saciado e cuidado!... A mim, isso nunca dado foi! Acho que é como mistura de sofreguidão, carinho, carícia e gratidão que espanta dos olhos cada minúscula gotinha de lágrima e todo ar de contrariedade e de tristeza... Esse prazer, como deve de ser, de sentir o repuxão custoso, o choque demorado elétrico no... deixa eu dizer, vai!... no bico do peito, que vai sendo sugado de vida, e nisso ainda mais ganhando e dando de vida... Mas nunca é que embalei criança tida e havida por mim, nunca mesmo não! E quanto! botei de sonho antecipado nas bonecas que embalava! Ralhava com elas – veja só! – pelo inoportuno de procedimentos e hábitos a corrigir... Ah!, tão bem eu me preparei, para o que não era nem viria... Fiquei falta de mim... A meio-caminho entre nada e nenhum... Pela metade estando o tempo inteiro... Inteira eu fui é naquelas ocasiões... Em que me esmerava para mirar o astro que era e que me seduzia com suas luzes de outros tempos... Com aqueles seus modos de outros espaços trazidos, com suas formas feitas de outra carnadura, se exibindo que não era como a minha... E não se espante assim, é que a paisagem se molhou naqueles dias todos... Como se molhou também da chuva brava e forte que caiu por uns enquantos... Naquela viagem que se fez para os tempos de meses na distância... Quem ficou?! E quantos foram nem sei mais direito, mas seis ou sete... Não foi mais do que isso com certeza... E a volta? Mas foi como eram e são todas elas... É que vamos deixando sempre partes de nós para trás... Tem um medo danado de que esses pedaços largados venham no-após até nossa presença reclamar de seu quinhão

*de jeitos, gestos... E palavras, o que é pior ainda!... Mas vá!, vá dizer que não compensava!... Vá dizer! Que era ainda toda a felicidade ver como se fixava o olhar de estranho feitio ao não falar nada por que não era mesmo de suas habilidades... E ver de longe, mas ainda assim ver! Tomar conta dos meses que vão passando e pondo pasmos e distâncias... Você sabe o que é isso?! Mas sabe?! que dizia tudo pelas dobras deles todas, do prazer pequenininho e passageiro às dores tão grandes quanto silenciosas?!... E aí, quando nada mais dizia de mim o que seria, aí fez que voltou... Mas não era mais o mesmo e mais rápido se foi dessa vez para sempre... Definitivamente mesmo!... E de novo se foi, derradeiro, uma segunda vez e que agora todos sabiam definitiva... Inapelável! Me deixando entregue a mim, a meus meios sem meadas... É! Foi esse Cometa, sim, aquele que todos olharam, mas, afianço, que ninguém de fato viu... Aquele que tão rápido veio e mais rápido ainda foi que se lançou no breu do abismo escuro de onde saiu e saímos... E nem para me levar junto!... E nem para me deixar algum lenitivo com que enfrentar melhor essas penas todas que de mim tomam conta há tanto... E até quando, Deus meu?! E não ia dizendo mais nada coisa nenhuma, apenas se ensaiou no seu falar tartamudeado e mudando em enviesadas inflexões, se bem que, à verdade dita e afiançada, soltou ainda um derradeiro som soprado que parecia bem ser um *Elee!* e nunca mais mesmo nada não disse, a mim nem a ninguém outro do mundo todo inteiro, sim senhor!, pelo tempo todo que ainda juntos passamos e que foram bastantes anos, sim senhor!*

E mais nunca mais disse mesmo coisa alguma, a Lunaflor Rosália. Que, no começo dos meses a que ao silêncio se deu toda entregue, ainda tive alguma espera que ela volvesse só de si por si, mas nada nunca não! E não foram bem e certos os médicos todos consultados, no longe distante, que a Lunaflor Rosália forcejava! e se enfiava em quartos e costuras e nada-de-nada é que a tirava de lá de jeito nenhum não!, nem admitir admitia algum doutor até ela se trouxesse, fosse novo desconhecido especialista, fossem os antigos de-confiança frequentadores da casa-grande desde os

tempos de viço e vigor dos avós Josefo Pereira Mendes e Joana João. E, no até quando de sua morte, também silenciosinha como foi ela toda no por-á-em-diante, até no caso desse passamento seu dela, até mesmo aí se conservou Lunaflor Rosália muda silente e total fechada a palavras que de si saíssem nunca. Dela cuidei, então, nesse tempo inteiro todo, como se exato e provado fosse tivesse ela sido sempre a mãe minha mesma, sem que disso nada de nunca eu houvesse a ninguém confidenciado, até agora aqui... Dela cuidei então, assim como falo e atesto firme, até aquele 4 de novembro de 1969, em que feito vela foi como ela bem lenta aos poucos se apagou, sem ida-e-vinda de Santa-Casa, sem remédios à cabeceira nem aparelhos sustendo seus indas-de-vida, o que começou por recusando usar a dentadura e daí pouco foi o deixar o de-comer todo no prato esfriando, e ficou então recolhida e permanecida até o fim quietinha deitada na cama, sem mais arrelhar com ninguém nem de nada reclamar e nada estorvar, naquela casa sempre sua, no centrinho de Silveiras, no ao-lado da Igreja, entre o posto de saúde e o Clube, de onde saiu féreto em branco esquife para ela mandado por mim confeccionar todo enfeitado e disposto de belos mansos atavios, para Lunaflor Rosália, que mais que todas isso merecia e ainda mais muito tanto!

Soube dela nada mais?, nesse tempo inteiro todo? Algo e alguma coisa sim, até então de-fato notícia tive de como se sucederam os encontros e despedidas dela do Alberto Dioto, disso tudo fiquei inteirado no vendo os modos seus como, tirando os vincos, ajeitava ela a beirada da renda de bilro que fazia de toalha cobrindo pedaço da mesa, escorando-se em movimentos de sutilezas quase imóveis, deixando por vezes os delicados dedos pararem intáteis a meros milímetros das linhas do tecido, ou ainda no quando como ela puxava sem olhar a comprida manga do vestido e desvirava o botãozinho bege do punho, espremido apertado entre o mindinho e o mata-piolho. E foi pelas minúcias ínfimas desses gestos, muito montado na ensinança a mim dada pela Esmerência, é que pude ir desenhando essas filigranas da vida

da Lunaflor Rosália, mas nada que fosse coisa de assunto de mim direto dito e mostrado, e justo nisso aí, também, é que tive alguma luz se abrindo rotas em meio ao imenso não-saber-de-mim. É que, se nada de nada obtinha eu de Lunaflor Rosália em atinar se era ela no duro e no certo a minha mãe mesma!, mesmo há muito tentando o constante esforço de ver e assuntar no mais esconso do possível dela!, se nada daí saía nem eu tirava, não é?! que, então, ficava no indireto provado justamente o que eu não sabia?! Quero dizer, se eu não tinha como nada saber dela e por ela, é então por causa de que eu era impedido proibido de saber!, e se eu era e estava assim interdito!, só podia era ser mesmo por causa de que Lunaflor Rosália tinha mesmo a ver comigo como mãe e minha! Pois não é mesmo?! que eu nunca conseguia ver o que só era eu e meu?! E o que eu não via, então!, era o que eu era e sou! E, mais a mais, donde é?! que teriam surgido os cuidados atenciosos, de hábitos do diário de mãe que veio ela, Lunaflor Rosália, encostando em mim?!, ainda mais e maiores esses tais hábitos desde quando depois de se dar a morte da avó Joana João, parecia ela Lunaflor Rosália livre da vigilância da sua mãe dela e podendo desd'então extrapor em mim os olhares de que antes se eximia.

Mas nunca a ninguém nada disse eu, disse. Compreenderiam?, mesmo só uns poucos que de mim ouvissem contada e explicada essa história inteira assim? Nada de nenhuma coisa algumas! E menos ainda entenderiam se fosse desenrolando o rol de ideias e lembranças e ensimesmações e entestamentos a que me fui entregando no passa-e-vai desses anos todos. Primeiro que tudo, muito me chamou a atenção completa inteira foi mesmo é aquele estranho sequenciar de coincidências, culminando elas todas no papelinho deixado em camufllo no tal e tanto livro na livraria *A Salamandra* comprado, e que me mais pôs em sólidas vontades de estar firme ancorado em toda terra para poder entender tirar e de mim próprio ouvir alto falado o que nele parecia se anunciar. E não era?! que disso falava e se tratava mesmo?! de dois, casal então, enlaçados em amorosa aproximação, essa, uma, mesma

que ia sempre sendo ofensiva à costumia de sempre das pessoas, nós, mas nada impediu fosse acontecida e efetivada mesmo?! Não era então?! que cabia aí direitinho – e ainda tenho amofinações e molestos de isso pôr no direto do aberto e claro e explicado nos tintins –, mas não era?! que cabia direitinho aí, nos proibidos de que aí se falava, não é mesmo?! que eu e nós podemos todos fazer de ver aí alguém que teria sido pai meu tendo sido fortuito e fundo amor lá da Lunaflor Rosália e que, sendo intolerado e defeso por ancestrais costumes, só podia mesmo ser e era o Tio, Eli?!...

...

A mim me dá!, sim, o difícil do falar e de escutar ter o que mesmo digo e escrevo, isso assim acima aí! Mas o que tenho mais que-fazer e dizer?!, senão o aonde me levou tanto de silêncio por mim feito e por Lunaflor Rosália erguido?!, acrescido o isso tudo do pensamentear por que me deixei levar desde que ela, essa Lunaflor Rosália, se entregou à mansa quietude com que, anos antes de finar-se, já entrava de cabeça nas águas do olvidamento. O Tio, Eli, tinha sim para comigo seus tratos de tímida intimidade, isso agora me era no-total evidente declarado, me endereçava ele as atenções de quem vê e vigia num só de tempo. E ainda bem parece que eu, mais que todo outro, devia dele ter trazido de herdado o modo como se podia desfocar o olhar e pôr a vista em algo justo para não vê-lo, estando o foco em outro, naquela estranheza de como se fixava o olhar numa coisa para de fato ver outra, aprendimento que acho que de-fato nunca alcancei a exercer inteiro em toda competência. E cresce ainda acrescentado – coisa que em mim rebentou como vento acostando os ares todos no em-cima de mim próprio –, foi o dia e hora exata em que me dei conta de que as falas se torturam sempre quando saem por último da boca das gentes, e que, na voz do avô Josefo, lá naquela Santa-Casa de Cachoeira-Paulista, o que por último me deu ele a saber derradeiro, não foi no-exato aquele

*Ele!... Ele!...* que eu julguei ter entendido e imediato associei ao Juca Capucho, mas muito bem certo um *Eli!... Eli!...* que a fraqueza da boca e a força do esvair-se da vida dava arrevesada pronúncia. De fato e de-vera, parecia era o mesmo tom e desforça no dizer igual último também da Lunaflor Rosália, em que soltou algo como um *Eleee!* e que agora eu via e ouvia como um possível quase certo taxativo *Eli!*, mas que ela própria não podia, nem mais eu via como, aceder concordante, positivada!

E agora, como desde há muito, vige e impera esse fogo querendo me calcinar nos por-dentos e avessos meus, que desde a morte passada e chorada e por muito de gente acompanhada ao cemitério de Silveiras, da Lunaflor Rosália, me empunhei de bota-espora e cabresto resoluto em imergir no que fora de mim feito no meu dentro desde o começo daquilo. Dei ainda mais de excogitar nos tudos que havia visto, ouvido, lido, falado, encontrado, e para nada encontrava a saída fácil, de imediata simples explicação. É fato e certo!, para o onde eu me virasse, havia e via sempre um enredamento de tramas que mais me prendiam em mim do que me atavam à vida própria. E como? me explicar no devido aquela absconsa pejosa origem de pai e mãe meu minha?, que nenhuma outra se podia ter à vista à mão para poder pôr em boas concórdias com tudo que eu vi vivi li ouvi pensei guardei? Amiudei, então, no-possível de dias soltos e disponibilidade de dinheiros, minhas idas ao Rio-de-Janeiro e a São-Paulo, enfurnado que ficava por horas e horas, durante os poucos de prazos de uns dias em que arranjava onde por lá me arrancar, apenas só frequentando velhos alfarrabistas, à cata de obras de mesmo jaez daquela que do Rio-de-Janeiro havia trazido, e trazia então elas todas a Silveiras, instaladas em feição de biblioteca na sala da casa que, sendo antes de Lunaflor Rosália, era agora minha onde morava residido permanente. E eram elas umas resmas de latinórios, algumas porcas traduções mal ajambradas e pior ainda feitas, um encaracolamento de *tractatus brevis sive summarium philosophicum désir désiré Novum Lumen*

*chymicum et naturae fonte et manuali experientia depromptum et in 12 cins tractatus divisum operatie elixiris philosophici il Mistero delle Cattedrali tractatus chymico-philosophicus de rebus naturalibus et supernaturalibus metallorum et mineralium currus triumphalis antimonii le dimore filosofali introitus apertus ad ocllusum regis palatium.* Tudo todas em volumes peganentos com as suas ensebadas capas pelo bastante que foram de mãos em mãos passadas, obras que de mim exigiam luzes de leitura e entendimentos que depassavam de-muito mesmo até os bons inícios de línguas do Francês e do Latim, no grupo escolar aprendidos com a mestra Dona Maroquinha Senne, em aulas suas em que praticávamos até belas caligrafias de letra gótica. Mas nem bastava mesmo isso tudo, e aconteceu-me em grande valia foi então o Padre Sovero, que não apenas me ia mostrando algum caminho e senso no seguir as latinas palavras, como com algum rudimento de Grego até me obsequiou. Era ele português forte grandalhão, de quatro e mais costados, mas simplista e atencioso nas educações e modos quase de moça com que tratava a tudo, gente e bichos e coisas, e nunca se furtou a tirar boas horas de suas mais atividades, para o auxílio que eu ia, sem pretexto e explicações, a ele pedindo.

E o quê? mesmo era que eu lia e tortamente tentava acompanhar naqueles todos textos? Era nada não mesmo! o evidente e o esconso que elas certamente deviam de trazer para outros que liam com seus certos claros interesses, nada disso mesmo não! Que eu buscava justamente entender no que quase lá não havia para ler. Eu estava era é como alguém que fosse aquinhoado com o acaso de ir recebendo muitas dezenas de mensagens de naufragadas gentes, todas e cada uma dando conta de diverso local e esbravejando as várias distintas obviedades dos pedidos de resgate-socorro, que eu, emendando a cada uma as outras, ia era lendo uma uma história, mas outra diversa, que não estava em cada uma das mensagens, e que eu ia descobrindo poder alinhar costurar tecer tramar por mim próprio no total ajuntado delas todas. Verdade, verdades?!



Mas esta estas não estão é mesmo em parte alguma!, e só no total do fim é que inúteis se dispõem, parece!

De fato e em certo, sei mesmo total a certeza sobre mim? Nada de nhumas nenhuma não! Ou, no-acaso, assim fazendo e procedendo, quem até aqui veio vendo ouvindo minhas palavras todas, pacientemente cerzindo ponto-a-ponto suas esconsas costuras, esses que até aqui, e no-depois ainda, vão ficar perguntando em alto-som enunciado seu *Por quê?*, acrescentando um *Como?*, e pensando um *De que jeito?* Que é mesmo, nesse ir-perguntando que vão todos vocês, menos eu, chegando às vias e aos fatos, isso tudo que a todos, menos a mim mesmo só!!!, se desvela próprio e pronto. E se algo no fim fundo descobri, é o próprio certo do sempre ser da gente, isso, que a verdade inteira estirada da pessoa nunca é que a ela se mostra, mas só apenas ao demais, outros, justo esses todos outros que disso mesmo quase nunca é que se inteiram e tomam consciência de carregar pela gente o que não chegamos a ter...

E, no mais das demasias, que é então?! que me sobra mesmo de meu, para fazer e intentar seguido e reto?!, senão o dar continuada ação ao que nem mesmo sei bem ao que foi que veio e vim, esse tortuoso caminho em que vislumbro, ainda nos incertos, um pai possível e uma mãe tentada, a meio-metade eles dois dando nesse meu-eu sempre menos que inteiro, mas diga lá onde?! é que a inteirice deles dois pode é se completar porventura acaso, a não ser em mim sim?! É que, revendo passos, posses e pontos meus, até aqui contados no raso da honesta direiteza, tudo junto colocado e visto, vejo que no mais acabei falando de morte, morte, morte, morte, morte e, ainda, agora, mais morte... Mas, a última, esta, ela não se poderia?! transtornar em vida, pelo ajuntamento delas todas, seu ajunto, bem em mim dentro, perfazendo o esburacado que me trazem todas, justo a renda com que vou preenchendo esses vazios, com belos bordados no rodeado das tramas e das falas e das histórias e dos casos e das gentes que, em sua ausência, foram assim me dando e me fazendo?!

De quem pôde ser minha mãe, então, aquela essa Lunaflor Rosália, dela nunca pude tomar a bênção. Nem nunca tomar a bênção pude de quem parece em tudo meu pai ter sido, o Tio, Eli, aquele e esse. E sabem? que ainda hoje não atino bem-direito com o por-quê motivo pulou ele de cabeça reto direto?, pois que, dias atrás andei lendo algum compêndio de sérias investigações, em que se afiançava no-duro e seguro que todo o mundo que pula desta p'ra outra, salta é mesmo de pé como que a tentar nos fundos avessos seus ainda retardar tatinho que seja o contato final último com o chão e, daí, com a Magra. Teria o Tio? então pulado em beijo derradeiro de amor à vida ao mundo? Ou à que sempre foi sem ter nunca sido sua mulher às veras? Ou por ter perdido? a mínima última míngua de esperança de com ela entretecer suas proximidades e laços pela rivalidade com alguém outro que estava no então tão dela próximo? Ou terá sido seria?! mesmo e mais pelas vaticínias falas daquela tão longíngua Ziborah e que impôs se pusesse esse então Tio em lugar que, não fosse dele por ele escolhido, no fatal é que de-meu certo seria?! Nada vou não sabendo, mas sabendo isso sim que em algo tenho que acreditar, desde o início até o agora do aqui deste domingo 27 de outubro de 2002, conforme posso ver no jornal largado em cima da mesa, ainda dobradinho todo não tocado. Tanto de tempo passado!, usado e gasto no em-cima de tão poucas coisas sabidas! Tanto de coisa cabendo em tão parco espaço de folhas e linhas, essas que aqui vão se dando ainda mais um tanto. Como fôlegos últimos que se tenta ainda sempre. Esse muito em tão pouco de demasias. E esses, estes, a quem isso, tudo, foi contado? Quanto que terão de tento? Gastado de seu tempo? E de seu ser? Só para o dar conta?!, e cabo do meu sido?! Se bem olho, e ainda, mal vejo? Esse meu em-mim, tão espalhado, de-si! Entortado, enorme do que, de mim se fez! Esse eu, de-sempre metade, tentando à-toa, inteiro ser! Em algo... Em algo sim, se tem de acreditar! Como não?! Com que, arma e jeito?!... Se dar a atravessar, os absconsos de si?! E da vida nossa?!, assim disposta, em duros mistérios?! Em

alguma coisa, se há, de acreditar mesmo... Seja nas só palavras, nossas! Na maneira, como elas contam, sem dizer, até! Que elas, revelam essa vacuidade, que tanto tanto tanto dói! Demais dói! Mas, sabe?, é no quando dói!... É aí, bem aí, sim, mesmo!... Que o que dói, se dá sempre, ainda, a sentir. Mas tenho, ainda, tempo e intento, de durar? Muito mais, não! Eu, de mim, que nunca fui... Certo, nunca estive! Como é que, agora seria?... Me daria asseguranças?, todas, de saber, o incerto dessabido? No que contei, nada sei! Pouco aprendi. É verdade, não há o dizer, outro. Só posso é acreditar, em quem, aqui, me lê ouve vê. Eu trago, sim, no em-dentro, de mim ela inteira, possuída! A casa-grande e a fazenda! É, sim, a mim dadas... não! Mas retomadas reconstruídas, palmo a palmo, tijolo a telha... Assim por mim. É que, em toda perda... Em cada um, dos mortos... Eles ainda estão, aqui, do meu lado, morrendo sempre, sem-parar... Mas me acompanhando, nessas durezas. Em cada, desses meus mortos, é que eu estou. Me renasço revivo, ainda... a cada dia... Sentindo, o oco da ausência, deles. Como foi... sempre! A gente, filho, à vera, então, fica?!... é quando sente... falta do pai?!... e da mãe?! E só tenho, mesmo, nisso, no enfim, o acreditar em quem, aqui, me lê ouve vê. E o quê que resta, no mais além? Só neles, vocês todos, está verdade, essa! Que a mim, se mostrou sempre, a-meio... Em furta-cor, se fazendo, fuga. Consolo, tenho eu? O mero, e só de saber, que foi, por mim... Que ela, foi sim, foi a vocês, que ela veio, veio, veio. E vai-se indo, no ao que veio... Essa vida minha...



• • •

Este livro foi editorado com as fontes Chaparral Pro e Adobe Garamond Pro. Miolo em papel pólen soft 80 g. Capa em cartão supremo 250 g. Impresso na Gráfica e Editora 3 de Maio em sistema de impressão offset.

